

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ANNA FLÁVIA GUIMARÃES HARTMANN

A eficácia terapêutica (variável) de regras de interação social:

Uma etnografia das salas de reunião dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos em
São Paulo (2016-2020)

Versão corrigida

São Paulo
2022

ANNA FLÁVIA GUIMARÃES HARTMANN

A eficácia terapêutica (variável) de regras de interação social:

Uma etnografia das salas de reunião dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos em
São Paulo (2016-2020)

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em
Sociologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fraya Frehse

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Hartmann, Anna

A eficácia terapêutica (variável) de regras de interação social: Uma etnografia das salas de reunião dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos em São Paulo (2016-2020) / Anna Hartmann; orientadora Fraya Frehse - São Paulo, 2022.

137 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Sociologia.

1. Alcoólicos Anônimos. 2. Narcóticos Anônimos. 3. Eficácia terapêutica. 4. Regras de interação social. I. Frehse, Fraya, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE [Termo de Ciência e](#)
[Concordância do \(a\) orientador \(a\)](#)

Nome do (a) aluno (a): Anna Flávia Guimarães Hartmann

Data da defesa: 20/04/2022

Nome do Prof. (a) orientador (a): Fraya Frehse

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 19/09/2022

(Assinatura do (a) orientador (a))

HARTMANN, Anna. **A eficácia terapêutica (variável) de regras de interação social:** Uma etnografia das salas de reunião dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos em São Paulo (2016-2020). Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Fraya Frehse (orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Edemilson Antunes de Campos

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Ricardo Mariano

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Concluída a pesquisa que originou esta dissertação, gostaria de expressar aqui minha gratidão a algumas pessoas e instituições.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) agradeço pela bolsa concedida, que viabilizou a realização da pesquisa.

À Universidade de São Paulo, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-USP), pela grandeza do seu compromisso com seu ensino de excelência e pesquisa de excelência, mesmo ao atravessar uma era de *Zeitgeist* hostil para com a ciência, a educação e as instituições públicas sérias.

À minha orientadora, Fraya Frehse, que me acompanha desde a iniciação científica, pela dedicação e paciência direcionadas à minha socialização enquanto pesquisadora e cientista social.

Aos professores Hermílio Santos e Edemilson Antunes Campos, pelos comentários e sugestões na banca de Qualificação e, também, a disponibilidade para comporem, junto com o Prof. Ricardo Mariano, a banca de avaliação final desta dissertação.

A pós-doutor Lenin Bicudo, pelos comentários sobre a minha pesquisa no âmbito do Seminário Discente do PPGS-USP. Aos professores Alvaro Comin, Sérgio Adorno e Sylvia Gemignani Garcia, pelas recomendações e sugestões para a minha pesquisa, em disciplinas da pós-graduação e da graduação que cursei.

Aos membros dos Alcoólicos Anônimos Campos Elíseos e Narcóticos Anônimos Santa Cecília, pela receptividade e generosidade com que me deixaram acessar suas reuniões e suas histórias.

Aos colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço e do Tempo (NEPSESTE), em especial a Cris, Caio, Helena, Edgar, Martha, Vinícius e Laura, pelo compartilhamento, comigo, de espaços e processos de intensíssimo amadurecimento intelectual.

Aos colegas que exerceram comigo a Representação Discente do PPGS-USP entre 2020 e 2021, Thaís, Lucas e Vinícius, pelos momentos de aprendizado.

À revista *Plural*, por ter me acolhido em sua comissão executiva e me apresentado à "cozinha" da divulgação científica.

Às amizades que a Universidade de São Paulo me proporcionou, em especial, às trocas com João, André, Laís, Clara, Fernanda, Marcus, Vítinho, Liam, Nicholas, Karen e Rafa (*in memoriam*).

Aos meus pais, Flávia e Gilberto, sou grata por semearem em mim o que considero meu maior tesouro —a curiosidade—, e pelo apoio, incomensurável, ao meu desenvolvimento intelectual.

À minha família —mais uma vez meus pais, mas também meu irmão Pedro, meus avós, meus tios, meus primos e todos os parentes de uma família mineira, muito extensa e coesa— agradeço pelo cultivo, em mim, de valores humanistas e solidários, gêneses do meu interesse na pesquisa em humanidades e dos meus interesses temáticos.

Enfim, sou grata a todos aqueles que me acompanharam durante todo o percurso que resultou nesta dissertação e pacientemente escutaram meus relatos sobre os caminhos e os achados da pesquisa: Vinícius, Jonas, Caio, Cheng, Helô, Matheus, Marcela, Romão, Tomás, para citar apenas alguns.

HARTMANN, Anna. **A eficácia terapêutica (variável) de regras de interação social:** Uma etnografia das salas de reunião dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos em São Paulo (2016-2020). Dissertação (Mestrado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2022.

RESUMO

A eficácia do tratamento para alcoolismo e adicção em substâncias químicas promovido pelos Alcoólicos Anônimos (AA) e pelos Narcóticos Anônimos (NA) ainda é um tema relativamente aberto no debate científico internacional anglo-americano e brasileiro voltado a mensurar quantitativamente essa mesma eficácia. Uma das principais dificuldades que aparecem na discussão é a mensuração da eficácia de um tratamento de base conceitual religiosa e de participação voluntária, que prevê que sua efetividade depende da “crença” dos participantes. Com o objetivo de enfrentar esta questão sociologicamente por uma via etnográfica, esta dissertação analisa etnograficamente as duas instituições e como o tratamento ali ocorre, com enfoque, de um lado, nas interações sociais que se dão nas chamadas salas de reunião das sedes institucionais de cada “irmandade” e, de outro, nas concepções que seus membros têm, ali e então, do tratamento. Nesse sentido, o pressuposto da investigação é de que há uma eficácia simbólica —lévi-straussiana— no tratamento. Já a perspectiva metodológica se pauta nas regras de interação social vigentes no interior das salas de reunião durante os encontros terapêuticos entre os membros de cada uma das irmandades. Minha hipótese é de que tais padrões contribuem para as representações dos membros de cada irmandade sobre diferentes níveis de eficácia para as terapias propostas por cada uma das instituições. A fim de averiguar tal possibilidade, o objeto empírico desta dissertação reside tanto nas regras de interação dos membros nas salas de cada grupo no “calor da hora” de cada reunião quanto em como os membros de cada instituição concebem a eficácia (maior ou menor) do tratamento nesse mesmo calor da hora de suas interações sociais ali e então. Isso implica levar analiticamente em conta também, mediante pesquisa documental, os estoques de conhecimento de senso comum que chegam às salas de reunião por meio dos livros e folhetos sobre o seu suposto valor terapêutico que por ali circulam física e simbolicamente durante as reuniões. Assim, a partir de dados de trabalho etnográfico realizado comparativamente entre junho de 2016 e fevereiro de 2020 nas sedes dos grupos autodenominados AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília, que são vizinhas de porta uma da outra, localizam-se ambas no distrito paulistano central de Santa Cecília, e cujos membros então tinham perfis biográficos e

sociais parecidos entre 2016 e 2020, identifiquei regras de interação verbais e não verbais vigentes nas reuniões com a ajuda da reflexão goffmaniana sobre a interação social, relacionando-as com o estoque schütziano de conhecimento de senso comum propagado pelos AA e NA através de seus livros e folhetos. A conclusão que chego é que os membros dessas instituições associam a eficácia do tratamento para alcoolismo e adicção oferecido por essas instituições com certas regras de interação vigentes nas reuniões —pontualidade, manutenção de contato visual durante as reuniões, respeito ao tempo de fala proposto, narração de histórias pessoais de superação, falas com um sentido lógico discernível, se manter fisicamente no espaço das salas durante as reuniões— e em suas falas relacionam essas regras com valores difundidos pelas irmandades, através de seus livros e folhetos, de valorização da figura do indivíduo e da responsabilidade individual. Ademais, chamo atenção à importância que os membros dessas instituições dão ao que chamam de "amizades" ao justificar sua frequência às salas e adesão ao tratamento.

HARTMANN, Anna. **The (Variable) Efficacy of Rules of Social Interaction: An Ethnography of the Meeting Rooms of Alcoholics Anonymous and Narcotics Anonymous in São Paulo (2016-2020).** Master of Arts Thesis. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2022.

ABSTRACT

The efficacy of alcoholism and addiction treatment promoted by Alcoholics Anonymous (AA) and Narcotics Anonymous (NA) is an open topic in the scientific debate. This debate is dominated by quantitative health research conducted in the U.S., and the results of this research are inconclusive and contradict each other, with some of the main difficulties in this debate being the measurement of the effectiveness of a religious-based treatment, which predicts that for the treatment to "work" it is necessary that the "members" of the two institutions believe in it, and the participation of such members is voluntary. With the underlying goal of entering this debate sociologically through an ethnographic path, the research that underlies this dissertation analyzes these institutions in search of how treatment occurs within the social interactions inside the meeting rooms of the "members" of each of these institutions, apprehending how members perceive treatment on such occasions. In this sense, the assumption is that of the symbolic efficacy of such treatment, and the methodological perspective is that of the rules of social interaction prevailing within the meeting rooms during therapeutic meetings between members of each of the groups. The hypothesis is that such patterns ensure different efficacies for the therapeutic treatments proposed by each of the institutions. In order to ascertain this possibility, the empirical focus of this dissertation lies in how the members of each of the institutions come to believe that this treatment is (more or less) effective "in the heat of the moment" of their social interactions during meetings in the rooms of each group, which implies analytically taking into account also representations that these institutions, through the books and pamphlets that circulate in these same rooms during meetings, convey as having therapeutic value. Based on data from ethnographic work comparatively carried out between June 2016 and February 2020 in the meeting rooms of the groups called Alcoholics Anonymous "Campos Elíseos" and Narcotics Anonymous "Santa Cecília", door neighbors in the central São Paulo neighborhood of Santa Cecília and whose members had very similar biographical profiles in the time frame contemplated here, I identify the interaction rules —verbal or non-verbal— in force in the

rooms during the meetings with the help of Goffmanian reflection on social interaction and relate them to the —Schützian stock of common-sense knowledge diffused by AA and NA through their books and pamphlets. My finding is that these institutions' members link the effectiveness of the treatment for alcoholism and addiction offered by these institutions with certain rules of interaction in the meetings —punctuality, the maintenance of eye contact during the meetings, respect for the proposed speaking time, telling recovery stories, speeches with an understandable logical sense, physically remaining in the space of the rooms during the meetings— and in their speeches they relate these rules with values disseminated by the fellowships through their books and pamphlets of valorization of the figure of the individual and of individual responsibility. Furthermore, I draw attention to the importance that these institutions' members give to what they call "friendships" when justifying their attendance at the rooms and adherence to treatment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia entrada dos Alcoólicos Anônimos-Campos Elíseos	24
Figura 2 – Fotografia entrada dos Narcóticos Anônimos-Santa Cecília	24
Figura 3 – Fotografia por satélite demarcando os Alcoólicos Anônimos-Campos Elíseos, os Narcóticos Anônimos-Santa Cecília e a chamada Cracolândia paulistana	25
Figura 4 – Desenho de “Mulher se auto analisando”	111
Figura 5 – Desenho de “Homem refletindo sobre o seu comportamento”	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
<u>CAPÍTULO 1- Do conhecimento científico sobre a eficácia terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos</u>	33
Mensurando a eficácia físico-orgânica	35
Compreendendo a eficácia simbólica	42
Ponderações acerca dessas pesquisas	49
<u>CAPÍTULO 2- A eficácia do tratamento dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos nos textos impressos das instituições</u>	51
Uma certa história religiosa prévia	51
Fundamentos da eficácia terapêutica dos AA e NA contidos nos impressos dessas instituições	53
Alguns estoques de conhecimento que os impressos das irmandades difundem acerca de evidências da a eficácia do tratamento	62
<u>CAPÍTULO 3- Uma descrição etnográfica das salas de reunião e reuniões dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos no bairro paulistano de Santa Cecília</u>	66
O espaços das salas de reunião	67
Os membros	69
Relatos das reuniões	73

<u>CAPÍTULO 4- A eficácia dos AA e dos NA nas salas de reunião dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília</u>	84
Regras de interação sinalizadoras de eficácia simbólica	84
Presença variável de argumentos legitimadores de livros e folhetos	97
Presença variável de individualismo de base religiosa	103
<u>CONCLUSÃO</u>	116
<u>FONTES PRIMÁRIAS</u>	120
<u>FONTES SECUNDÁRIAS</u>	122
<u>ANEXOS</u>	133
Anexo I: Vulnerabilidade social em Santa Cecília	133
Anexo II: Cortiços em Santa Cecília	134
Anexo III: Tradições de Alcoólicos Anônimos	135
Anexo IV: Tradições de Narcóticos Anônimos	136

INTRODUÇÃO

Muitos seres humanos que sofrem de alcoolismo e/ou de adicção¹ em substâncias químicas passam pela chamada “remissão” —isto é, o abrandamento ou desaparecimento dos sintomas de adicção— sem qualquer tipo de intervenção médica ou psicológica. Já outros precisam de algum tipo de tratamento —ou, recorrendo-se ao termo técnico de origem grega, “terapia” (PARTRIDGE, [1966] 2006, p.3437). Usualmente, formas mais severas de alcoolismo e/ou adicção podem se tornar crônicas e envolver “recaídas”, contexto em que tratamentos contínuos com monitoração constante tendem a ser necessários (KELLY; GREENE; BERGMAN, 2014, p. 645). O alto custo econômico dessas terapias de longa duração associado à insuficiência numérica de profissionais aptos a oferecê-las, explicam a relevância social das instituições gratuitas de ajuda mútua (COCHRANE, 2020, p. 15), como os Alcoólicos Anônimos (AA) e os Narcóticos Anônimos (NA).

Os AA e NA são auto intituladas "irmandades" que foram fundados nos Estados Unidos respectivamente em 1935 e 1953, possuindo uma mesma matriz conceitual religiosa, de origem protestante. O programa terapêutico dos AA tem como referência o "Moral Rearmament Movement", mais conhecido como Grupo Oxford, fundado pelo pastor luterano-pietista Frank Buchman (RUDY; GREIL, 1989, p. 43). Por sua vez, os NA são uma dissidência dos AA e foram fundados por antigos membros dos AA que almejavam ter um grupo voltado para quem se percebia como tendo problemas com drogas outras afora o álcool.

Aproximo a categoria nativa de “irmandade” da conceituação de Peter e Brigitte Berger ([1977] 1999, p. 193) de “instituição”: "um padrão de controle, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade". Ao caracterizarem o que seria uma instituição, Berger e Berger usam o exemplo da linguagem, afirmando que é a linguagem que fornece o contexto no qual um indivíduo entende a si, aos outros e ao mundo; e que, nesse sentido, a linguagem é o controle mais poderoso da sociedade sobre os indivíduos (Ibid., p. 199). Essa definição é especialmente útil para a minha pesquisa, pois permite apreender os AA e dos NA não como uma soma de salas ou de grupos e membros², mas como um conjunto

¹ Uso aqui os de alcoolismo e adicção pois são as categorias nativas utilizadas pelos AA e NA no Brasil.

² Aproximo as categorias nativas de sala e grupo ao que Erving Goffman ([1961] 1974, p. 15) chama de “estabelecimentos sociais”, que são “locais, tais como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas, em que ocorre atividade de determinado tipo”. Os grupos, por sua vez, remetem ao conjunto dos protagonistas das atividades que ocorrem em tais locais. Por sua vez, os membros são os sujeitos empíricos que participam das reuniões desses grupos.

de significados veiculados pela instituição através de livros, folhetos e, indiretamente, por membros que internalizam esses significados nos grupos. Ambas as irmandades seguem o mesmo programa terapêutico, baseado nos “Doze Passos”, um código de regras —regularidades simbólicas— de conduta comportamental a serem seguidas (portanto, de natureza normativa). Abaixo seguem, na íntegra, os "Doze Passos" dos AA e NA, respectivamente;

- 1 – Admitimos que éramos impotentes perante o álcool —que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas;
- 2 – Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade;
- 3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que o concebíamos;
- 4 – Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos;
- 5 – Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas;
- 6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter;
- 7 – Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições;
- 8 – Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados;
- 9 – Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem;
- 10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente;
- 11 – Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade;
- 12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, s.d.).

- 1 – Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis;
- 2 – Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade;
- 3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos;
- 4 – Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos;
- 5 – Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas;
- 6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter;
- 7 – Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos;
- 8 – Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e nos dispusemos a fazer reparações a todas elas;
- 9 – Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras;

10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente;

11 – Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós o compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade;

12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, s.d.).

O cumprimento dos ditames ali elencados levaria seus membros a ficarem abster-se e a se recuperarem. Segundo os AA e os NA, o tratamento para álcool e adicção consiste no estudo de uma literatura composta por livros e folhetos difundidos pelas editoras dessas irmandades, além da presença física dos membros nas reuniões, realizadas em salas de reunião específicas. De fato, é através dessa literatura e dessas reuniões que esse código de conduta é transmitido aos membros. E é no aprendizado desse código de conduta por parte de seus membros que, segundo essas irmandades, residiria a eficácia do tratamento oferecido por elas. A partir disso abre-se uma questão; para essas instituições, como seus membros devem começar a ver as outras pessoas e quais sentidos eles devem dar à realidade para se recuperarem?

A fim de operacionalizar essa questão, a noção de internalização, tal como definida por Peter Berger e Thomas Luckmann me é muito útil. Para os autores ([1966] 2014, p. 168) a internalização é a base da compreensão de nossos semelhantes e da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. Esse conceito me é útil porque o que quero saber é quais estoques de conhecimento essas instituições difundem como sendo de internalização necessária por parte dos membros, para fins de eficácia terapêutica. Logo, em outras palavras, que estoques de conhecimento seus membros devem internalizar durante o tratamento para se recuperarem, segundo essas instituições?

Investiguei essa questão a partir da análise de livros e folhetos publicados pelas editoras das irmandades e que foram citados pelos membros dos AA-Campos Eliseos e NA-Santa Cecília durante as reuniões dos grupos. O que essa análise insinuou foi que essas instituições difundem um estoque de conhecimento relacionado com o que chamo aqui de *individualismo de base religiosa* e propagam que a eficácia do tratamento oferecido por elas depende do membro internalizar isso.

Tal *individualismo de base religiosa* envolve a ideia de que o membro deva se autoanalisar, assumir responsabilidade sobre suas ações e ver-se como um indivíduo

independente das outras pessoas com as quais convive, elementos que são atravessados pela crença em um “Poder Superior”. O individualismo é um tema de pesquisa extensivamente trabalhado nas ciências sociais e não pretendo aqui fazer considerações exaustivas sobre a temática. Mas aproximo o que chamo de *individualismo de base religiosa*, difundido pelos AA e NA, da noção de culto do indivíduo durkheimiana.

Para Émile Durkheim (1893 *apud* GIDDENS [1995] 1997, p.150-151), o que ele nomeava como "culto do indivíduo" foi criado pela sociedade e era composto por valores cuja expressão intelectual havia sido formulada pelos filósofos do século XVIII e inspiraram a Revolução Francesa. Esses valores enfatizavam a dignidade do "homem" em geral, valorizavam sentimentos de compaixão com os outros e implicavam que a autorrealização de todos os seus indivíduos era um objetivo o qual uma sociedade deveria almejar (Ibid.). Apesar desse "culto do indivíduo" florescer nas sociedades modernas, ele tinha uma origem histórica imediata no protestantismo e se baseava de forma mais ou menos geral em concepções comuns a todas as formas de cristianismo (Ibid.).

Um autor que também trabalhou o tema do individualismo e enfrentou como esse "culto" se expressa no Brasil foi Roberto DaMatta. Para o autor (1997, p. 221), apesar de empiricamente todas as sociedades serem compostas de indivíduos, a noção de indivíduo ser "uma unidade social relevante e ativa na formação social, capaz de gerar os ideais concomitantes de individualismo e igualitarismo, é um fato social e histórico, objetivamente dado, produtivo do desenvolvimento de uma formação social específica: a civilização ocidental" (Ibid.). Algumas características do indivíduo como construção histórica seriam: ser igual a todos os outros; ter escolhas, e elas serem vistas como seus direitos fundamentais; ter emoções particulares e uma consciência individual; relações de amizade são importantes, porque são baseadas em escolhas (Ibid., p. 225-226).

Ao contrapor as concepções de indivíduo nos Estados Unidos e no Brasil, DaMatta afirma que enquanto nos EUA valores individualistas estariam muito sedimentados e que a infração desses valores geraria sanções morais. Por sua vez, no Brasil para pessoas dotadas de recursos materiais e sociais, a individualização raramente ocorreria. No contexto brasileiro, que DaMatta coloca como uma sociedade semitradicional, esse processo de individualização estaria associado com situações nas quais os brasileiros não possuem recursos para serem tratados como “especiais” (Ibid., 242). A contraposição que DaMatta faz em relação ao caso brasileiro e o estadunidense me é especialmente útil, pois os EUA são justamente o país no qual o programa terapêutico dos AA e dos NA foi gestado.

Os AA e os NA atuam concretamente no tratamento de alcoolismo e adicção por meio de reuniões à primeira vista socialmente horizontalizadas entre seres humanos adictos: tais encontros são gratuitos e organizados por diferentes “grupos” ou “salas” que congregam membros antigos e mais novatos de cada instituição, além de ingressantes, em salas de reuniões vizinhas de porta e espalhadas por cidades dos quatro cantos do mundo. Ali, os adictos contam uns aos outros, no âmbito das chamadas “partilhas”, as suas próprias trajetórias de adicção, eventuais remissões e recaídas, em meio a falas motivacionais proferidas pelos membros mais antigos de tais “irmandades” e à difusão de material impresso produzido no país-sede de ambas, e cuja base normativa comum é constituída de “Doze Passos” comportamentais, a serem seguidos em prol da cura (Diário de Campo). E isso mesmo que, como veremos mais adiante, aquilo que denomino eficácia *físico-orgânica* do tratamento das duas instituições —ou seja, se, submetidos ao tratamento, os membros de cada uma delas se tornam ou não abstêmios, em termos físico-orgânicos— ainda seja um assunto em aberto, no debate científico.

De acordo com os dados oficiais disponíveis mais próximos do período temporal aqui em foco —o intervalo entre 2016 e 2020—, 1,5% da população entre 18 e 65 anos residente na região Sudeste do Brasil em 2015 apresentou dependência de álcool nos 12 meses anteriores à pesquisa (FIOCRUZ; SENAD, 2018, p. 130), sendo que 1% apresentou dependência de alguma substância, exceto álcool e tabaco, nos 12 meses anteriores à investigação (Ibid., p. 136). Do total dessa população, 1,7% —cerca de 1,1 milhão de pessoas— já teriam recebido algum tratamento para uso de álcool e outras drogas na vida (Ibid., p. 148). Segundo Pedro Henrique Antunes da Costa (2015, p. 403), psicólogo brasileiro que pesquisou o que chama de “redes de atenção ao usuário de drogas”, a cobertura do Estado brasileiro para tratamento de dependentes químicos seria escassa e os profissionais da área possuiriam uma formação deficitária, além de serem numericamente insuficientes para atender à demanda existente.

Nesse cenário, assinala Costa (2015, p. 398), instituições como os AA e os NA assumem expressividade social, mesmo que sua eficácia não seja comprovada, dentre as formas de organização da sociedade civil brasileira na rede de atenção sobre drogas. Essa situação não é exclusiva ao Brasil, também os relatórios Cochrane (2020, p.5), uma influente revisão bibliográfica de pesquisas quantitativas sobre a eficácia orgânica do tratamento (KELLY, 2020, p.2) defende que, na prática, os AA seriam parte do sistema de tratamento de dependência alcoólica presente em muitas nações. De fato, antes do advento da pandemia de Covid-19, em 2019 os AA estavam presentes em 180 países, possuíam mais de 2 milhões de

membros e 125.557 salas de reunião (GENERAL SERVICE OFFICE, 2021). Dessas salas, 64.526 se encontravam nos Estados Unidos (Ibid.) e, em torno de 4.700, no Brasil (Ibid.). O maior país da América do Sul era, até no mínimo 2010, aquele com o maior número de membros dos AA, depois dos Estados Unidos e do México, respectivamente (VERSOLATO, 2011, s.p.).

Os NA, a seu turno, ofereciam por volta de 70.000 reuniões semanais em mais de 144 países, no ano de 2018 (NARCOTICS ANONYMOUS, 2018). O Brasil era, até 2015, o terceiro país com mais membros de NA, depois dos Estados Unidos e do Irã. Em nosso país foram realizadas, no ano de 2015, mais de 4.300 reuniões semanais em cerca de 1.600 salas de NA (BOECKEL, 2015, s.p.). Em especial na cidade de São Paulo —que é o contexto que me interessa aqui em particular— havia, em 12 de abril de 2018, 124 grupos dos NA e 126 grupos dos AA (cf., respectivamente NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2018, e ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2018)³.

Além disso, cumpre notar que tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos a abrangência do tratamento oferecido pelos AA e NA vai além dos grupos dessas irmandades. Os “Doze Passos”, concebidos pelos AA nos EUA em 1935, eram utilizados em 2016 por 70% das Comunidades Terapêuticas (as chamadas CTs) brasileiras (IPEA, 2017, p.22) e, em 2013, por cerca de 74% dos chamados “centros de reabilitação”, nos Estados Unidos (STAFF, 2022)⁴.

O referencial empírico desta pesquisa são duas salas dessas irmandades, os AA-Campos Elíseos e os NA-Santa Cecília. Como vemos pelas fotos abaixo (Figura 1 e 2) ambas são localizadas no subsolo da Paróquia Santa Cecília e suas entradas são uma ao lado da outra. Ademais, as salas estão internamente separadas apenas por uma parede e contém uma porta que as liga (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

³ Pelo que pude aferir por meio de uma pesquisa exploratória na lista dos endereços dos grupos veiculados nos *sites* das duas instituições em 2018 (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2018; NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2018), grupos de AA e de NA usualmente ocupam endereços pares na cidade, o que explica a quase analogia no número de sedes de uma e outra instituição.

⁴ Apesar de as CTs usarem os moldes de reuniões adotados pelos AA e os NA, além dos Doze Passos, os AA e os NA não encontrei menções nos livros e folhetos das instituições que circulavam nos AA-Campos Elíseos e nos NA-Santa Cecília às CTs. Entretanto, diversos membros de ambas as salas compartilharam sobre terem passado por internações (Diário de Campo, 07 mar. 2018, 15 mar. 2018, 19 mar. 2018, 09 abr. 2018, 04 jun. 2018, 27 nov. 2019, 04 dez. 2019). Ademais, enquanto o programa do tratamento dos grupos anônimos se define como sendo independente de qualquer matriz religiosa, de acordo com o levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017), 46,3% das vagas em CTs são em CTs de orientação evangélica, 25,7% católica e 19,1% sem orientação religiosa (IPEA, 2017, p. 20). Por fim, enquanto a frequência nos grupos é voluntária e a cobrança à observância das indicações do grupo é menos direta, as CTs têm como um dos seus pilares a disciplina, e em apenas 15% delas os internos guardam seus próprios documentos (Ibid., p. 23). Isso faz com que, em muitos casos, eles enfrentem dificuldades para sair dessas comunidades (Ibid.).

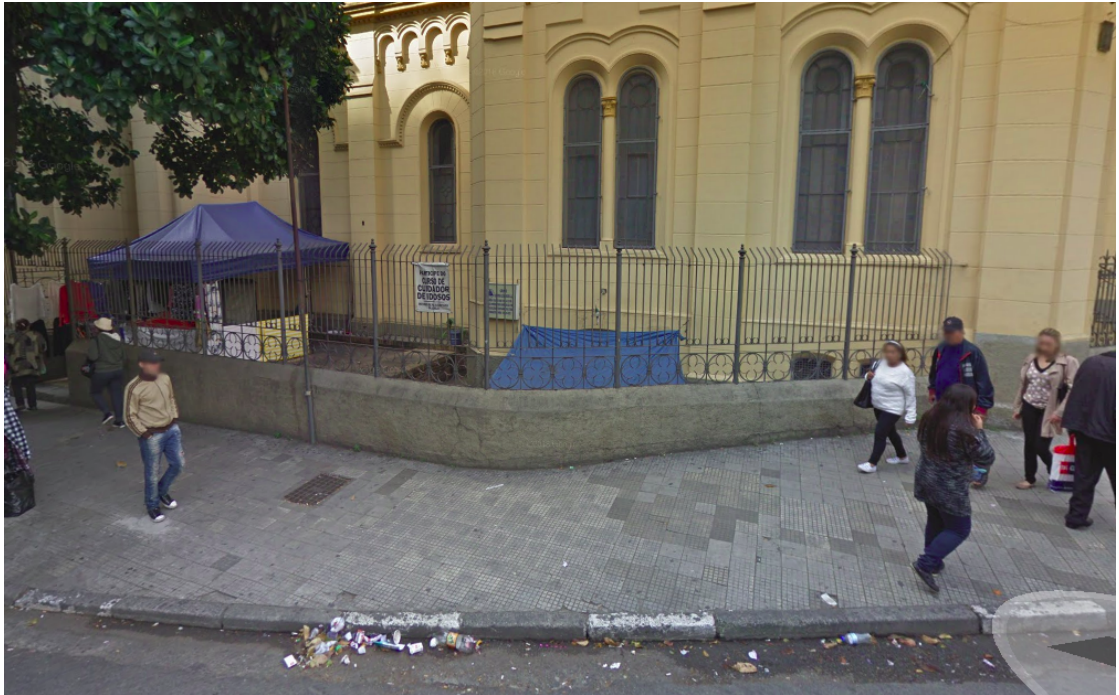


Figura 1: Fotografia da vista externa da sala de reunião dos AA-Campos Elíseos. A entrada da sala de reunião é abaixo do toldo azul no centro da foto. Fonte: Google Maps (2017).



Figura 2: Fotografia da vista externa da entrada dos NA-Santa Cecília, localizada no subsolo. Fonte: Google Maps (2017).

Essa paróquia é localizada no distrito de Santa Cecília, no centro de São Paulo. Esse perímetro é marcado por desigualdades quanto à vulnerabilidade social de seus moradores (cf. Anexo I). A Santa Cecília contém tanto imóveis extremamente valorizados, em termos socioeconômicos (LACERDA, 2019; TIEGHI, 2021), quanto é geograficamente próxima da chamada Cracolândia paulistana, uma concentração itinerante de usuários de *crack*, bem como de traficantes, que está situada em uma região, mas que é sujeita a deslocamentos (FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010, p. 3). A imagem a seguir permite visualizar o perímetro que a Cracolândia ocupou no ano de 2010 (Figura 1):

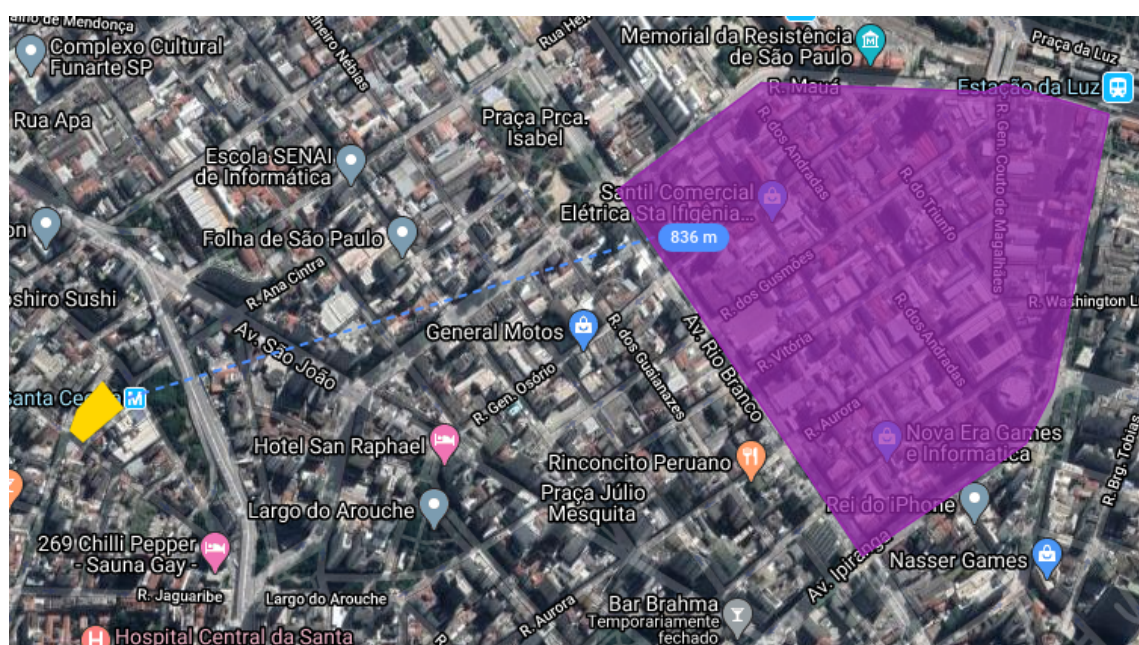


Figura 3: Fotografia por satélite com indicação de duas áreas: em amarelo a Paróquia Santa Cecília, em cujas dependências se localizam as sedes dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Campos Elíseos; em roxo, a Cracolândia —delimitada segundo dados da Prefeitura da cidade (FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010, p.3-4). A distância entre os dois locais é de cerca de 800 metros. (Autoria: Anna Hartmann; Fonte: Google Street View de 2020, <https://www.google.com.br/maps/place/A.+A.+Grupo+Campos+El%C3%ADseos+-+04/@-23.5263369,-46.6381539,13z/data=!4m5!3m4!1s0x94ce597535f6f469:0xf82e80b8319feb81!8m2!3d-23.5392474!4d-46.6499556>).

Na época da minha pesquisa de campo, essa região contava com uma presença significativa de cortiços (cf. Anexo II) e abrigava com grande quantidade de pessoas em situação de rua, já antes da pandemia de Covid-19⁵.

⁵ Segundo uma pesquisa censitária da população em situação de rua referente ao ano de 2019, "[o] distrito com a maior quantidade de pessoas recenseadas foi Santa Cecília, com 5.105 pessoas (encontradas nas ruas e nos centros de acolhida), correspondendo a 21,2% do total das pessoas em situação de rua recenseados. Este local também concentra a maior cena de uso do município de São Paulo" (PMSP, 2019, p. 22).

Essas características do bairro de Santa Cecília se refletem nos tipos humanos passíveis de serem encontrados nas salas dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília. Tais membros se autodefiniram verbalmente, na minha frente, como “moradores de rua”, mas também se diziam antigos moradores de rua, trabalhadores manuais, trabalhadores escolarizados, artistas de rua, desempregados e autônomos.

Cheguei aos AA-Campos Elíseos porque no período exploratório de minha Iniciação Científica, em 2016, visitei um AA na Vila Madalena, bairro de classe média alta em São Paulo associado à boemia (MENGUE, 2021). Após saber que eu era graduanda em ciências sociais, um membro desse grupo me sugeriu visitar os AA-Campos Elíseos, afirmando que lá eu veria uma realidade "mais dura" e pessoas que "moraram na rua", já que, contraponsticamente, em sua própria sala só haveria membros de classes médias ou classes médias altas. A meu ver, tal sugestão é indissociável da associação que ele fez na sequência: de que as ciências sociais se interessariam por pesquisas sobre o que chamo aqui de "pobres" e "pobreza".

Segui a sugestão daquele senhor e comecei a fazer pesquisa nos AA-Campos Elíseos. O contato com os NA-Santa Cecília foi uma consequência imediata, dado o meu interesse comparativo prévio. Além de as instituições serem vizinhas de porta, os membros dos AA-Campos Elíseos frequentemente se referiam àqueles dos NA-Santa Cecília, e isso de forma negativa.

Desde o início do trabalho de campo em 2016, o foco dos meus relatos de campo tinha recaído sobre as regras de interação social face a face dos membros dos AA e NA nas salas de reunião durante as reuniões. Anotei os horários destas, o conteúdo das partilhas, o tom de voz com que “partilhavam”, para onde olhavam durante a partilha, bem como o seu “comportamento corporal” (FREHSE, 2011, p. 46) durante as reuniões —como e quando se mexiam fisicamente, olhavam o celular, se cumprimentavam, olhavam para quem estava “partilhando”, tomavam água, ficavam sentados durante as reuniões ou transitavam dentro e fora das salas. Justamente por trabalhar com a noção de comportamento corporal de Frehse —técnicas corporais em ritmos definidos—, atentava também à dimensão temporal das reuniões. Logo, anotava se durante as partilhas os membros retomavam o assunto de partilhas anteriores, se a leitura da literatura da instituição influenciava o conteúdo das partilhas, e o que os membros faziam após as partilhas.

O meu interesse pelo que chamo aqui de eficácia do tratamento oferecido pelos AA e NA advém de minha pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre 2016 e 2018 a respeito

das regras de interação social vigentes nos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília. O objetivo, então, era identificar essas regras com a ajuda de observação participante e da reflexão de Erving Goffman sobre as regras de interação social ([1959] 2013; [1961] 1974; [1967] 2010) e comparar um grupo com o outro. As regras de interação vigentes nos AA-Campos Elíseos aparentaram ser, naquele momento, mais "disciplinadas" do que aquelas passíveis de serem identificadas nas reuniões dos NA-Santa Cecília. Nos AA, os membros chegavam e saíam mais ou menos no horário estipulado pela instituição e se representavam, ao menos em suas interações com outros membros e comigo, durante as reuniões, como integrantes uma sala mais "regrada" do que aquela dos NA. Membros desta última instituição, por sua vez, pareciam concordar com isso, sinalizando, em suas interações sociais comigo e com terceiros na minha frente, durante as reuniões, a representação de que os NA seriam mais indisciplinados. Apesar da possibilidade de que as diferentes regras de interação vigentes nessas duas salas se dessem ao perfil social de seus respectivos membros e, principalmente, às substâncias químicas de que eles faziam uso como adictos, os dados do trabalho de campo apontavam para uma direção diversa.

Meu trabalho de campo nessas salas se deu entre junho de 2016 e fevereiro de 2020. Considerando o meu ingresso no mestrado em sociologia em 2019 e meu interesse permaneceu de continuar trabalhando sobre as regras de interação social vigentes nas salas, só que agora por referência a uma nova pergunta de pesquisa: justamente, conforme indiquei anteriormente, o vínculo de tais regras com a eficácia terapêutica de ambas as instituições quanto, respectivamente, ao alcoolismo e à adicção.

Naquele período, as reuniões dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília eram realizadas diariamente, e em alguns dias da semana eram realizadas mais de uma reunião por dia⁶. Entre junho de 2016 e janeiro de 2020 realizei observação participante da íntegra de 19 reuniões dos AA-Campos Elíseos e entre maio de 2018 e fevereiro de 2020 de 18 reuniões dos NA-Santa Cecília em um total de 28 idas a campo, pois em nove idas a campo assisti a duas reuniões. As reuniões possuíam duração média de 2h, e na maior parte delas⁷ cheguei

⁶ Horários das reuniões dos AA-Campos Elíseos em 2018: Segunda: 19h30; Terça: 19h30; Quarta: 19h30; Quinta: 19h30; Sexta, 19h30; Sábado: 09h, 14h, 17h, 19h30, 22h; Domingo: 17h, 19h30.

Horários das reuniões dos NA-Santa Cecília em 2018: Segunda: 17h, 20h; Terça: 20h; Quarta: 17h, 20h; Quinta: 17h, 20h; Sexta: 22h; Sábado: 20h, 22h30; Domingo: 20h.

Cf. NA e AA respectivamente: <www.na.org.br/grupo> Acesso em 12 abr. 2018.

e <www.alcoolicosanonimos.org.br/pesquisa> Acesso em 12 abr. 2018.

⁷ Como não era membra e acreditava ser de bom tom pedir autorização ao coordenador da reunião, membro responsável pelo andamento da reunião, cheguei antes do início em todas as reuniões, exceto duas, quando já estava introduzida a campo e os coordenadores já me conheciam.

cerca de 15 minutos antes do início da reunião⁸, quando na maior parte dos campos alguns membros já estavam nas salas e, após a reunião, também costumava aproveitar para conversar com os membros presentes. Ademais, nas 9 idas a campo que assisti a duas reuniões o intervalo entre uma e outra foi de mais ou menos meia hora (em cinco idas a campo) ou de uma hora (em quatro idas a campo), período no qual me engajei em conversas informais com os membros, pois usualmente nesses horários os membros permaneciam nas imediações das salas.

No início do mestrado minha intenção era de prosseguir com o trabalho de campo e também de realizar entrevistas com os membros dessas duas salas para perguntar diretamente sobre a que eles relacionavam a eficácia do tratamento dessas irmandades. Entretanto, devido ao fechamento do espaço físico dessas salas, desde março de 2020 até pelo menos outubro de 2021⁹, essa intenção original foi inviabilizada¹⁰. Nesse cenário, decidi me ater aos meus dados de campo pré-pandêmicos e eleger o que acontecia no calor do aqui e do agora das reuniões dessas salas como cerne da questão de pesquisa que guia esta dissertação; para os membros antigos dessas salas, que são os membros que estão há mais tempo nas irmandades e conhecem melhor seu estoque de conhecimento, de onde vem a eficácia do tratamento oferecido por essas salas? Como essa eficácia se relaciona com as regras de interação vigentes nas salas? A aposta aqui é metodológica: quando olhamos para a eficácia do ponto de vista das regras de interação durante a ocasião¹¹ das reuniões, o que podemos descobrir?

Associo aqui o que os membros antigos chamam de melhor ou "mais espiritualizado" com a noção lévi-straussiana de eficácia simbólica. Para Claude Lévi-Strauss ([1949b] 1996, p. 217), a eficácia simbólica de práticas mágicas de cura provém do fato de que seus praticantes as realizam recorrendo a símbolos que possuíam uma "propriedade indutora" de mudanças no organismo do doente. Ao analisar o xamanismo, o autor afirma:

⁸ Cheguei antes em todas as reuniões, exceto em duas, em que cheguei logo após, menos de cinco minutos, do início.

⁹ Na última vez que passei na frente das salas durante horários nos quais antes eram realizadas reuniões, em outubro de 2021, eles estavam fechados.

¹⁰ Eu possuía o contato de telefone de dois membros, ambos que em momentos diferentes demonstraram me chamaram para sair para encontros (Diário de Campo, 06 nov. 2019, 04 dez. 2019), logo me senti desconfortável em convidá-los para entrevistas.

¹¹ Por "ocasião" entendo o que Erving Goffman ([1963] 2010, p. 28) chama de "um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitado por equipamentos fixos; uma ocasião fornece o contexto social estruturante em que muitas situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido como o padrão apropriado [...]".

não há por que duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Porém, ao mesmo tempo, percebe-se que a eficácia da magia implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e, finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça (LÉVI-STRAUSS, [1949a] 1996, p. 182).

Chamo atenção para essas características do que Lévi-Strauss chama de eficácia simbólica —principalmente a necessidade da crença do doente na magia—, porque os AA e os NA advogam que o membro precisa "acreditar" no tratamento oferecido por eles, para que esse tratamento seja eficaz¹².

Lévi-Strauss já afirmava que os símbolos possuem o poder de promover mudanças no organismo do doente. Nesse sentido, ele comparou o xamanismo com a psicanálise, afirmando que a alteração do corpo do doente por meio de operações simbólicas executadas pelo xamã ou pelo psicanalista iriam ao encontro das afirmações de Sigmund Freud de que haveria uma base fisiológica ou até bioquímica nas neuroses e psicoses; e de que, talvez um dia, as noções psicológicas de neurose e psicose fossem desaparecer, para dar mais espaço a uma abordagem fisiológica (LÉVI-STRAUSS, [1949b] 1996, p. 217).

Menciono esse aspecto "fisiológico" da eficácia simbólica não porque almejo tecer considerações sobre se o tratamento oferecido pelos AA e NA altera a fisiologia ou o comportamento de seus membros, mas porque, durante o meu trabalho de campo, nas reuniões dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília, diversos membros afirmavam que o tratamento —ir às reuniões e ler a literatura publicadas pelas editoras das irmandades— havia os tornado abastados e, além disso, "mudado" suas vidas.

Nessas reuniões os membros utilizavam livros e folhetos publicados pelas editoras dos AA e dos NA, ambas sediadas nos Estados Unidos. Tais textos eram lidos pelos membros em momentos específicos das reuniões, como no início da reunião, durante o ingresso de algum membro na instituição e ao final da reunião. Ademais, os membros muitas vezes citavam esses materiais de forma voluntária durante as partilhas. A meu ver, a menção a esses livros e folhetos é especialmente interessante porque evidencia o que chamo, com Alfred Schütz

¹² Como explicitado no segundo dos Doze Passos das irmandades: "[v]ijemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, s.d.) e "[v]ijemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, s.d.).

(1944, p.188), de estoques de conhecimento de senso comum das irmandades dos AA e NA que são veiculados nas reuniões dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília.

Para Schütz (1944, p. 118), todos os grupos sociais possuem um determinado padrão cultural de vida, que é construído por estoques de conhecimento de senso comum, compartilhados por esses grupos. Esse estoque de conhecimento é “incoerente, somente parcialmente claro e não totalmente livre de contradições, entretanto toma para os membros do grupo interno a aparência de uma suficiente coerência, clareza e consistência para dar a qualquer um uma chance razoável de entender e ser entendido” (Ibid., p. 120). É um conhecimento de “receitas” confiáveis que, por um lado, funcionam como esquema de interpretação do mundo, por outro, operam como um preceito para ação, pois quem queira alcançar determinado resultado deve proceder como indicado pela receita (Ibid.).

O estoque de conhecimento dessas irmandades é difundido através dos livros e folhetos publicados pelas editoras das irmandades e que, segundo seus membros, constituem a "literatura", bem como pelos membros antigos das diferentes salas, que são justamente os membros mais familiarizados com o estoque de conhecimento dessas irmandades.

Aproveito aqui para salientar que, devido ao problema que esta dissertação almeja enfrentar, selecionei um referencial empírico baseado em duas salas, em que as reuniões de uma, a dos AA-Campos Elíseos, possui regras de interação que os membros antigos de ambas associam com uma "boa reunião". Meu objetivo aqui não é fazer considerações valorativas sobre as salas. Infelizmente, receio que os NA-Santa Cecília possam parecer ao leitor como uma espécie de exemplo negativo do que seria um tratamento eficaz dos AA e NA, em razão da forma como o problema foi construído e dos membros cuja opinião eu decidi "levar a sério", a dos membros antigos.

É dessa constatação que brota a hipótese de fundo da pesquisa que subjaz a esta dissertação: que os membros antigos de ambas as salas associam o que chamo aqui de eficácia simbólica das reuniões com regras de interação baseadas nos estoques de conhecimento que as irmandades difundem acerca do que seus membros deveriam internalizar para se recuperarem do alcoolismo e da adicção. Sendo que para essas instituições o que seus membros deveriam internalizar para se recuperarem seria o que chamo de *individualismo de base religiosa*.

Nesse cenário, as noções goffmanianas de deferência e porte me são especialmente úteis. Pois Goffman ([1967] 2011, p. 53) se propõe a explorar como, em "alguns dos sentidos em que a pessoa, em nosso mundo secular urbano, recebe um tipo de sacralidade que é

exibido e confirmado por atos simbólicos [...]: a deferência e o porte". Acredito que essas noções de Goffman me são especialmente úteis pois além de uma conexão de sentido "de conteúdo" entre o arcabouço goffmaniano e o que eu chamo de *individualismo de base religiosa*, também há uma conexão de sentido cultural e histórica, pela gênese histórica dos AA e NA. Enquanto a base do tratamento dos AA e dos NA foi fundada nos EUA em 1935, o foco privilegiado de Goffman foi o que o autor chamou de "nossa sociedade anglo-americana" (FREHSE, 2008, p. 163). Mas "o que dizer dos dados etnográficos provindos de contextos sócio-históricos diferenciados (Ibid.)"?

Goffman (Ibid., p. 61) entende a deferência como o "componente da atividade que funciona como um meio simbólico através do qual se comunica regularmente apreciação para um receptor deste receptor, ou de algo do qual este receptor é considerado um símbolo, extensão ou agente". Por sua vez, o porte é

o elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto, que serve para expressar àqueles na presença imediata que ele é uma pessoa de certas qualidades desejáveis ou indesejáveis [...] o bom porte é aquilo que é requisitado de um ator se ele quiser ser transformado em alguém em que se pode confiar para se manter como um participante na interação, aprumado para a comunicação, e para agir de forma que os outros não se coloquem em perigo ao se apresentarem como participantes de interação com ele (Ibid., p. 80).

Em relação às questões epistemológicas envolvidas naquilo que Florestan Fernandes chamou de métodos de investigação e de interpretação (FERNANDES, 1959, p. 7), no âmbito de pesquisas científicas que têm em estoques de conhecimento de senso comum e relações sociais seus objetos, minha pesquisa de mestrado se orienta por aquilo que Fraya Frehse (2011, p. 34-35) chamou de "perspectiva etnográfica". A etnografia não será aqui apenas um método, mas uma maneira específica a partir da qual é possível conhecer a vida social e que se faz presente em todas as etapas da pesquisa científica, portanto tanto no curso da investigação, quanto na sua interpretação. A peculiaridade epistemológica da perspectiva etnográfica Frehse encontra naquilo que Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 486) nomeia de "diálogo para valer" com o outro —ou seja, este não é tratado como objeto de teorias sociais prévias, mas como *interlocutor* de uma teoria mais geral das relações sociais. Também no que se refere à análise documental, assumi a *perspectiva etnográfica* como orientação

epistemológica, porque ela se entranha tanto no próprio interesse nesta prática, que foi resultado de um "diálogo para valer" com os membros do grupo, quanto também na análise e a interpretação dos dados dos documentos.

CAPÍTULO 1

Do conhecimento científico sobre a eficácia terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos

Cabe aqui mapear, em linhas gerais, o conhecimento científico sobre a eficácia terapêutica dos Alcoólicos Anônimos (AA) e dos Narcóticos Anônimos (NA) no mundo anglo-saxônico e brasileiro. Como veremos, as pesquisas quantitativas da área da saúde voltadas para médicos e profissionais da saúde buscam identificar a mensuração da eficácia dos AA e NA. Já as pesquisas das ciências sociais ambicionam compreender o tratamento oferecido por ambas instituições. O objetivo deste capítulo é descrever o que seria, para essas áreas da ciência, a eficácia ou ineficácia do tratamento para alcoolismo e adicção e que características estariam relacionadas a essa eficácia (ou não).

Antes de adentrar como o conhecimento trata a eficácia terapêutica dos AA e NA, gostaria de fazer algumas considerações acerca do debate sobre tratamento para álcool e drogas em geral, pois acredito que isso ajudará a iluminar algumas características das pesquisas acerca da eficácia terapêutica dos AA e NA em específico. Minha principal referência aqui é Kiersten Stenius, pesquisadora sueca ligada às ciências sociais e ao serviço social. Isso se dá porque, a partir do levantamento bibliográfico¹³ que empreendi acerca do "estado da arte" do debate sobre tratamentos para alcoolismo e adicção, as únicas publicações que encontrei que tinham por ambição mapear pesquisas de diferentes países e diferentes disciplinas foram publicadas por ela.

¹³ O *corpus* documental no qual essa revisão bibliográfica se baseou foi construído a partir de uma pesquisa no Portal de Busca Integrada da Universidade de São Paulo (SIBI-USP - In: <http://www.sibi.usp.br/>. Acesso em 20 dez. 2021) feita no final de 2018 e atualizada pela última vez em dezembro de 2021. O referido portal conta com 246 bases de dados, que estão listadas em ordem alfabética aqui:

http://www.buscaintegrada.usp.br:1701/primo_library/libweb/action/search.do?vid=USP&pagina=azes. Acesso em 29 mai. 2020.

Nessa plataforma, pesquisei palavras-chave afins com meu tema de pesquisa: Alcoólicos Anônimos; Narcóticos Anônimos; Grupos Anônimos; Grupos de autoajuda; *Alcoholics Anonymous*; *Narcotics Anonymous*; *Self-help groups*; *Anonymous groups*; *Alcohólicos Anónimos*; *Narcóticos Anónimos*. Complementei o corpus a partir de consultas às referências bibliográficas dos textos selecionados. Dada a transdisciplinariedade desse debate, o critério para a inclusão de pesquisas nesse corpus foi o fato de seu referencial empírico serem salas de AA ou NA, livros e folhetos publicados pelas editoras dessas irmandades, seus autores serem cientistas sociais e/ou serem artigos publicados em revistas de ciências sociais.

Desde o início dos anos 1980, o campo de pesquisas internacional sobre adicção teria crescido tremendamente (STENIUS; MIOVSKÝ; CANDON; 2017, p. 4). Segundo Stenius, o debate estaria se internacionalizado e se tornado mais interdisciplinar, o que levaria tanto a alguns pesquisadores a advogarem pela estandardização de conceitos, quanto outros a defenderem que os conceitos devem ser flexibilizados em razão das diferentes realidades empíricas a que se aplicam (STENIUS, 2009, p. 338). Uma das razões que levariam ao estabelecimento de, segundo a autora, conceitos obscuros no debate sobre alcoolismo e adicção, é que interesses de grupos muito específicos conseguem se impor (STENIUS, 2011, p. 345). Atores especialmente importantes na definição da terminologia do debate sobre adicção são os médicos sediados nos EUA, principalmente o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) (STENIUS; EDMAN, 2011, p. 889).

O campo de estudos das adicções seria uma das primeiras áreas da ciência na qual a colaboração entre pesquisas das áreas biomédicas e psicossociais seria essencial para o progresso. Apesar disso, aparentemente, o debate sobre a adicção estaria se compartimentalizando, com incentivos cada vez maiores para que os pesquisadores se especializem em campos de pesquisa específicos (STENIUS; MIOVSKÝ; CANDON; 2017, p. 5).

Segundo Stenius, o debate científico sobre tratamentos para álcool e drogas do início do século XXI possuiria uma característica central: a “imprecisão conceitual” (2009, p. 338). Nesse cenário, haveria a proliferação de “palavras gordas”, que seriam conceitos obscuros que permitem diferentes interpretações, no debate sobre tratamento para alcoolismo e adicção (STENIUS; EDMAN, 2011, p. 890). Nesse contexto, os mesmos termos clínicos seriam utilizados em pesquisas epidemiológicas sem o devido cuidado, ao simultaneamente serem empregados na clínica com outra conotação e ainda seriam apropriados pela linguagem coloquial com diversos sentidos (Ibid., p. 890).

A meu ver, essas características do debate internacional sobre tratamento para álcool e drogas em geral —tanto sua suposta imprecisão conceitual, quanto a internacionalização e sua crescente interdisciplinaridade— também se aplicam especificamente ao debate sobre a eficácia dos AA e dos NA. Dentro do debate que lida, direta ou indiretamente, com a eficácia dos AA e NA, o próprio conceito de “eficácia” não é estandardizado, como veremos a seguir.

Ademais, a internacionalização e a interdisciplinaridade do debate teriam culminado em grande quantidade de pesquisas que discutem, direta ou indiretamente, a eficácia dos AA e dos NA do ponto de vista de diversas áreas —psiquiatria, psicologia, serviço social,

sociologia, antropologia, direito, enfermagem, dentre outras. Por fim, de acordo com a pesquisa bibliográfica que elaborei sobre a eficácia dos AA e NA nas áreas recém-mencionadas, que cobre pesquisas em inglês, espanhol e português publicadas entre 1941 e 2021, essas áreas, via de regra, não estabelecem muitas pontes entre si.

Devido ao meu interesse de pesquisa, acredito que dois conjuntos de pesquisa são especialmente úteis para os fins deste estudo: pesquisas que visam mensurar a eficácia dos AA e dos NA e pesquisas das ciências sociais que objetivam compreender essas irmandades.

Mensurando a eficácia físico-orgânica

Antes de adentrar no resultado das pesquisas sobre o que chamo de eficácia físico-orgânica dos AA e NA destinadas a médicos, vou expor os conceitos relacionados ao alcoolismo e adicção difundidos pela quinta edição do DSM (2013), manual de diagnóstico de chamados "transtornos mentais" publicado pela Associação de Psiquiatria dos Estados Unidos. Essa exposição se justifica tanto porque o DSM é um órgão extremamente influente no campo médico de estudos e de tratamento para saúde mental em geral e para alcoolismo e adicção em particular (STENIUS; EDMAN, 2011, p. 889), ajudando a iluminar o que seria o aspecto físico-orgânico do alcoolismo e adicção, quanto porque os relatórios Cochrane (2006; 2020), que serão analisados aqui, partem das definições do DSM para conceituar alcoolismo (COCHRANE, 2006, p. 18; COCHRANE, 2020, p. 3).

O termo "substance use disorders" remete ao "conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e psicológicos que indicam que um indivíduo continua fazendo uso de substâncias, apesar de haver problemas relacionados com esse uso" (DSM, 2013, p. 483, tradução nossa¹⁴). Os "transtornos por uso de substâncias" incluem: "transtornos relativos ao

¹⁴ Segundo o manual (DSM, 2013, p. 483-484), os critérios para o diagnóstico de desordens do uso de substâncias são:

1. O indivíduo pode consumir a substância em quantidades maiores ou durante um período mais longo do que o inicialmente previsto;
2. O indivíduo pode expressar um desejo persistente de reduzir ou regular o uso de substâncias e pode reportar múltiplos esforços infrutíferos para diminuir ou descontinuar o uso;
3. O indivíduo pode dedicar muito tempo à obtenção da substância, à sua utilização, ou à recuperação dos seus efeitos;
4. A fissura é manifestada por um desejo ou impulso intenso pela substância que pode ocorrer em qualquer ocasião, mas é mais provável em um ambiente em que a substância foi anteriormente obtida ou utilizada;

álcool”; “transtornos relativos a estimulantes” (o que abarca, dentre outros, cocaína e crack); transtornos relativos a “sedativos”, “substâncias hipnóticas” e “ansiolíticos”); transtornos relacionados com a maconha¹⁵. Aqui, tanto o alcoolismo quanto a adicção em outras drogas são vistos como quadros específicos dentro dos chamados "desordens por uso de substâncias" (DSM, 2013, p. 483). Especificamente em relação ao alcoolismo, o manual o define "por um conjunto de sintomas físicos e comportamentais, que podem incluir abstinência, tolerância e

-
5. O uso recorrente da substância pode resultar no não cumprimento de obrigações importantes no trabalho, na escola, ou em casa;
 6. O indivíduo pode continuar a utilizar a substância, apesar de ter problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos seus efeitos;
 7. Atividades sociais, ocupacionais ou recreativas importantes podem ser abandonadas ou reduzidas devido à utilização de substâncias;
 8. Utilização recorrente da substância em situações onde é fisicamente perigoso;
 9. O indivíduo pode continuar a utilizar a substância apesar de ter conhecimento de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que possa ter sido causado ou exacerbado pela substância;
 10. A tolerância é sinalizada pela exigência de uma dose acentuadamente aumentada da substância para alcançar o efeito desejado ou um efeito acentuadamente reduzido quando a dose habitual é consumida;
 11. A abstinência é uma síndrome que ocorre quando as concentrações no sangue ou nos tecidos de uma substância diminuem num indivíduo que tenha mantido uma utilização prolongada e pesada da substância.

Doravante, todas as traduções cuja autoria não for explicitamente indicada são de minha responsabilidade.

¹⁵ Em meu diário de campo há registros de membros relataram que narram que tiveram problemas com o uso dessas substâncias. Para o DSM, há ainda as seguintes tipificações de transtornos: 1) por cafeína; 2) por alucinógeno; 3) por inalantes; 4) por opiáceos; 5) por tabaco; 6) transtornos envolvendo outras substâncias ou substâncias desconhecidas (2013, p. 481-585).

fissura" (Ibid., p. 492)¹⁶, sintomas que também se aplicam às drogas estimulantes, como cocaína e *crack*.

Explicitada as definições do DSM, a partir de agora irei me concentrar em revisões técnicas de tais pesquisas. Opto por focar em revisões primeiro, porque devido à falta de familiaridade com essas áreas e seus métodos de pesquisa, considero que não tenho como fazer considerações valorativas sobre seus resultados. Ademais, essas revisões englobam diversas investigações e são altamente influentes no campo da saúde (KASKUTAS, 2008, p. 1402).

Em geral, as pesquisas quantitativas sobre a eficácia dos AA encontram uma correlação entre a frequência ao AA e a diminuição da ingestão de bebida alcoólica. Entretanto, essa correlação pode ser devida ao chamado efeito de autosseleção (HUMPHREYS; BLODGETT; WAGNER, 2014, p. 2688). Como a frequência aos grupos é voluntária, torna-se um desafio determinar se pessoas que teriam mais chances de melhorar

¹⁶ Segundo o manual (2013, p. 490-491), os critérios para o diagnóstico do alcoolismo são:

- A. Um padrão problemático de consumo de álcool que leva a uma deterioração ou angústia clinicamente significativa, como manifestado por pelo menos dois dos elementos seguintes, ocorrendo dentro de um período de 12 meses:
1. O álcool é frequentemente consumido em quantidades maiores ou durante um período mais longo do que o previsto;
 2. Há um desejo persistente ou esforços infrutíferos de reduzir ou controlar o consumo de álcool;
 3. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para obter álcool, usar álcool, ou recuperar dos seus efeitos;
 4. Avidez, ou um forte desejo ou impulso de usar álcool;
 5. Uso recorrente de álcool resultando no não cumprimento de obrigações importantes no trabalho, na escola ou em casa;
 6. Continuação do consumo de álcool apesar de ter problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos do álcool;
 7. Importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas devido ao consumo de álcool;
 8. Consumo recorrente de álcool em situações em que é fisicamente perigoso;
 9. O consumo de álcool é continuado, apesar do conhecimento de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que provavelmente tenha sido causado ou exacerbado pelo álcool;
 10. Tolerância, tal como definida por um dos seguintes:
 - a. Uma necessidade de quantidades acentuadamente maiores de álcool para se conseguir uma intoxicação ou o efeito desejado;
 - b. Um efeito acentuadamente diminuído com a continuação do uso da mesma quantidade de álcool.
 11. Abstinência, tal como manifestado por um dos seguintes:
 - a. Síndrome de abstinência alcoólica;
 - b. O álcool (ou uma substância relacionada, tal como uma benzodiazepina) é tomado para aliviar ou evitar sintomas de abstinência.

sem o grupo —pois são mais predispostas a se tratar, não possuem comorbidades psiquiátricas, têm um grau mais brando de alcoolismo e/ou são mais estáveis socialmente e economicamente— podem procurá-los mais (Ibid., p. 2692). Além disso, os membros que mais se beneficiam do grupo tendem a continuar o frequentando, ao passo que membros que se beneficiam menos tendem a parar de frequentá-lo. Logo, a relação entre frequência e eficácia não é necessariamente causal, de modo que, na prática, o funcionamento do tratamento pode ser fruto de uma seleção, entre os membros do grupo, dos "casos de sucesso".

Uma forma de amenizar essa questão se dá por meio de pesquisas randomizadas, em que os sujeitos pesquisados são selecionados aleatoriamente para fazerem o tratamento dos AA por determinado período de tempo. Contudo, as pesquisas quantitativas randomizadas tendem a ser dispendiosas e possuir elevadas taxas de evasão dos sujeitos da pesquisa, em temas como alcoolismo e adicção. Por isso, são relativamente raras e seus resultados muitas vezes apresentam imprecisões.

Em meu levantamento bibliográfico de trabalhos que buscavam responder se os AA e NA eram (ou não) eficazes, encontrei um número substancialmente maior de pesquisas quantitativas sobre os AA que sobre os NA. Ademais, não encontrei nenhuma revisão bibliográfica sobre a eficácia dos NA.

Os autores da única revisão técnica sobre a eficácia físico-orgânica sobre de tratamentos que envolviam os Doze Passos que menciona os NA (BØG et al., 2017) afirmam haver apenas uma pesquisa com esse recorte empírico, os NA, que obedeceria aos critérios válidos para a sua inclusão naquele trabalho¹⁷. Acerca da ausência de pesquisas sobre os NA com tal enfoque, os autores dessa revisão apontam que

[e]m relação a tratamentos baseados nos Doze Passos para dependentes químicos, é surpreendente que tenhamos localizado apenas um relatório de estudo quase experimental na nossa pesquisa sobre os NA, pois os NA realizam mais de 58.000 reuniões semanais em todo o mundo. Este fato é indicativo de uma discrepância entre a prática e as provas. Neste sentido, os resultados desta análise relativamente aos efeitos de Doze Passos em outras formas de tratamento devem ser vistos com cautela. Esta falta de provas é uma importante advertência em termos da compreensão de como e se os resultados são aplicáveis a intervenções de Doze Passos em diferentes formas de tratamentos de autoajuda (BØG et al., 2017, p. 54).

¹⁷ Esses critérios seriam as pesquisas serem randomizadas (BØG et al., 2017, p. 5).

BøG et al. (Ibid., p. 5) analisaram, ainda, outras nove pesquisas que possuem como referencial empírico a *Twelve-Step Facilitation* (TSF)¹⁸. A partir dessas dez pesquisas, os autores sugerem que não há diferença na eficácia dos programas baseados nos "Doze Passos", relativamente a outras formas de intervenções psicossociais¹⁹, quanto à redução físico-orgânica do uso de drogas após o tratamento. Porém, indicam que as evidências apontadas pelas pesquisas são fracas e que outras são necessárias para avaliar a eficácia de tais programas (Ibid., p. 5-6).

Tendo em conta esse contexto de relativa ausência de pesquisas quantitativas sobre a eficácia físico-orgânica dos NA, vou me concentrar em pesquisas quantitativas que visam mensurar a eficácia físico-orgânica dos AA a partir de agora.

Encontrei duas revisões científicas de pesquisas randomizadas sobre a eficácia físico-orgânica dos AA. Com o objetivo de informar médicos (especialmente psiquiatras) sobre os resultados encontrados, uma autodenominada rede de colaboração de revisão de pesquisas, a Cochrane Collaboration, elaborou duas revisões de todas as pesquisas quantitativas randomizadas que, segundo ela, seguiam critérios metodológicos válidos sobre a eficácia dos AA e haviam sido publicadas nos vinte anos precedentes (KASKUTAS, 2008, p. 1042).

A primeira revisão da Cochrane, publicada em 2006, avaliou oito pesquisas que avaliavam um total de 3417 pessoas. Concluiu que “[n]enhum estudo experimental demonstrou inequivocamente a eficácia das abordagens AA ou TSF para reduzir a dependência ou problemas de álcool” (COCHRANE, 2006, p. 2). Como implicações dessa avaliação para a prática médica, os autores afirmam que:

As pessoas que consideram participar em programas AA ou TSF devem ser alertadas para a falta de evidências experimentais sobre a eficácia de tais programas. Deve-se também sublinhar que nos estudos disponíveis todas as intervenções parecem melhorar pelo menos alguns dos resultados considerados. Os formuladores de políticas e os profissionais de saúde precisam ter em consideração as opções que fornecem e os conselhos que dão a este respeito. A colaboração ativa de pacientes ou clientes deverá talvez ser procurada para identificar a melhor intervenção para essa pessoa específica (Ibid., p. 8, tradução nossa).

¹⁸ *Twelve Step Facilitation*; em português, “Intervenção dos Doze Passos” são terapias que baseiam suas práticas nos Doze Passos, mas são conduzidas por profissionais da área da saúde. O procedimento inclui “aconselhamento contínuo, adotando algumas das técnicas e princípios de AA, bem como intervenções breves destinadas a conectar indivíduos a grupos comunitários de AA” (COCHRANE, 2020, p. 15).

¹⁹ Essas outras intervenções seriam: Terapia Cognitivo Comportamental, Community Reinforcement Approach, Contingency Management, Voucher Control (Ibid., p.46-47).

As variáveis que o relatório Cochrane (2006) usa para mensurar a eficácia dos AA estão presentes em todas as pesquisas analisadas. Trata-se da redução da ingestão de bebida e a abstinência do uso de bebidas. Outras variáveis existentes em algumas pesquisas e que não são avaliadas no relatório são: o membro estar empregado, o estado psicológico do membro e a quantidade de dias trabalhados pelo membro (Ibid., p. 7).

Em sua segunda revisão técnica, o time de revisores da Cochrane (2020) analisaram 27 pesquisas (21 randomizadas, 5 não randomizadas e 1 estudo sobre custos de tratamentos²⁰) que envolveram 10.565 participantes. Concluíram que os AA e as intervenções dos Doze Passos em geral, tinham resultados tão bons quanto aqueles da Terapia Cognitivo-Comportamental. Tendo em conta a abstinência de longo prazo, os tratamentos dos AA teriam resultados até melhores, além de menores custos econômicos que outras formas de terapia (COCHRANE, 2020, p. 1). Diante disso, o relatório da Cochrane incentiva os médicos a prescreverem os AA para seus pacientes. Nos casos em que

as pessoas com transtorno por uso de álcool [AUD, *alcohol use disorder*] se opõem a frequentar os AA, apesar da forte evidência do seu potencial para ajudar na recuperação, os médicos podem considerar a ligação a organizações alternativas de ajuda mútua, uma vez que podem conferir benefícios com níveis de envolvimento semelhantes (Ibid., p. 9).

No relatório Cochrane de 2020, as variáveis utilizadas para mensurar a eficácia dos AA são: abstinência, quantidade de álcool ingerido, consequências psicológicas do uso de álcool, impactos do tratamento dos AA nos custos econômicos com sistemas de saúde e mudanças dos índices de qualidade de vida dos membros (Ibid., p. 16-17).

Ao considerar os dois relatórios, nota-se que a diferença entre suas conclusões não é explicada por eventuais avanços científicos que teriam acontecido nos catorze anos que os separam. Basta notar que 13 das 27 pesquisas revisadas no segundo relatório (2020) haviam sido publicadas antes de 2006, ano do primeiro documento (Ibid., p. 37-38). Além disso, em nenhum momento há menções a novas técnicas só disponíveis a partir de 2006.

Outro elemento significativo se encontra no fato de que, em ambas as revisões, a maior parte das pesquisas analisadas tenham como referencial empírico grupos de AA

²⁰ A segunda revisão, publicada em 2020, analisou 25 pesquisas sobre a eficácia dos AA, dessas 8 eram não randomizadas e das 8, 3 foram publicadas por uma das autoras da revisão e se alinham à conclusão da revisão de que o AA é eficaz e que os médicos deveriam incentivar seus pacientes alcoólatras a frequentá-lo. A meu ver, isso é uma situação que talvez possa configurar de conflito de interesse.

nos Estados Unidos. Na revisão publicada em 2020, dos 27 estudos analisados, 25 foram realizados nos Estados Unidos, 1 no Reino Unido e 1 na Noruega (Ibid., p. 20). Por sua vez, na revisão publicada em 2006, dos 10 estudos analisados, 1 foi realizado no Canadá e os demais 9 nos Estados Unidos (Ibid., p. 4). O relatório de 2020 aponta que como a maior parte das pesquisas se localizou nos Estados Unidos, “mais pesquisas são necessárias para determinar o grau em que os resultados observados aqui diferem em outros países” (Ibid., p. 35). De fato, os resultados alcançados podem não ser válidos para outros contextos culturais.

As pesquisas da medicina sobre a eficácia dos AA e dos NA cujo referencial empírico é o Brasil são bem mais raras. No meu levantamento bibliográfico encontrei apenas um estudo, de natureza qualitativa, que trata das variáveis que levam adictos em álcool a aderirem aos AA. Esse foco se expressa no título do artigo: "Do Alcoholics Anonymous groups really work? Factors of adherence in a Brazilian sample of hospitalized alcohol dependents" (TERRA et al., 2008). Apesar de uma das justificativas para essa investigação ser a ausência de pesquisas sobre a eficácia dos AA realizadas no Brasil, o artigo não tece considerações sobre quais seriam as especificidades desse tratamento no país ou sobre como um diferente contexto cultural poderia afetar sua eficácia.

Assim como os relatórios Cochrane (2006, 2020), Mauro Terra et al. (2008) objetivam informar profissionais da área da saúde se eles devem (ou não) recomendar os AA para seus pacientes (Ibid., p. 48). Para tanto, investigam o que chamam de “fatores de adesão” aos AA. Afirmam que a taxa de adesão aos AA na amostra investigada (ex-internos de um hospital psiquiátrico que foram hospitalizados por problemas com álcool) é baixa, inferior a 20%, e defendem que recaídas frequentes, falta de identificação com os AA e falta de credibilidade do tratamento são os principais motivos relatados pelos pacientes como razões para não aderirem ao AA. A identificação com o método e a percepção dos AA como uma forma de evitar recaídas foram as justificativas que os membros que aderiram ao tratamento apresentaram (Ibid., p. 48). Devido à baixa taxa de adesão, Terra et al. (Ibid., p. 52) concluem que o "AA é inapropriado e ineficaz para a maioria dos doentes com o diagnóstico de alcoolismo", mesmo que seja verdade que aqueles que investem fortemente no programa consigam melhores resultados que aqueles que não aderiram a ele, apesar de sua taxa de abstinência ainda ser baixa (Ibid., p. 52).

Há divergência entre os resultados dos relatórios Cochrane. Enquanto o de 2006 (p.8) alerta para a "falta de evidências experimentais sobre a eficácia de tais programas", o de 2020 (p.9) conclui que há "forte evidência do seu potencial [dos AA] para ajudar na recuperação" e

sugere que a eficácia físico-orgânica do tratamento oferecido pelos AA para o alcoolismo ainda é uma questão em aberto na literatura científica. Entretanto, mesmo o relatório de 2006 afirma que "nos estudos disponíveis todas as intervenções parecem melhorar pelo menos alguns dos resultados considerados", o que insinua que os AA possuem, em certa medida, uma eficácia físico-orgânica para pelo menos alguns de seus membros. É nessa mesma direção que vão Terra et al. (2008, p.52), pesquisadores que partem do pressuposto de que esses grupos funcionam para, pelo menos, algumas pessoas e buscam investigar para quem esses grupos funcionam, com o objetivo de informar médicos e profissionais da saúde acerca do perfil de pacientes recomendável para os AA.

Compreendendo a eficácia simbólica

O levantamento bibliográfico da literatura em ciências sociais sobre os AA e NA no qual esta revisão se baseia é de pesquisas publicadas em português, espanhol e inglês. Os autores dos textos aqui revisados estavam sediados em diferentes países, como Brasil, Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Irlanda, Israel, França, Suécia, Finlândia, Dinamarca, México e Espanha.

Assim como as pesquisas de saúde voltadas para informar médicos acerca da eficácia dos AA e NA, também as pesquisas em ciências sociais consideram que o tratamento oferecido pelos AA funciona para pelo menos algumas pessoas. Elas tentam relacionar essa eficácia com algumas das características dessas "irmandades", que se propõem a descrever. Contudo, diferentemente das pesquisas quantitativas de saúde, as das ciências sociais sobre os AA e NA são, via de regra, qualitativas, como indicarei durante a revisão.

A partir da revisão bibliográfica, considero que há dois objetos empíricos com os quais essas pesquisas associam a eficácia do tratamento oferecido por essas irmandades: a) o que chamo de estoque de conhecimento de senso comum das instituições, com base no conceito schutziano; e b) o que chamo de interações verbais nas partilhas, por aproximação com o conceito goffmaniano de regras de interação.

O objetivo desta seção é mapear as contribuições que as pesquisas em ciências sociais fazem a esse respeito e como elas tratam esses objetos. Mas, antes de entrar na análise dessas pesquisas, gostaria de destacar que elas trabalham a partir de outras orientações teóricas e se utilizam de outros conceitos, que não os utilizados na presente investigação. No decorrer da

revisão, indicarei conceitos e chaves teóricas através dos quais os autores interpretam seus dados.

Pesquisas que associam a eficácia simbólica aos estoques de conhecimento veiculados pelas instituições

Este eixo conta com o maior número de pesquisas, que podem ser subdivididas em três sub-eixos: 1) pesquisas que associam a eficácia dos AA a uma coerência simbólica do estoque de conhecimento difundido pelas instituições; 2) pesquisas que investigam estoques de conhecimento específicos difundidos pelas instituições e os relacionam com sua eficácia simbólica; 3) pesquisas que associam a eficácia simbólica às interpretações que certos grupos de membros fazem do estoque de conhecimento difundido pelas instituições.

Pesquisas que associam a eficácia dos AA a uma coerência simbólica do estoque de conhecimento difundido pelas instituições

Para Mariana Valverde e Kimberley White-Mair (1999, p. 393), o sucesso dos AA seria explicado pelo que chamam de slogans que a instituição emprega —como o anonimato, a pregação para que os membros foquem em se manterem abstinências nas 24 horas seguintes e a importância da crença no “Poder Superior”. Para as autoras, esses slogans possuem um valor semântico inerentemente baixo. Entretanto, eles auxiliam que as reuniões dos grupos sigam uma estrutura e os membros aprendam habilidades úteis para se controlarem e para lidarem com detalhes triviais da vida cotidiana (Ibid., p. 406-407).

José Palacios Ramírez (2009, p. 66) observa a natureza simbólica do tratamento dos AA. Trata-se de um tipo de sistema de pensamento através do qual os membros conseguem dar sentido a sua experiência do alcoolismo e, em razão desse novo sentido, transformar seus *selves*.

Por sua vez, Sylvie Fainzang (2009, p. 105) compara o modelo terapêutico dos AA com o de outra irmandade de ajuda mútua para alcoólicos —a irmandade francesa *Vie Libre*, influenciada pelo socialismo francês. Ao contrário dos AA, esta identifica no alcoolismo um problema social relacionado à exploração no mundo capitalista. Por isso, é contrária à noção de que seus membros devam ser anônimos e não possam se assumir socialmente como parte da irmandade. A partir dessa comparação, a autora defende que o que tornaria os AAs eficazes não seria estoques de conhecimento de senso comum específicos dessa instituição, mas, sim, a coerência, social e simbólica tanto desses conhecimentos, quanto das ações nos

quais esses grupos se baseiam e que é essa coerência que deve ser investigada pela antropologia (Ibid., p. 106).

Pesquisas que investigam estoques de conhecimento específicos difundidos pelas instituições e os relacionam com a eficácia simbólica

Edemilson Campos etnografa um grupo dos AA na periferia da cidade de São Paulo na década de 2000 e analisa como diferentes partes do estoque de conhecimento da instituição dos AA —as noções que as instituições possuem sobre a doença alcoolismo (2004, 2009c), sobre a experiência do alcoolismo (2009b), sobre o anonimato (2009a) e sobre a necessidade de se evitar pessoas, lugares e hábitos (2005)— permitem que membros do AA pesquisado consigam dar sentido às suas aflições (2009c, p. 103) e recuperem suas identidades sociais de trabalhadores e chefes de família provedores, ao mesmo tempo que assumem a nova identidade de alcoólico em recuperação (2005, p. 352-353). Campos defende que esses membros se entenderem como doentes alcoólicos que não conseguiam escolher entre beber ou não beber (2009b, p. 87), que precisavam evitar o hábito de beber e de frequentar bares (2005, p. 350-351) os levava a conseguirem cultivar o valor da responsabilidade. Assim, podiam recuperar relações perdidas no “tempo da ativa”, em especial, na família e no trabalho, e voltar a se cuidar (2004, p. 1386). Por sua vez, a noção de anonimato difundida pelos AA seria um mecanismo simbólico por meio do qual os membros dos AA conseguiriam criar uma identidade comum entre si, permitindo a mudança da percepção de si de "bêbado" para a de "doente alcoólico" (2009a, p. 28-29).

Maria Gabrielle Swora (2001, p. 1-2) compreende a cura como um processo social de conferência de sentido e coerência à experiência da doença. Ela analisa como a noção que a instituição possui da doença do alcoolismo, relacionando-a ao autocentramento do alcoólico, auxilia na cura. Essa noção levaria à crença de que a recuperação do membro dependeria do seu engajamento em ações de serviço à irmandade (como o porte de mensagem de recuperação dos AA a outros alcoólicos) e que isso levaria os membros a partirem para ações de serviço a terceiros para combaterem emoções negativas que os levariam a beber, como os ajudaria a estabelecer os AA como uma comunidade. Nesse sentido, a cura do alcoolismo passaria pelo membro ser menos autocentrado e solidário com terceiros (Ibid., p. 17).

Apesar de Paul Christensen (2017, p. 39) assumir que os NA oferecem a seus membros um sistema de suporte que pode ajudá-los a restaurar a estabilidade de suas vidas, o autor investiga como o que chamo de estoque de conhecimento da instituição dos NA relativo

à importância da responsabilidade individual (que o autor associa com o neoliberalismo) faz com que a irmandade dos NA culpe seus membros que recaíram (Ibid., p. 23). O foco da instituição na responsabilização individual do membro teria efeitos nefastos, pois faria com que problemas econômicos e contextuais que muitos membros partilham terem enfrentado em suas trajetórias, como abuso, encarceramento e pobreza (e que estariam diretamente relacionados ao aumento da pobreza, da desigualdade econômica e das taxas de encarceramento dos EUA a partir de 1980) fossem tratados como não relacionados à sua adicção. A adicção tratar-se-ia de um problema interno e inerente ao membro. Além disso, haveria a responsabilização por recaídas, que são clinicamente esperadas em um processo de recuperação de uso de drogas. Assim, haveria a preservação da imagem dos NA como irmandade que oferece um tratamento completamente eficaz para qualquer adicto (Ibid., p. 40-41).

Acredito que seja especialmente interessante que Christensen (2017) chame atenção às consequências negativas que certo estoque de conhecimento difundido pelos NA possam ter sobre seus membros, pois tal possibilidade não é contemplada nem pelas pesquisas quantitativas voltadas para médicos e revisadas pelos relatórios Cochrane (2006, 2020), nem por outras pesquisas das ciências sociais que apareceram no meu levantamento bibliográfico. Entretanto, acredito que Christensen (2017, p. 23) faça uma leitura a-histórica dos NA ao associar a ênfase que eles dariam à responsabilidade individual com o que ele chama de neoliberalismo, já que o modelo terapêutico dos AA e dos NA foi fundado em 1935.

Pesquisas que associam a eficácia simbólica às interpretações que certos grupos de membros fazem do estoque de conhecimento difundido pelas instituições

Além das pesquisas que focam no que chamo de coerência do estoque de conhecimento das instituições e em elementos específicos dele, há outras que se voltam para o modo como certos grupos com identidades específicas —homens sem-teto (REYBURN; WRIGHT, 2010), homens encarcerados (GUETA; GAMLIEL; RONEL, 2019) e mulheres negras que estão ou estiveram em relacionamentos abusivos e fazem ou fizeram trabalho sexual (KORNFIELD, 2014)— interpretam o estoque de conhecimento das instituições. O referencial empírico de duas dessas pesquisas se localiza nos Estados Unidos (REYBURN; WRIGHT, 2010); KORNFIELD, 2014) e outro em Israel (GUETA; GAMLIEL; RONEL, 2019), o que acredito que ajuda a explicar o enfoque no identitarismo dessas pesquisas.

A partir de entrevistas, Rachel Rayburn e James Wright (2010, p. 333) se perguntam como membros homens dos AA que estavam morando em um abrigo para sem-tetos na Flórida conseguem manter sua sobriedade dentro dos grupos e respondem que eles o fazem por meio de adaptações no programa dos AA para a sua realidade específica de homens sem-teto. Essas interpretações envolveriam a extrapolação da prescrição de ajudarem outros alcoólicos e quererem ajudar qualquer pessoa em situação de rua, como também a posse de ideais irrealistas acerca da recuperação, como professarem que eram diferentes dos outros homens com os quais dividiam o abrigo para pessoas sem moradia, pois não estariam realmente sem-teto (Ibid., p. 334-335). Para os autores, isso acabava sendo complicado, porque, apesar dessas adaptações aparentemente viabilizarem que esses membros específicos conseguissem ficar abstinidos, aparentemente eles não possuíam perspectiva de encontrar empregos ou de sair da situação de sem-teto. Logo, a sobriedade não teria um *payoff* claro (Ibid., p. 336).

Keren Gueta, Sharon Gamliel e Natti Ronel (2019) também pesquisam como um grupo social com características específicas, o de homens encarcerados, lida com o programa dos NA. Os autores fazem entrevistas com catorze homens encarcerados em prisões em Israel e propõem que o clima prisional, marcado por uma valorização da hiper-masculinidade, muitas vezes dificulta que eles lidem com aspectos do programa dos NA, como admitir a impotência, compartilhar suas histórias de vida e estabelecer relações de suporte mútuo com outros membros (Ibid., p. 119). Por isso, esses homens construiriam "estratégias discursivas" próprias para negociar suas identidades masculinas com o programa dos NA, como reforçarem noções hegemônicas de masculinidade. Além disso, apresentarem-se como agentes racionais que seguem o tratamento oferecido pelos NA lhes daria benefícios práticos, como melhoras nas condições prisionais (Ibid., p. 114). Por fim, eles desvalorizariam a masculinidade de homens que fazem uso de drogas (tanto outros homens que ainda estavam fazendo uso de drogas, quanto eles mesmos no tempo da ativa), colocando-os como fracos e passivos (Ibid., p. 116).

Outra pesquisadora que chega a conclusões semelhantes é Rachel Kornfield (2014, p. 415), que pesquisa reuniões dos AA exclusivamente femininas em Chicago, frequentadas por mulheres negras que, apesar de muitas vezes possuírem histórico de abuso e trabalho sexual, descrevem-se como empoderadas em seus esforços de recuperação e mais bem-sucedidas que seus companheiros masculinos dos AA. A autora se pergunta como essas mulheres percebem os aspectos individuais e sociais do seu alcoolismo. Ela defende que "essas mulheres

interpretam o programa de formas criativas que lhes permitem realizar um amplo conjunto de objetivos" (Ibid., p. 415). Essas formas criativas passam por dar conselhos diretos umas às outras durante as reuniões, o que é desencorajado pela instituição dos AA, e a autora mesma chama a atenção ao fato de que essa prática de aconselhamento não é aceita nas reuniões mistas (Ibid., p. 417).

Algo que gostaria de destacar sobre esse eixo é que ele se centra sobre populações que, além do problema com álcool e/ou drogas, seriam marginalizadas por outras características. As três pesquisas evidenciam como as interpretações específicas que esses membros fazem do programa envolvem uma afirmação de si como "melhor" que outro grupo de pessoas do qual os membros estejam perto. No caso dos homens sem-teto, eles não seriam realmente sem-teto, ao contrário dos outros homens com os quais dividem o abrigo (REYBURN; WRIGHT, 2010, p.335); no caso das mulheres negras de Chicago, elas seriam mais bem-sucedidas em seu tratamento do que seus colegas homens dos AA (KORNFIELD, 2014); já no caso dos homens encarcerados, eles seriam mais pragmáticos e até mais masculinos que os demais homens que fazem uso de drogas (GUETA; GAMLIEL; RONEL, 2019, p. 116). Apesar de os autores dos três artigos citarem isso de forma *en passant* e de não ser o foco das pesquisas, meus dados de campo (expostos nos capítulos 3 e 4) sugerem que isso pode ser uma prática recorrente de membros que estão ou estiveram em uma alguma situação que narram como estigmatizante a fim de manter seu *status* na sala.

Pesquisas que associam a eficácia simbólica dos AA e NA às regras de interação verbais nas reuniões

Vibeke Steffen (1997) pesquisou os AA na Dinamarca entre 1990 e 1993, analisou as partilhas que os membros apresentaram sobre suas histórias de vida e afirmou que essas histórias se integram a uma narrativa mítica coletiva do alcoólico em recuperação (Ibid., p. 109). Para Steffen (Ibid., p. 109-110), isso estaria no meio do caminho entre o que Lévi-Strauss chama de cura xamânica, em que o xamã apresenta um mito coletivo para a paciente, e a psicanálise, em que o paciente apresenta um mito individual para o analista. O autor conclui que esse *continuum* entre mito individual e coletivo ilustra que as narrativas individuais em grupos de ajuda mútua não são nem uma ficção, nem mero reflexo da realidade. Esses grupos fornecem uma estrutura narrativa através da qual seus membros moldam a percepção que possuem da sua experiência e que a mudança dessa percepção parece ser o centro do processo de recuperação (Ibid., p. 110).

Assim como Steffen (1997), Adam Rafalovich (1999, p. 132-133) também pesquisa a relação entre a autonarrativa que os membros partilham durante as reuniões com a narrativa coletiva de adicto em recuperação. Contudo, Rafalovich estudou os membros dos NA, não dos AA. Além disso, ao contrário de Steffen (1997, p. 110), que foca na mudança do julgamento que o membro possui de si, Rafalovich aponta que os membros percebem que quanto mais outro membro apresente sua autonarrativa análoga à narrativa coletiva do adicto em recuperação, mais ele estaria transformando a sua identidade e se recuperando (Ibid., p. 133). Essa percepção dos NA incentivaria os membros a se adequarem a essa narrativa coletiva com diferentes resultados: haveria desde membros que se esforçam para ficarem sóbrios, até membros os que performam um zelo forçado à identidade de adicto em recuperação, sem um compromisso real com o programa (Ibid., p. 152-153).

Melvin Pollner e Jill Stein (1996, p. 203-204) se atentam para o papel que os membros antigos dos AA possuem em transmitir o que chamam de “geografia psicossocial” dos AA, termo que eles associam com "pessoas, práticas e problemas que novatos encontram em um novo mundo social" e cujo aprendizado permite que esse novo mundo seja produzido e mantido para membros recém-chegados (Ibid., p. 204). Eles analisam as narrativas pessoais que os membros experientes dos AA partilham durante as reuniões e como esses membros antigos estabelecem credenciais de autoridade a partir de menções ao longo tempo de abstinência e à experiência dentro dos AA. Ademais, divulgam, pela própria vivência, uma narrativa de como as pessoas, práticas e problemas dos AA operam e de como o próprio processo de entrar nesse novo mundo e se tornar um membro antigo funciona, a partir de constantes comparações entre como estavam no passado e como estão no presente (Ibid., p. 218-221).

Stanley Brandes (2004, p. 134) etnografa um grupo mexicano dos AA e descreve como as histórias pessoais narradas durante as partilhas estabelecem uma identificação entre os membros que permite que atinjam uma transcendência. Esta conferiria sentido a suas vidas e os ajudariam a manter-se serenos. Brandes parte do pressuposto da psicanálise freudiana de que é possível remediar problemas emocionais através da palavra (Ibid., p. 114) e chama especial atenção a como os membros desse grupo aprendem a falar em público e a falar sobre si, apesar de não terem experiências familiares, educacionais ou no mundo do trabalho com esta forma de expressão (Ibid., p. 118-119). Nesse sentido, para continuarem no programa, esses membros precisam desenvolver um domínio tanto de estratégias comunicativas para narrar suas histórias pessoais, como de certos tons de voz e contato visual. Eles devem

construir o que o autor chama de “essência narrativa da história pessoal” e, especialmente importante, narrar o que os levou ao alcoolismo e como teriam conseguido atingir a recuperação (Ibid., p. 120).

A partir de gravações de reuniões de um grupo de AA de Helsinki, na Finlândia, Ilkka Arminen (1996, p. 89) pesquisa quais as técnicas que os membros desse grupo empregariam em suas partilhas individuais para criar "tópicos comuns entre as partilhas" dos demais membros da reunião. A criação desses tópicos seria o fulcro de como os membros falariam "até sair do alcoolismo". Essas técnicas se verificariam na citação direta de partilhas anteriores de forma positiva (por exemplo, "me identifico com o que x disse sobre y") e com comentários implícitos sobre partilhas de que não gostaram (Ibid., p. 88). Isso permitiria aos membros estabelecerem sua posição individual de forma não confrontativa e criaria um contexto temático para as conversas das reuniões (Ibid., p. 88-90).

A partir do mesmo referencial empírico, Arminen (1998, p. 491) defende que seria através de "referências mútuas", referências que os membros fariam uns aos outros durante suas partilhas, que seria criada a atmosfera de ajuda mútua. O autor se propõe a estudar o que ele chama de "experiências emocionais situadas dentro da interação" e conclui que os membros estabelecem a emoção de solidariedade e reforçam sua identidade comum de alcoólicos em recuperação através dessas referências mútuas (Ibid., p. 492).

Ponderações acerca dessas pesquisas

As pesquisas quantitativas, que visam responder se os AA e NA são (ou não) eficazes, possuem o objetivo de informar médicos se eles devem (ou não) recomendar os AA e NA para seus pacientes e, por isso, se colocam diretamente a questão de se o tratamento oferecido pelos AA e NA são (ou não) eficazes de maneira normativa. O ponto de partida dessas pesquisas são o que chamo de eficácia físico-orgânica, pois associam o fato de esse tratamento funcionar (ou não) com o fato de os membros diminuírem seu consumo de álcool e drogas. Meu ponto de interesse aqui é que essas pesquisas, que se propõem a terem essa natureza normativa, não permitem concluir se o tratamento oferecido por essas irmandades é (ou não) eficaz.

Por sua vez, acredito que todas as pesquisas das ciências sociais revisadas aqui expuseram considerações sobre o que chamo de eficácia simbólica do tratamento dos AA ou NA, pois evidenciaram aspectos através dos quais os membros dos AA ou NA dariam sentido

a sua experiência como alcoólicos em recuperação e que seria através desse sentido que a recuperação se viabilizaria. Enquanto o primeiro eixo exposto foca no papel do estoque de conhecimento das instituições e seu papel em dar esse sentido, o segundo eixo investiga como as regras de interação verbais vigentes nas partilhas das reuniões permite que os membros construam uma identidade de alcoólico em recuperação. Como escreveu Arminen (1996, p. 89), cuja opinião é compartilhada pelos autores desse eixo, os membros "falam até saírem do alcoolismo".

Apesar de a divisão entre eixos propostas aqui partir do objeto que os autores focam, os estoques de conhecimento das instituições ou as regras verbais vigentes nas reuniões, acredito que ambos os eixos tecem considerações indiretas sobre os dois objetos, mas o "cruzamento" ou a comparação entre eles e sua relação com a eficácia simbólica do tratamento oferecido não é o objetivo de nenhum dos autores revisados. Ademais, tirando Brandes (2004, p. 120), que fala brevemente sobre a importância dos membros de um AA mexicano aprenderem a usarem certos tons de voz e fazerem contato visual, as pesquisas das ciências sociais aqui revisadas não tecem muitas considerações acerca das regras de interação não verbais vigentes nas reuniões desses grupos.

Nesse sentido, a pesquisa a que esta dissertação de mestrado se refere almeja justamente compreender as regras de interação verbais e não verbais vigentes nas reuniões desses grupos, como elas se relacionam com o estoque de conhecimento das instituições (que é expresso através dos livros e folhetos publicados pelas irmandades e que circulam pelas salas, bem como pelos seus membros antigos) e como esses dois objetos se conectam com a eficácia simbólica das reuniões tal como percebida pelos membros durante a ocasião das reuniões.

CAPÍTULO 2

A eficácia do tratamento dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos nos textos impressos das instituições

Para identificar características dos estoques de conhecimento de senso comum sobre a eficácia terapêutica dos Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA) mobilizados durante as reuniões dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília, debruicei-me sobre os livros e folhetos impressos que circulam pelas salas ou são referenciados verbalmente pelos membros das naquelas ocasiões. Ou seja, empreendi uma análise documental desse material, que teve por objetivo explorar tanto a que esses impressos relacionam à eficácia do tratamento oferecido pelas irmandades, quanto a que inferências eles associavam a existência dessa pretensa eficácia.

Para realizar essa análise, considero ser importante identificar o contexto sócio-histórico mais amplo em que essa literatura foi gestada. Nesse sentido, fiz uma breve reconstrução da história da dimensão religiosa dos AA e NA, pois considero ser importante para compreender o quê seria para essas irmandades a eficácia do tratamento oferecido por elas.

Uma certa história religiosa prévia

Os Doze Passos foram concebidos inicialmente pelos AA e, depois, adaptados pelos NA, constituindo o substrato comum desses grupos. Contudo, a origem dos Doze Passos é historicamente anterior aos próprios AA (RUDY; GREIL, 1989, p. 43). A fim de entender a especificidade desse programa, faz-se necessária uma breve digressão sobre a dimensão religiosa da história desses grupos, que, surgiram a partir de um movimento religioso conhecido como Grupo Oxford (Ibid.).

Os Grupo Oxford teriam sido fundados por um pastor luterano chamado Frank Buchmann, após uma experiência de conversão religiosa com a qual ele teria percebido o quanto sua vida era diferente da de Jesus Cristo (CARDOSO, 2006, p.25). Ele então teria criado o que ficou conhecido como os Cinco Procedimentos²¹, um programa para o

²¹ Eis os Cinco Procedimentos: “(1) Entrega a Deus; (2) Ouvir a orientação de Deus; (3) Compartilhar essa orientação com outros membros; (4) Fazer reparação para as pessoas que tem prejudicado; (5) Depois de um exame cuidadoso, contar seus defeitos a outros (como testemunho

aprendizado moral, e em 1921 fundou o que veio a ser conhecido como Grupo Oxford (Ibid.). O grupo pregava o melhoramento pessoal através de trocas de experiências entre seus membros e defendia a adoção de padrões absolutos de pureza, bondade, honestidade e altruísmo (Ibid.).

Um dos membros do Grupo Oxford, foi justamente o fundador dos AA, Bill Wilson, bem como alguns dos primeiros membros dos AA. Através do contato com esse grupo, Wilson e esses primeiros membros, incorporaram as ideias de auto análise, reconhecimento dos defeitos de caráter, restituição dos males feitos à terceiros e a importância de se trabalhar com iguais (RUDY; GREIL, 1989, p. 43-44). Ademais, tanto pelo o Grupo Oxford, quanto pelo contato com a obra do filósofo e psicólogo estadunidense William James (Wilson e os primeiros membros dos AA leram o livro *The Varieties of Religious Experience* [1902] [Ibid.] de James), influenciaram a formação do entendimento de Wilson a respeito da necessidade de o alcoólatra assumir sua impotência e desespero no estado de "fundo do poço" e precisar ter uma experiência religiosa transformativa para se recuperar (Ibid.). De fato, James é citado no livro *Alcoólicos Anônimos* quando os autores defendem a importância da parte espiritual do programa oferecido ([1939], 2001 s.n.).

Além da adaptação dos Cinco Procedimentos aos Doze Passos, o AA se utilizou da própria noção de grupo como unidade básica do que seria a irmandade (um conjunto de grupos) (CARDOSO, 2006, p.28-29). O grupo seria formado por dois ou mais membros, que se reuniriam regularmente para compartilhar experiências concretas, aprimorando-se moralmente (Ibid.). Segundo o livro *Alcoólicos Anônimos*, após frequentar o círculo dos Grupo Oxford, o fundador dos AA, Bill Wilson, se convenceu "da necessidade de um inventário moral, da confissão dos defeitos da personalidade, da reparação junto aos que havia prejudicado, da ajuda ao próximo e da necessidade de acreditar e confiar em Deus" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, p. 14).

Em quatro anos, os AA contavam três grupos. Em 1939, Bill Wilson escreveu o livro *Alcoholics Anonymous* e Bill Wilson e Bob Smith criaram uma organização, a Junta de Custódios, com o objetivo de administrar os grupos dos AA e distribuir o livro de Wilson (CARDOSO, 2006, p. 27). A partir da divulgação na imprensa da irmandade e do livro, os AA cresceu em ritmo acelerado na década de 1940 (Ibid.). Tal crescimento colocou em questão a uniformidade do programa e das práticas dos grupos da irmandade. Para enfrentar o problema, no final da década de 1940, Wilson criou as Doze Tradições (Cf. Anexo III), uma

de sua mudança ou como um método para livrar-se da culpa)" (BURNS, 1995, p. 33, *apud* CARDOSO, 2006, p.28).

fórmula que objetivava manter a unidade do funcionamento dos grupos dos AA e da irmandade como um todo (Ibid.).

Os NA surgem como produto de adaptações dos Doze Passos e das Doze Tradições dos AA, tendo em vista o conceito de adicção²² (Ibid., p. 37). Com o crescimento do número dos grupos dos AA, muitos dependentes de drogas começaram a frequentá-los (Ibid., p.33). Isso criou um problema dentro dos grupos dos AA, pois todo o fundamento do programa se dava na identificação pessoal entre seus membros, que era comprometida pela presença de membros dependentes de drogas (Ibid.). Então, membros dos AA na cidade de Los Angeles (Estados Unidos) estimularam os dependentes de drogas que frequentavam seus grupos a fundar sua própria irmandade (Ibid.). Assim, em 1953, ex-membros dos AA fundaram os NA (Ibid.). Primeiro, pediram para usar o nome “Alcoólicos Anônimos”, o que foi negado pela Junta dos Custódios. Contudo, puderam licenciar o uso dos Doze Passos e Doze Tradições (Cf. Anexo IV) para a recém-fundada irmandade (Ibid.).

Fundamentos da eficácia terapêutica dos AA e NA contidos nos impressos dessas instituições

Nesta dissertação, meu foco é compreender a que regras de interação vigentes nos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília seus membros antigos associam com a eficácia simbólica do tratamento oferecido por essas salas. A fim de compreender as regras vigentes nessas reuniões, acredito ser útil investigar quais são os estoques de conhecimentos difundidos pelas instituições através de seus livros e folhetos impressos com os quais esses membros entraram em contato no decurso das reuniões. Para tanto, ao montar meu corpus documental recorri à análise dos meus dados de campos para ver quais documentos publicados por essas instituições foram citados pelos membros dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília durante suas reuniões.

A partir dessa análise das menções aos impressos nas reuniões, cheguei ao corpus documental listado a seguir. Na reunião dos Alcoólicos Anônimos foram os livros: *Alcoólicos Anônimos* (1939, 1955, 1976, 2001, 2011); *Os Doze Passos e as Doze Tradições* ([1952], 2018); *Reflexões diárias* (1990, 2017); *Vivendo sóbrio* ([1996], 2018); *Manual de serviço de A.A.* (1998), e, nos Narcóticos Anônimos foram os folhetos: *Informação ao público e ao*

²² Adicção é um conceito mais amplo que alcoolismo. Remete à dependência de qualquer tipo de substância psicoativa, seja álcool, drogas ilegais ou drogas prescritas.

membro de NA (1999)²³; *Juventude e recuperação* (1991); *Quem, o quê, como e por quê* (1993); *Bem-vindo a Narcóticos Anônimos* (1993); *O triângulo da auto-obsessão* (1991); *Para o recém-chegado* (1993) e os livros *Narcóticos anônimos* (1982, 1983, 1984, 1986, 1987, 1988, 2008, 2015); *Guia Introdotório para Narcóticos Anônimos* (1996) e *Guia para trabalhar os passos de Narcóticos Anônimos* (1998).

Um elemento que se destaca neste material, publicado pelas editoras das irmandades e que foram citados pelos membros durante as reuniões, é a repetitividade do seu conteúdo. Além de alguns livros serem frutos de recortes de outras obras já publicadas pelas editoras, todos os textos basicamente reproduzem os Doze Passos e sua temática²⁴.

Atribuo a redundância do conteúdo dos livros e folhetos à proposta dessas irmandades de terem um programa "prático"²⁵. Nesse sentido, a repetição do conteúdo possui um caráter didático. Uma das consequências dessa característica é que, apesar de existirem algumas diferenças no formato dos documentos das duas irmandades, o conteúdo veiculado por elas —inclusive quanto ao que consiste a eficácia do tratamento oferecido por cada uma— é muito parecido.

É interessante observar que aparecem folhetos dentre os materiais citados nas reuniões dos NA, diferentemente do que se deu nas reuniões dos AA, nas quais só livros foram mencionados. Ademais, chama a atenção que todos os documentos dos NA tenham sido publicados a partir de 1980. Atribuo esses dois elementos à história de desenvolvimento desta irmandade. Apesar de ter sido fundada em 1953, ela enfrentou uma série de dificuldades, ligadas ao fato de se tratar de um grupo de ajuda mútua para dependentes de drogas ilegais, o que a divulgação de suas atividades e a sua expansão nas três primeiras décadas de funcionamento (CARDOSO, 2006, p. 34). Entretanto, nas décadas de 1980 e 1990, os NA experimentaram um crescimento vertiginoso (Ibid.). Em 1978 havia 200 grupos de NA registrados em três países. Em 1983 já havia alcançado 12 países e, em 1993, havia 13.000 grupos dos NA espalhados por 60 países (Ibid.).

Enquanto os AA se expandiram progressivamente através da divulgação do livro *Alcoólicos Anônimos* ([1939] 2001), os NA se expandiram através da incorporação na

²³ As datas de publicação de todos os folhetos é a data de publicação do original em inglês. Nos folhetos não consta a data da publicação da tradução para o português.

²⁴ Por exemplo, o livro *Guia Introdotório para Narcóticos Anônimos* é uma coletânea dos folhetos publicados pela irmandade dos NA (1996, contracapa). Ademais, o livro *Reflexões Diárias* ([1990] 2017), publicado pela editora dos AA, é um conjunto de frases de outras obras publicadas por essa editora com comentários de membros sobre os temas dessas frases.

²⁵ Segundo o livro *Alcoólicos Anônimos* ([1939], 2011, s.p.), seu tratamento oferece a seus membros um "enfoque muito prático de seus problemas".

irmandade de grupos de ajuda mútua locais voltados para adictos. Segundo o livro *Guia para Trabalhar os Passos de Narcóticos Anônimos*, "[n]o princípio dos anos 80 começamos [o comitê de Literatura da Conferência Mundial de Serviço] a receber folhas avulsas e guias, juntamente com solicitações para que desenvolvêssemos um conjunto padrão de guias para a irmandade de NA utilizar no trabalho dos Doze Passos" (1998, p. vii). É provável que a rápida expansão dos grupos tenha gerado uma demanda, por parte dos novos membros, de material de literatura dos NA. Ao que parece, a irmandade respondeu com a difusão de folhetos, mais facilmente propagáveis que livros, e com os "guias" para os Doze Passos ("livros de exercícios"²⁶ para que os membros aprendam e realizem os passos).

Por fim, gostaria de ressaltar que os livros *Alcoólicos Anônimos* ([1939] 2001) e *Narcóticos Anônimos* ([1982] 2015) são centrais para as respectivas irmandades. Essa centralidade se expressa no próprio nome das publicações, homônimas às irmandades, como também nas constantes atualizações das edições das obras. Ademais, a publicação da primeira edição do livro *Alcoólicos Anônimos*, em 1939, é tida como o catalisador do crescimento da irmandade. A sua vez, o livro *Narcóticos Anônimos* ([1982] 2015) afirma ser "uma síntese da consciência coletiva de grupo da Irmandade" (Ibid. p. 4).

Frases como "[e]ste é um programa de vida que funciona nos momentos difíceis" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, p. 45), "embora, no início, os princípios dos Doze Passos possam parecer estranhos, o mais importante é que eles funcionam" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1992, p. 7) e "sabemos que o Programa de NA funciona" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1992, p. 24) apareceram em todos os livros e folhetos publicados pelas editoras dos AA e NA.

Ademais, os membros são solicitados a "acreditar no programa" ou a se entregar a ele, porque ele "funciona". Para o tratamento "funcionar", o membro precisa acreditar. Como é sugerido pelos trechos: "[o] mais importante no Segundo Passo [viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade] é desenvolver uma compreensão que possa nos ajudar. Não estamos preocupados com a elegância teológica ou a fidelidade doutrinária só queremos algo que funcione" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1998, p.9) e

²⁶ O que chamo de "livros de exercício" dos NA são guias que parecem inspirados nos *handbooks* e *workbooks* de autoajuda baseados na Terapia Cognitivo Comportamental. Além da semelhança na forma, há um cruzamento histórico entre esses gêneros de materiais, pois a Terapia Cognitivo Comportamental "autodidata" foi popularizada para as massas, nos Estados Unidos, a partir da década de 1980, com a publicação do livro *bestseller* de autoajuda *Feeling Good* (1980) (NATIONAL ASSOCIATION OF COGNITIVE-BEHAVIORAL THERAPISTS, 2008).

O grande mistério é: por que alguns de nós morremos de alcoolismo, lutando para preservar a independência de nosso ego, enquanto outros conseguem ficar sóbrios em AA aparentemente sem esforço? A ajuda de um Poder Superior, a dádiva da sobriedade, aconteceu para mim quando um inexplicável desejo de parar de beber coincidiu com minha disposição de aceitar as sugestões de homens e mulheres de AA. Precisei render-me, pois, somente alcançando Deus e meus companheiros, eu poderia ser salvo" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1990] 2017, s.n.).

Também gostaria de destacar que um dos principais argumentos veiculados na literatura dos AA e dos NA para defender a crença no “Poder Superior” é simplesmente afirmar que ela "funciona" e é necessária para o membro atingir e manter sua sobriedade. Essa crença de que o poder superior é indispensável ao tratamento é de influência de William James (RUDY; GREIL, 1989, p. 43-44; BRANDES, 2004, p. 115). Ao escrever sobre o *New Thought*, um movimento de cura através da mente que entrou em voga nos Estados Unidos no final do século XIX, James afirmava que era irrelevante que ele fosse filosoficamente confuso e sem base científica, o importante é que ele funcionava. A importância conferida ao resultado era, para ele, um tributo do pragmatismo da cultura estadunidense (EHRENREICH, 2010).

Segundo William James,

[...] para ter uma breve designação, darei o título do 'Movimento de cura da mente'. Há várias seitas deste 'Novo Pensamento', para usar outro dos nomes pelos quais se chamam a si próprios; mas as similaridades são tão profundas que as suas diferenças podem ser negligenciadas para o meu presente propósito, e tratarei esse movimento como se fosse uma coisa homogênea. É um esquema de vida deliberadamente otimista, com um lado especulativo e um lado prático. No seu desenvolvimento gradual ao longo do último quarto de século, absorveu uma série de elementos de colaboradores, e deve agora ser considerado como uma verdadeira potência religiosa. [...] Mas a característica mais significativa do movimento de cura da mente é uma reflexão muito mais objetiva. Os líderes nesta fé têm tido uma crença intuitiva no poder salvador das atitudes mentais saudáveis, na eficácia da coragem, da esperança e da confiança, e no desprezo por dúvidas, medos, preocupações, e todos os estados de espírito marcados pelo nervosismo e apreensão. A sua crença tem sido de uma forma geral corroborada pela experiência prática dos seus discípulos; e esta experiência forma hoje uma massa imposta em quantidade. [...] O fato é que a propagação do movimento se deveu aos seus frutos práticos, e *o caráter extremamente prático do povo americano nunca foi melhor demonstrado do que pelo facto de que esta é a sua única contribuição decididamente original para a filosofia sistemática da vida, seja ser tão intimamente ligada a uma terapêutica concreta* ([1902] 2002, p. 78-79, grifos meus).

O programa de ambas as irmandades expressam que seus membros precisam mudar e que essa mudança envolve uma transformação religiosa. Segundo o livro *Alcoólicos Anônimos* ([1939] 2001, s.n.), "[o]s termos 'experiência espiritual' e 'despertar espiritual' são usados muitas vezes neste livro, demonstrando, através de uma leitura cuidadosa, que a mudança de personalidade necessária para efetuar a recuperação da doença do alcoolismo manifesta-se entre nós de muitas maneiras diferentes". Conforme o livro *Narcóticos Anônimos* ([1982] 2015, p. 43), "[r]ezamos ou ficamos dispostos, prontos e capazes de deixar que Deus remova estes traços destrutivos. Precisamos de uma mudança de personalidade, se quisermos nos manter limpos".

Outro valor que é difundido pelas instituições é o combate ao egocentrismo. Robin Room (1995, p. 12) salienta que, na América do Norte, o tratamento oferecido pelos AA pode ser tido como um corretivo para aspectos patológicos da cultura do individualismo, mas que em outros contextos, por exemplo, na América Central, os AA podem ser um propagador de hábitos individualistas. Relaciono o que Room (1995) chama de aspectos patológicos da cultura do individualismo com o que essas instituições chamam de egocentrismo. De fato, as instituições colocam o egocentrismo como uma das causas do alcoolismo e da adicção: "[e]goísmo! Egocentrismo! Esta, acreditamos, é a raiz de nossos problemas" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1935] 2001, s.n.); "[a] parte espiritual da nossa doença é o total egocentrismo" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, s.n.). Como "remédio" para o problema do egocentrismo, as instituições defendem que o membro ajude o alcoólico/adicto que ainda sofre, porque, nas palavras dos NA, "um despertar espiritual não tem sentido, se não for acompanhado por uma crescente paz de espírito e interesse pelos outros" (Ibid., s.n.). Nesse sentido, associo esse combate ao egocentrismo e o interesse pelos outros com um dos aspectos do individualismo, a concepção segundo a qual todo indivíduo possui um valor inerente, justamente por ser um indivíduo.

Além de pregar que o membro deva valorizar os demais, as instituições também defendem que o membro deve se ver como uma pessoa diferente das demais com as quais convive, aceitá-las, não tentar transformá-las e focar em si próprio. Eis alguns exemplos de referências a esse princípio: "[o] programa nos convenceu de que nós precisávamos nos modificar, em vez de tentar modificar as pessoas e situações à nossa volta" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, p. 24) e "[a] menos que a família manifeste o desejo de viver de acordo com os princípios espirituais, achamos que não devemos impô-los" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, p. 111). Essas instituições defendem que o membro deva se

perceber como alguém diferente das outras pessoas, não tente mudar os demais e foque na sua mudança individual. Apesar disso poder parecer ir em direção à valorização dos outros e ao combate ao egocentrismo, passagens como a que lemos abaixo sugerem outras possíveis interpretações:

[a]prender a ajudar os outros é um benefício do Programa de Narcóticos Anônimos. É impressionante como o trabalho dos Doze Passos nos afasta da humilhação e do desespero, e nos conduz para agir como instrumentos do nosso Poder Superior. A habilidade de ajudar um companheiro adicto, quando ninguém mais consegue, nos é dada. Vemos isso acontecer, entre nós, todos os dias. Esta virada milagrosa é a evidência de um despertar espiritual. Partilhamos nossa experiência pessoal, como aconteceu conosco. A tentação de dar conselhos é grande, mas, quando fazemos isso, perdemos o respeito dos recém-chegados. Isso prejudica a nossa mensagem. A mensagem simples e honesta de recuperação da adicção soa verdadeira. (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1998, p. 104).

Nesse sentido, não impor mudanças aos demais e, simultaneamente, valorizá-los seria um ato de humildade, como sugere a seguinte passagem: "[n]osso primeiro problema é aceitar nossas circunstâncias atuais como elas são, a nós mesmos como somos e as pessoas em torno de nós como elas são. Isto é adotar uma humildade realista, sem a qual nenhum avanço sincero pode sequer começar" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1990] 2017, n.p.).

Essas instituições pregam que o membro, além de não impor mudanças aos demais, foque na mudança e na análise de si mesmo. O folheto *Sou um adicto?*, reproduzido no livro *Guia Introductório para os Narcóticos Anônimos*, começa com a pergunta "Sou um adicto?", seguido pela frase "Só você pode responder a esta pergunta" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1996, p. 1). Nos livros e folhetos publicados pelos NA se encontram, de forma bem didática, questões para os membros responderem. No folheto *Sou um adicto?*²⁷, voltado para pessoas que entram em contato com a irmandade e estão em dúvida se possuem um problema com adicção, estão listadas 29 questões com respostas esperadas de "sim" ou "não". Há perguntas que mencionam explicitamente as drogas, como: "16. A ideia de ficar sem drogas o assusta?" (1996, p. 4). Outras, não: "23. Você já teve medos irracionais ou indefiníveis?" (Ibid., p. 5).

O livro *Guia para trabalhar os Passos de Narcóticos Anônimos*, que afirma ter sido elaborado para ser útil "aos recém-chegados e ajudar os membros mais experientes a desenvolverem uma compreensão mais profunda dos Doze Passos" (1998, p. vii), conta com doze capítulos, cada um referente a um passo, e em cada capítulo há uma série de perguntas

²⁷ Reproduzido no livro *Guia Introductório para Narcóticos Anônimos* (1998).

para os membros responderem e refletirem sobre os passos propostos pela literatura da irmandade como tendo eficácia terapêutica no tratamento da adicção.

Gostaria de destacar o quarto capítulo, referente ao quarto passo, denominado "Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos". Seu intuito é levar os membros a refletirem sobre si mesmos e a, a partir disso, conseguirem se aprimorar. Uma seção desta divisão da obra se intitula "Sentimentos" e segue aqui, na íntegra:

[q]ueremos examinar nossos sentimentos pelas mesmas razões que nos levaram a examinar nossos ressentimentos: isto irá nos ajudar a descobrir o papel que desempenhamos em nossas vidas. Além disso, a maioria de nós, quando entra em recuperação, já esqueceu como é a experiência de sentir. Mesmo que já estejamos há algum tempo na irmandade, ainda estamos descobrindo novas informações de como escondemos nossos sentimentos.

- Como eu identifico meus sentimentos?
- Quais são os sentimentos que tenho mais dificuldade de experimentar?
- Por que tentei esconder meus sentimentos?
- De que forma tentei negar como realmente me sentia?
- Quem ou o que provocou determinado sentimento? Que sentimento foi esse? Quais foram as situações? Qual foi meu papel em cada situação?
- Qual foi minha motivação ou em que eu acreditei, para agir como agi nessas situações?
- O que faço com meus sentimentos, uma vez identificados? (Ibid., p. 22).

Esse tipo de estoque de conhecimento de senso comum, que chamo de *reflexividade de base religiosa*, é abundante nos livros difundidos pelos AA. No livro *Reflexões Diárias*, por exemplo, há uma passagem, que é citação de um trecho de outro livro publicado pelos AA, *Na opinião do Bill*, em que se afirma que:

[a] autoanálise é o meio pelo qual trazemos uma nova visão, ação e graça para influir no lado escuro e negativo de nosso ser. Com ela, vem o desenvolvimento daquele tipo de humildade que nos permite receber a ajuda de Deus... descobrimos que pouco a pouco vamos nos despojando da vida antiga —a vida que não funcionou— para uma nova vida que pode e funciona sob quaisquer condições ([1990] 2017, n.p).

Transcrevi essas passagens na íntegra porque acredito que são ilustrativas para se pensar os estoques de conhecimento de senso comum que essas instituições veiculam sobre a eficácia do seu tratamento. Neste caso, essas passagens sugerem como a eficácia do tratamento se relaciona à autorreflexão do membro, "de uma maneira honesta". Mas para os

AA e NA, é preciso que esta reflexão sobre si seja combinada com a crença em um poder superior, sem o que não é possível alcançar a cura do alcoolismo e da adicção.

Outra característica do *individualismo de base religiosa* cuja internalização os AA e NA consideram ter valor terapêutico está associado ao que chamo de *responsabilidade de base religiosa*, que engloba valores como partir para ação; aplicar os ensinamentos das irmandades no cotidiano; não culpar terceiros. Alguns exemplos desses estoques de conhecimento de senso comum são; "[t]odos os dias, eu me encontro em momentos decisivos. Meus pensamentos e ações podem impelir-me para o crescimento ou levar-me de volta para os velhos hábitos e a bebida" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2011, p. 96) e "[s]entimos que o quanto mais rapidamente encaramos nossos problemas na sociedade, no dia-a-dia, mais rapidamente nos tornamos membros aceitáveis, responsáveis e produtivos dessa sociedade" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, p. 26). A meu ver, esses trechos sugerem que para se recuperarem, os membros devam internalizar a importância de assumirem responsabilidade pelas suas ações e pensamentos cotidianos.

Nesse sentido, essas instituições defendem que seus membros precisam se responsabilizar pelas suas ações, sem culpar terceiros, como indica o seguinte trecho:

[n]o passado, eu tinha sempre culpado os outros, Deus ou outras pessoas, por aquilo que me acontecia. [...] Hoje, tento permitir que Deus me guie no caminho da sanidade. Sou responsável por minhas ações —ou omissões— quaisquer sejam as consequências. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1990] 2017, p. 694).

Por fim, em oposição a uma transformação espiritual estritamente subjetiva, essas instituições incentivam seus membros a partirem para a ação. Há um foco no que a irmandade chama de "boa vontade": "mente aberta sem boa vontade não nos levará a lugar nenhum. Temos que estar dispostos a fazer o que for necessário para nos recuperarmos" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, p. 17). Essa valoração de *responsabilidade de base religiosa* se alinha com estoques de conhecimento de senso comum das irmandades sobre si mesmas como entidades que oferecem um programa prático de vida, que tem por objetivo produzir "membros aceitáveis, responsáveis e produtivos dessa sociedade" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, s.n.).

Ademais, as irmandades associam essa *responsabilidade de base religiosa* com a prestação de "serviços", pelos membros, às próprias irmandades. Trata-se de serviços como coordenar a reunião, limpar a sala, fazer café e apadrinhar outros membros. Essa associação é

especialmente interessante porque, com ela, as irmandades defendem que uma série de ações necessárias para a sua reprodução e continuidade possuam valor terapêutico para seus membros.

Apesar de os AA e NA definirem que não possuem um programa religioso²⁸, nomeio estas categorias de "religiosas" porque nelas percebo uma clara influência protestante, a qual, de resto, verifica-se nas raízes históricas das irmandades. Neste capítulo se verá como as instituições não defendem apenas que o membro seja reflexivo, responsável e independente. Defendem que o caminho para atingir tais características e manter a sobriedade passa, necessariamente, pela crença em um "poder superior". É isto o que será apresentado neste tópico.

Também gostaria de desnaturalizar certo olhar de leitores que já entraram em contato com estoques de conhecimento de senso comum da psicologia e que possam considerar uma obviedade que a autointrospecção, a assunção da responsabilidade pelo próprio comportamento e/ou a autovisão como um indivíduo apartado dos demais possuam um valor terapêutico inerente. Nada impede que outros tipos de estoques de conhecimento possam ter eficácia terapêutica no tratamento das chamadas doenças mentais em geral ou alcoolismo e adicção em particular. A valorização desse tipo de conhecimento em específico é um produto histórico. Como mostra Fainzang (2009), ao analisar a *Vie Libre*, irmandade francesa voltada ao tratamento de alcoólicos e muito influenciada pelo socialismo francês, também existem grupos de autoajuda voltados para o tratamento do alcoolismo que, ao contrário dos AA e NA, defendem um tratamento menos "individualista" e propõem que os membros entendam o alcoolismo como uma doença relacionada com a exploração da classe trabalhadora no capitalismo e que a "cura" para o alcoolismo passaria por uma desalienação de seus membros.

Enfim, meu objetivo aqui não é defender que há um valor inerente nas concepções dos AA e NA, mas investigar o que essas instituições defendem como sendo a base do tratamento oferecido por elas. O que sugiro é que os AA e NA veiculam que a internalização de certos estoques de conhecimento de senso comum, que coloco sob a categoria de *individualismo de base religiosa*, contenha valor terapêutico para o tratamento do alcoolismo e da adicção. Esse *individualismo de base religiosa* é uma valorização da figura do indivíduo por ser um

²⁸ Afirmações como "[e]ste é um programa espiritual, e não religioso", que aparecem tanto no *Guia para trabalhar os passos de Narcóticos Anônimos* (1996, p. 7) quanto na obra *Alcoólicos anônimos* (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, n.p.) são frequentes na literatura difundida pela irmandade.

indivíduo e engloba outras características que eu coloco sob as categorias de *reflexividade de base religiosa e responsabilidade de base religiosa*.

Alguns estoques de conhecimento que os impressos das irmandades difundem acerca de evidências da a eficácia do tratamento

Os impressos das instituições dos AA e NA que circulam nas salas de reunião dos AA Campos Elíseos e NA Santa Cecília, além de associarem a eficácia do tratamento oferecido pelas irmandades com alguns estoques de conhecimento que seus membros deveriam aprender, aos quais chamo de *individualismo de base religiosa*, também difundem alguns estoques de conhecimento sobre o que, a meu ver, seriam evidências de que o tratamento oferecido pelas irmandades seria, sim, eficaz. Aproximo o que chamo de evidências sobre a eficácia do tratamento oferecido com a noção de Berger e Luckmann ([1966] 2014, p. 122) acerca do processo de legitimação; "[a] função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessíveis e subjetivamente plausíveis as objetivações de 'primeira ordem' que foram institucionalizadas", ou seja, para os autores (Ibid., p.122-123) a legitimação forneceria uma estrutura de plausibilidade através do qual os seres humanos internalizariam conhecimentos de senso comum.

Objetivo aqui descrever alguns dos argumentos que as instituições mobilizam para tornar subjetivamente plausível para os leitores que o tratamento oferecido pelos AA e NA seja eficaz. Ressalto, que meu objetivo não é fazer um julgamento de valor acerca da coerência lógica desses argumentos ou da existência de alicerces em evidências empíricas sobre os quais se baseiem. Afinal, foco nesses estoques de conhecimento veiculados pelos impressos pois almejo ver como eles chegam e são apropriados (ou não) pelos membros dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília na ocasião das reuniões dessas salas, tarefa que empreenderei no próximo capítulo.

Contar histórias de membros individuais para os quais o tratamento funcionou

Os livros e folhetos usualmente também veiculam histórias de membros individuais que aceitaram o programa de tratamento oferecido por elas e se recuperaram. Trechos como "[n]este livro, você conhecerá a experiência de um homem que pensava ser ateu. Sua história é tão interessante que uma parte pode ser contada agora" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, p. 84) e "[q]uando estava tentando parar de beber da minha maneira, nada

funcionou: com Deus e AA está funcionando" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1990] 2017, p. 427).

Essas histórias individuais algumas vezes parecem ser utilizadas para responder a possíveis reticências que quem escreveu imaginou que os leitores possam ter, como no caso da história do membro ateu contada no livro *Alcoólicos Anônimos* ([2001] 1939, p.84).

Por fim, gostaria de assinalar o fato de que a segunda citação se encontra em primeira pessoa. O uso da primeira pessoa, no singular e/ou no plural, ocorre em todos os impressos das irmandades que foram mencionados durante as reuniões nas quais fiz trabalho de campo, tal como vemos em trechos dos folhetos: “[v]iemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1991a, p. 2) e “[e]ncontramos liberdade das drogas, da nossa adicção e da nossa auto-obsessão” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1991b, s.n.).

Afirmar que o tratamento funciona para muitas pessoas

São frequentes afirmações como “[r]aramente vimos alguém fracassar tendo seguido cuidadosamente nosso caminho” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, p. 87), “[a]s vidas responsáveis, produtivas e livres de droga de milhares de membros ilustram a eficácia do nosso programa. Hoje, a recuperação é uma realidade para nós” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, p. 115) e “Narcóticos Anônimos têm muitos anos de experiência com, literalmente, centenas e milhares de adictos. Esta experiência direta em todas as fases da doença e da recuperação é de um valor terapêutico sem paralelo” (Ibid., p. 17).

Ademais, como sugere os seguintes trechos, as instituições também defendem que seus membros devam acreditar que no tratamento, dada a quantidade de pessoas para as quais ele teria funcionado:

[f]alamos e ouvimos os outros. Vimos outras pessoas se recuperando, e elas nos disseram o que estavam funcionando para elas. Começamos a ver evidência de um Poder que não podia ser explicado completamente. Confrontamos com esta evidência, começamos a aceitar a existência de um Poder maior que nós. (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, [1982] 2015, s.n.)

[t]emos aqui milhares de homens de mulheres, realmente experientes. Todos declaram, categoricamente, que, desde que vieram a acreditar num Poder Superior a eles, a adotar uma determinada atitude em relação a tal Poder e a realizar determinadas coisas simples, descobriram fluindo dentro deles uma nova força, paz, felicidade e sentido de orientação. [...] Ao vermos outras pessoas resolverem seus problemas por meio de uma confiança simples no

Espírito do Universo, fomos obrigados a parar de duvidar do poder de Deus. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, p. 79-81).

Chamar atenção para o que chamo de abrangência geográfica e temporal dos AA e NA

Nos impressos dos AA e NA aparecem menções sobre a expansão dos AA para diversos países, isso aparece em trechos como "[h]oje, há adictos em recuperação em milhares de reuniões por todo o EUA e em muitos outros países" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2006, n.p.) e

[e]sta quarta edição de 'Alcoólicos Anônimos' veio a público em novembro de 2001, no começo de um novo milênio. Desde a terceira edição, que foi publicada em 1976, o número de membros de A.A. dobrou, atingindo mais de dois milhões de pessoas, com cerca de 100.800 grupos reunindo-se em aproximadamente 150 países. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1939] 2001, n.p.).

Mencionar que alguma figura de autoridade apoia que o tratamento oferecido pelas irmandades é eficaz

Um dos prefácios do livro *Alcoólicos Anônimos* chama-se "A opinião do médico" e ele começa com uma carta que "[u]m renomado médico, diretor de um importante hospital especializado no tratamento de alcoolismo e dependência química, cedeu a Alcoólicos Anônimos" ([1939] 2001, n.p.). Na transcrição dessa carta, o médico afirma que "[d]evido à extraordinária possibilidade de rápida expansão do trabalho dessas pessoas [os membros dos AA], isto pode caracterizar o início de uma nova era nos anais do alcoolismo" (Ibid., n.p.). Ademais, há afirmações de como "[o]s psicólogos tendem a concordar conosco" (Ibid., n.p.).

Também há casos na literatura em que a opinião de figuras de autoridade é utilizada para legitimar determinada crença da irmandade, como: "[a]lguns médicos especialistas no assunto nos dizem que não há dúvida de que o alcoolismo vai constantemente piorando à medida que envelhecemos."²⁹ (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1975] 2018, n.p.).

As menções a figuras de autoridade que apoiariam o tratamento não aparecem no corpus documental da irmandade dos NA. Ao contrário, aparecem menções negativas a elas: "[m]uitas vezes, os médicos não compreendiam o nosso dilema" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2006, n.p.). E:

²⁹ Na verdade, de acordo com literatura da área da saúde, muitos indivíduos com alcoolismo ou adicção têm remissão dessas doenças, inclusive sem intervenções formais (KELLY; GREENE; BERGMAN, 2014, p. 645).

[d]iziam-me que eu também conseguiria perder o desejo de usar drogas vivendo o Programa de NA. Eu não tinha outra escolha senão acreditar nelas. Já havia tentado médicos, psiquiatras, hospitais, clínicas para doentes mentais [...] tudo tinha falhado. (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1998, p. 126).

Por sua vez, os AA sugerem que, em geral, as figuras de autoridade apoiam a irmandade, mas que isso não impede que algumas delas sejam "maças podres" que cometem enganos. Nesse sentido, por exemplo: "não encontramos conflito entre as ideias de AA e a competente orientação de um profissional com conhecimento especializado do alcoolismo. [Mas] não negamos que os alcoólicos já tiveram muitas experiências infelizes com alguns profissionais" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1975] 2018, p. s.n.).

CAPÍTULO 3

Uma descrição etnográfica das salas de reunião e reuniões dos Alcoólicos Anônimos e dos Narcóticos Anônimos no bairro paulistano de Santa Cecília

Neste capítulo comparo uma sala reconhecida por possuir uma reunião mais "espiritualizada" e com "mais respeito", a dos AA-Campos Elíseos (Diário de Campo, 05 mai. 2018), com uma sala que, segundo membros antigos, não mantém o respeito da reunião (Diário de Campo, 05 mar. 2018), o que leva a que alguns membros se digam cansados de frequentá-la (Diário de Campo, 04 jun. 2018), a dos NA-Santa Cecília.

A descrição etnográfica exposta a seguir, tanto no que se refere às observações diretas e indiretas, quanto à análise, interpretação e exposição dos dados é inspirada na sugestão de José Magnani (1996, p. 17) de se atentar ao "cenário", aos "atores" e às "regras" que orientam as interações. Essa sugestão é especialmente importante tanto tendo em vista a necessidade de não me perder em meio aos estímulos do trabalho de campo, quanto por permitir um foco comparativo.

Com o objetivo de compreender conceitualmente as interações sociais dos membros dos Alcoólicos Anônimos (AA) e dos Narcóticos Anônimos (NA), recorro à leitura de Fraya Frehse sobre Erving Goffman. Para a autora (2017, p. 376-377), Goffman concentrou-se em "regras de conduta" que assumiu como guias de ação moralmente carregados. O foco de Goffman é a copresença física e ele dissecou o que denomina de "situações sociais", ou seja, ambientes espaciais com possibilidade de monitoramento recíproco entre os membros. Segundo Frehse,

[Goffman] demonstrou que a interação social é tanto verbal quanto não verbal: nas situações, os indivíduos se comunicam uns com os outros através de palavras e de sua 'aparência corporal e atos pessoais: trajés, postura, movimento e posição, nível de som, gestos físicos [...], decorações faciais e ampla expressão emocional' (Ibid., p. 376).

Antes de adentrar na exposição, análise e sistematização dos dados propriamente ditos, gostaria de destacar a influência da minha presença física nas reuniões sobre os dados colhidos. Parto do pressuposto metodológico de que "qualquer espaço resultante de nossas etnografias deve muito à dimensão interacional de nosso contato fenomênico com aqueles

que, em campo, exotizamos antropologicamente como ‘nativos’" (FREHSE, 2012, p. 3). Este elemento vem problematizar a influência que a minha presença física —uma mulher de pele extremamente branca para padrões brasileiros e que se apresentava como estudante da Universidade de São Paulo— teve sobre os dados colhidos nas reuniões desses dois grupos.

O perfil social, econômico e cultural dos membros dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília era semelhante durante o período de meu trabalho de campo. Ademais, não obstante o nome “Alcoólicos Anônimos” sugerir que a irmandade se direciona a membros que se percebem como tendo dificuldades de saúde com álcool, verifiquei que os AA-Campos Elíseos assim como os NA-Santa Cecília também acolhiam, durante o período temporal de referência do trabalho de campo (2016-2020).

Nos AA-Campos Elíseos, diversos membros se identificavam como “alcoólicos cruzados”, categoria nativa que remete a membros dos AA que ingressaram inicialmente nos NA em busca de tratamento para a adicção em substâncias ilegais (usualmente, cocaína ou *crack*) e decidiram migrar para os AA. Essa migração apresenta uma justificativa. Mesmo que os AA-Campos Elíseos e os NA-Santa Cecília sigam o mesmo programa terapêutico, sejam vizinhos de porta e eu não tenha conseguido diferenciar seus membros a partir do tipo de substância de adicção, os AA-Campos Elíseos se definem como um grupo que oferece um tratamento para alcoolismo e adicção que chamo de "mais eficaz" que o dos NA-Santa Cecília. Por sua vez, os NA-Santa Cecília concordam, embora apenas parcialmente, com esta classificação. Chamo a atenção para tais alcoólicos cruzados, pois sua existência sugere que possíveis diferenças nas regras de interação nas reuniões dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília não se devam ao perfil social de seus membros. Além disso, a migração dos NA aos AA sinaliza que, para pelo menos esses membros, tais salas oferecem um tratamento que é visto como qualitativamente diferente, e que aquele oferecido na *ocasião* da reunião dos AA-Campos Elíseos seria, de alguma forma, "melhor".

Apesar de haver grande proximidade geográfica e dos AA e NA, de as bases de tratamento serem praticamente idênticas e de o perfil dos membros ser muito semelhante, as regras de interação verbais e não verbais vigentes nas reuniões dessas duas salas variam enormemente.

Os espaços das salas de reunião

Fisicamente, o grupo dos AA Santa Cecília se localiza no subsolo da Paróquia Santa Cecília e é composto por uma sala de reuniões, uma copa e um banheiro. A sala de reuniões me lembra uma sala de escola, pois possui cadeiras de plástico, uma mesa de madeira com uma cadeira atrás, onde fica sentado o coordenador, durante a reunião, e outra cadeira ao lado, onde os membros ficam sentados enquanto partilham. Na sala também há um quadro negro, onde os membros escrevem trechos da literatura da irmandade e, ao final da reunião, anotam quanto dinheiro arrecadaram no encontro. As paredes estão cobertas por cartazes da irmandade dos AA e o piso é uma espécie de porcelanato que imita madeira (Diário de Campo, 07 mar. 2018). No alto da parede para onde as cadeiras ficam viradas há um relógio de parede e, embaixo dele, uma placa com os dizeres "Palavrão não é recuperação".

Segundo aparece em falas dos membros, o grupo dos AA-Campos Elíseos é o que eles chamam de "grupo de entrada"; uma sala para que potenciais membros conheçam a irmandade. Depois dali, muitos migram para grupos em outras partes da cidade (Diário de Campo, 27 nov. 2019). Essa característica especial do grupo seria fruto da sua localização, que garante mais fácil acesso, por se encontrar no centro da cidade, e permitir o anonimato a interessados que não queiram se expor. Além disso, a região possui grande densidade de pessoas em situação de rua e problemas com álcool e drogas.

Cenário - NA

Os NA-Santa Cecília também se localizam no subsolo da paróquia Santa Cecília. A sala onde são realizadas as reuniões possui piso de taco de madeira, cadeiras estilo colegial com assento e costas de madeira, um quadro negro, cartazes nas paredes, um armário de aço e uma mesa onde se senta o coordenador da reunião. Assim como no caso dos AA-Campos Elíseos, o espaço físico dos NA-Santa Cecília também lembra muito uma instituição escolar.

Comparado com os AA-Campos Elíseos, os móveis e o piso dos NA-Santa Cecília parecem mais antigos. Apesar de eu considerar isso um indício de que há menos membros preocupados com a fachada da sala e menos recursos econômicos para investir nessa fachada, os móveis e os pisos possuem uma melhor qualidade, em termos de material e durabilidade. Isso se nota, por exemplo, pelo piso: enquanto o dos AA-Campos Elíseos é um porcelanato que imita madeira e está, a meu ver, razoavelmente assentado, o dos NA-Santa Cecília é de taco de madeira perfeitamente assentado, que parece ser original da paróquia. No mais, as cadeiras dos AA-Campos Elíseos são de plástico e as dos NA-Santa Cecília, embora antigas,

de algum tipo de MDF que possui certa qualidade. Acredito que essa melhor qualidade seja reflexo justamente de os membros não substituírem os elementos originais do subsolo da paróquia, por falta de recursos econômicos e de interessados, e os móveis e o piso serem aqueles que duraram sem estragar.

Assim como os AA-Campos Elíseos, os NA-Santa Cecília também se colocam como um "grupo de entrada", onde possíveis interessados vão conhecer a irmandade dos NA, o que está relacionado com a proximidade geográfica com a cracolândia paulistana (Diário de Campo, 05 mar. 2018). Em uma conversa informal com uma membra dos NA ela afirmou que muitos membros começam nos NA-Santa Cecília e depois migram para outras salas pois "se esquecem de onde vieram e se incomodam com as pessoas sujas na sala" (Diário de Campo, 04 mai. 2018).

Os membros

Atores - AA

À exceção das reuniões femininas, voltadas exclusivamente para mulheres e realizadas então às 17h30 nos domingos, em todas as outras reuniões havia mais homens que mulheres. A maior parte dos membros eram brancos e pardos, com alguns negros. Quando comparados com os membros dos NA-Santa Cecília, os dos AA são mais velhos. A partir de inferências visuais, sugeriria que a média de idade dos membros varia entre 40 e 50 anos.

Em relação a sua ocupação, os membros dos AA-Campos Elíseos presentes se autodenominaram como moradores de rua, ex-moradores de rua, desempregados, assistentes sociais, advogados, seguranças, músicos, contadores, técnicos de informática, jornalistas (Diário de Campo, 04 dez. 2019). Além da ocupação atual, chama a atenção que a trajetória de muitos membros seja marcada pela situação de rua ou pela frequência à chamada cracolândia paulistana.

Nas reuniões, os membros diferenciavam-se entre si a partir das categorias de *membros antigos*, *recém-chegados* e *visitantes*. Os *membros antigos* afirmam estarem sóbrios há vários anos, estão na irmandade e "conhecem as regras"; os *recém-chegados* entraram na irmandade há pouco tempo e não conheceriam as regras; por sua vez, os *visitantes* são pessoas que talvez tenham interesse em ingressar na irmandade ou são parceiros e familiares de membros que vão conhecer a irmandade.

Outra diferenciação que os membros faziam era entre os *alcoólicos cruzados* (ou *cruzados*) e *alcoólicos puros*. *Alcoólicos cruzados* é uma categoria nativa que se refere a membros dos AA que afirmam ser dependentes de álcool e outras drogas, normalmente cocaína ou crack. Justificam sua presença nos AA afirmando durante as reuniões que sua doença de base é o alcoolismo e/ou que se identificam mais com os AA do que com os NA. Os *alcoólicos cruzados* não são atípicos nos AA-Campos Elíseos. Ademais, nas visitas exploratórias que fiz a outros grupos eles também apareceram³⁰. Nas reuniões do AA-Campos Elíseos, um percentual considerável dos membros afirmam em suas partilhas que tiveram problemas com drogas ilegais, principalmente cocaína e crack, e só após já estarem em tratamento teriam percebido que também tinham problemas com álcool (Diário de Campo, 27 jun. 2016 19h30; 03 jul. 2016; 07 mar. 2018; 08 mar. 2018; 18 mar. 2018; 09 abr. 2018; 05 mai. 2018; 05 jun. 2018; 16 out. 2019; 25 nov. 2019; 27 nov. 2019; 04 dez. 2019; 12 jan. 2020).

Por sua vez, os *alcoólicos puros* seriam os membros que tiveram problemas apenas com o álcool (e não com outras drogas). Há menções de que enquanto membros mais antigos tenderiam a ser mais *alcoólicos puros*, os membros mais jovens tenderiam a ser mais *cruzados*. Como afirmou um membro que diz “estar limpo” há 22 anos, “o futuro de AA está nos jovens cruzados, porque o alcoólico puro está em sua última safra” (Diário de Campo, 07 mai. 2018).

Categorias analíticas criadas por mim para designar a frequência com que os membros frequentaram a sala durante o meu trabalho de campo foram as de membros frequentes e membros ocasionais. Os membros frequentes são membros que foram à sala com frequência, que são conhecidos pelos outros membros e os quais escutei diversas vezes em momentos de partilha. Os membros ocasionais são membros que frequentaram a irmandade uma ou algumas vezes durante a vigência do meu trabalho de campo e que não pareciam ter muitas relações constituídas dentro da irmandade.

Há também o coordenador(a) da reunião: membro, normalmente *membro antigo* e/ou *membro frequente*, que assume a responsabilidade pelo andamento da reunião. Para tanto, exerce atividades tais como iniciar a reunião, sortear os membros que irão partilhar, controlar o tempo de fala, indicar o horário do intervalo, controlar o tempo de duração do intervalo,

³⁰ Essas visitas de campo exploratórias foram aos AA Girassol (2016), aos AA Consolação (2016), localizados no centro de São Paulo e aos AA Jardins (Diário de Campo, 03 jul. 2017), localizados no Jardim Paulista, bairro nobre da cidade de São Paulo.

indicar o horário de reinício da reunião após o intervalo, realizar a chamada sétima tradição³¹ (a qual remete a um momento da reunião no qual é passada uma sacolinha para os membros doarem dinheiro à sala) e fazer a terceira tradição (é quando é aberto espaço para visitantes ingressarem na irmandade³²). Os achados da pesquisa me sugerem que os coordenadores são os principais responsáveis por impor um conjunto de regras da irmandade durante as reuniões e que o exercício desta atividade lhe confere *status* dentro da sala.

Há também os chamados *ratos de sala*, categoria nativa que se refere a um membro que se aproveita dos valores e regras professados pelas irmandades para obter algum tipo de vantagem. Essas vantagens podem ser materiais (comer bolachas, tomar café, conseguir parcerias afetivas e sexuais) e/ou psicológicas, como se sentir esperto por conseguir essas vantagens materiais (Diário de Campo, 05 mai. 2018, 07 mar. 2018, 06 mai. 2019, 16 out. 2019). Uma definição de *rato de sala* foi dada por um membro frequente da irmandade, que afirmou que outro membro era um *rato de sala*, pois ele "usava isso [apontou para as placas com os passos, conceitos e tradições] para te fuder" (Diário de Campo, 05 mai. 18).

Em relação à aparência dos membros, a maior parte dos membros vão bem "arrumados" às reuniões. O uso de camisa polo é frequente (Diário de Campo, 07 mar. 2018, 08 mar. 2018, 05 mai. 2018, 27 nov. 2019), assim como de camisas sociais (Diário de Campo, 08 mar. 2018), inclusive aos finais de semana (Diário de Campo, 05 mai. 2018). Segue uma anotação feita no meu diário de campo: "[o]s membros estão 'arrumadinhos', camisetas com cara de novas, muitos com camisa polo. Até o membro que disse morar no albergue está com uma camisa polo verde escura bonita" (Diário de Campo, 12 jan. 2020). As mulheres, em geral, também vão "arrumadas". Algo que me chamou atenção é que elas vão mais bem arrumadas às reuniões exclusivamente femininas do que às mistas, inclusive um dos meus dados de campo se refere a uma reunião feminina, que são seguidas por uma reunião mista, no qual reparei que parte das membras estava excepcionalmente bem-arrumadas e outras com roupas mais habituais e, assim que a reunião feminina acabou, todas as membras que estava excepcionalmente arrumadas foram embora e quase todas as membras que estavam com roupas normais foram participar da reunião mista (Diário de Campo, 18 mar. 2018).

³¹ As AA possuem uma lista de "tradições". A sétima afirma: "Todos os Grupos de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora" (Cf. Anexo III).

³² A terceira tradição diz que "o único requisito para ser membro de AA é o desejo de parar de beber" (Cf. Anexo III).

Por fim, havia eu, uma mulher branca que se apresentava como sendo estudante da USP e frequentou a sala quando tinha entre 21 e 26 anos. Costumava ir de calça jeans, camiseta, cabelo preso em um coque, uma mochila transversal e sem adereços.

Atores - NA

Muitos dos membros dos NA-Santa Cecília possuem tatuagens e piercings, alguns, independentemente da idade, usam roupas e acessórios associados a subculturas juvenis (como camisetas de bandas, bonés de aba reta, correntes, tênis associados ao skate). Alguns vão de roupa social após o trabalho, mas, de modo geral, quando comparados aos dos AA-Campos Elíseos, os membros dos NA se vestem de maneira mais "alternativa" e "juvenil".

Há mais homens do que mulheres, entretanto, quando comparado com os AA-Campos Elíseos, o percentual de mulheres é relativamente maior. A maior parte dos membros é caucasiano ou pardo e a média dos membros aparenta ter entre 30 e 50 anos. Ao contrário do que ocorre nos AA-Campos Elíseos, há membros homens que aparentam ser homossexuais e há mulheres que partilham ser homossexuais (Diário de Campo, 14 mar. 2018, 04 mai. 2018) e, pelo menos nas reuniões, parecem ser bem aceitos na sala.

Assim como nos AA-Campos Elíseos, nos NA-Santa Cecília há as categorias nativas que se referem a *membros antigos*, que estão na irmandade há muito tempo e conhecem mais seu funcionamento e os *recém-chegados*, que estão na irmandade há menos tempo e estão aprendendo sobre o seu funcionamento. Quando comparado com o AA-Campos Elíseos, os membros antigos dos NA-Santa Cecília narram estarem na irmandade há menos tempo, estarem há menos tempo limpos e, de modo geral, parecem conhecer menos o estoque de conhecimento das instituições. Um sinalizador disso foi uma membra que narrava estar há vinte anos nos NA mas que nunca havia escrito os Passos do programa, pois tinha, em suas palavras "preguiça" (Diário de Campo, 23 abr. 2018).

Também como nos AA-Campos Elíseos, há um membro, normalmente um membro antigo e/ou membro frequente, que assume a responsabilidade pelo andamento da reunião, o coordenador da reunião. Para tanto, exerce atividades como iniciar a reunião, sortear os membros que irão partilhar, controlar o tempo de partilha, fazer a sétima e a quarta tradição. Quando comparados com os coordenadores dos AA-Campos Elíseos, muitas vezes os coordenadores dos NA-Santa Cecília pareciam conhecer menos o estoque de senso comum das instituições e aparentavam ter mais dúvidas sobre como deveria se dar o

funcionamento da reunião. Se nos AA-Campos Elíseos não testemunhei situações nas quais os membros pareceram confusos sobre o andamento da reunião, nos NA-Santa Cecília os próprios coordenadores muitas vezes pareciam e afirmaram estar confusos. Um desses casos ocorreu quando um coordenador, no encerramento da reunião, disse que estava sem o *script* e que, por isso, a organização da reunião foi muito confusa (Diário de Campo, 14 mar. 2018).

Assim como para os AA-Campos Elíseos, achei útil criar as categorias de membros frequentes, membros ocasionais e visitantes para sistematizar, respectivamente, o perfil de membros que frequentaram várias reuniões em que estive presente e pareciam ser conhecidos por outros membros; os que frequentaram uma ou poucas reuniões em que fiz trabalho de campo e/ou pareciam não ter muitos conhecidos no grupo; e as pessoas que não eram membros dos NA e estavam conhecendo a sala.

Do mesmo modo que nos AA-Campos Elíseos, fui às reuniões do grupo de calça jeans, camiseta, cabelo preso em um coque, com uma mochila transversal e sem adereços.

Relatos das reuniões

Um lugar de muito respeito

Eis a estrutura básica das reuniões dos AA de que eu participei entre junho de 2016 e fevereiro de 2020: as reuniões se iniciam com a chamada *oração da serenidade*³³; depois o coordenador comunica sugestões para o bom andamento da reunião, como deixar o celular no silencioso, não fumar embaixo do toldo da entrada e evitar palavirão, pois “palavirão não é recuperação”. A partir daí, os membros possuem seis minutos, cronometrados pelo coordenador, para partilhar. Os membros são escolhidos para partilhar por meio de sorteio e, quando sorteados, sentam-se numa cadeira na frente da sala. Durante a reunião, circula uma sacolinha para a realização de doações ao grupo e apenas os membros podem doar. Após essa doação há um pequeno intervalo, quando são servidos café e lanches, período que os membros usam para conversar. É comum alguns membros irem embora após o término do intervalo. Depois do intervalo é a hora para possíveis membros ingressarem no grupo. Quando há ingressos se abre espaço para o ingressante partilhar o motivo de estar no grupo. Então, ocorrem mais partilhas dos membros e, quando a reunião é finalizada, faz-se novamente a

³³ A oração da serenidade é veiculada em livros e folhetos dos AA e NA. Na oração se diz: "Deus, conceda-me a serenidade para aceitar aquilo que não posso mudar, coragem para mudar o que me for possível e sabedoria para saber a diferença".

oração da serenidade.

A partir de agora vou fazer um relato do que seria uma reunião típica dos AA-Campos Elíseos quando lá fiz trabalho de campo. O relato foi construído a partir da análise e sistematização de relatos de dezenove reuniões diferentes e a proposta aqui é apresentar as regras de interação sociais presentes nessas reuniões. Os nomes dos membros foram alterados para manter seu anonimato.

Chego quinze minutos antes do início da reunião e o coordenador está na sala conversando com outros membros que chegaram mais cedo. Durante a conversa, o coordenador encontra um remédio na sala. Ele e um membro frequente, ambos *alcoólicos cruzados*, passam a conversar sobre vícios em remédios. O membro frequente diz que nunca foi viciado em remédios, o que é uma sorte, já que ele se vicia em praticamente tudo (Diário de Campo, 04 dez. 2019).

Mesmo já conhecendo o coordenador, me apresento novamente e pergunto se posso fazer anotações no caderno para a pesquisa. O coordenador responde que sim, mas que é possível que apareça um "maluco" e pense que ela estaria pegando o nome dele, mas que ela não estaria sozinha na sala (Diário de Campo, 27 nov. 2019). O coordenador me pede para ler um trecho do livro *Reflexões Diárias* que ele precisa escrever no quadro negro da sala. O coordenador sai da sala para fumar um cigarro e um *membro antigo* que frequenta o grupo assiduamente me traz um café e comenta comigo que sua esposa reclamou por ele ter comparecido novamente à reunião de hoje: "Vai de novo? Mas já foi ontem!" (Diário de Campo, 25 nov. 2019).

Assim que o relógio marca o horário marcado para a reunião começar, a sala já está razoavelmente cheia e o coordenador iniciou a reunião. Os membros que estavam em pé se sentaram, os que estavam conversando ficaram em silêncio e nos primeiros minutos da reunião mais membros foram chegando.

A reunião se inicia com os membros em pé recitando a oração da serenidade: "Deus, conceda-me a serenidade para aceitar aquilo que não posso mudar, coragem para mudar o que me for possível e sabedoria para saber a diferença". Após a oração, foi hora da leitura das reflexões diárias. O tema das reflexões de hoje foi sobre aceitar as circunstâncias. No quadro negro, logo atrás do coordenador, estava escrito: "Reflexões Diárias: aceitando nossas circunstâncias atuais/ Vivendo sóbrio: repousar bastante/ Reflexão de vida: mente sã, corpo sã". As "reflexões diárias", o "vivendo sóbrio" e a "reflexão de vida" são frases escritas no quadro negro que variam de acordo com o dia. Na minha opinião, elas ajudam a dar um ritmo

à passagem do tempo e dão um certo eixo temático às reuniões (Diário de Campo, 12 jan. 2020).

A recitação da oração da serenidade e a leitura da literatura coincidem com o início da reunião, com sua retomada logo após o intervalo ou com o final. Elas acabam funcionando como um momento de marcação temporal dentro da própria reunião. Funcionam como um período de transição, em que os membros vão chegando ou saindo da reunião.

Roberto, que frequentemente encontro nas reuniões dos NA-Santa Cecília, e que raramente vem aos AA-Campos Elíseos, chegou após o início da reunião. Ele colocou o celular para carregar em uma tomada ao meu lado, então tive que trocar de lugar com ele, o que foi meio disruptivo com a partilha que estava acontecendo no momento. O coordenador pareceu ter ficado um pouco irritado. Assim que a partilha terminou, o coordenador perguntou a Roberto qual era o seu nome para anotar na ficha da reunião.

Logo após essa “discussão” ele foi sorteado para falar. Na partilha, reclamou das “regrinhas” do grupo —não poder fumar embaixo da lona, não poder pegar um cafezinho—, que afastam o recém-chegado. Sobre sua vida, falou coisas mais genéricas. Não disse nada sobre prostitutas, sua depressão ou a moradia próxima da Cracolândia, assuntos que ele narra constantemente nos NA (Diário de Campo, 07 mai. 2018).

No momento entre o sorteio e o levantamento do membro sorteado que vai partilhar, alguns membros que chegaram após o início da reunião aproveitam para se cumprimentarem (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

O membro que se autodenomina jornalista partilha que é dependente químico, conta sobre o período em que ficou internado, diz que na clínica aprendeu muito sobre os Doze Passos e que lá eles falavam que quando saísse de lá “era sala”. Diz que precisa aceitar o *status quo*, que era punk e que questionava tudo, inclusive os AA, mas percebeu que precisava mudar porque viu que já era um “tiozinho” e que não podia ficar se vestindo como skatista. Assim que termina de partilhar, vai para a copa pegar um café (Diário de Campo, 04 dez. 2019).

Moara, uma membra frequente, negra de mais ou menos 50 anos e *alcoólica pura*, é sorteada, mas diz não querer partilhar (Diário de Campo, 27 nov. 2019). É bem raro membros homens não quererem partilhar, comportamento mais frequente em mulheres.

Uma senhora idosa que ingressou ontem estava lá novamente com a sobrinha. Além dela, havia outro recém-chegado. Nenhum dos dois quis fazer uso da palavra. Após eles não quererem partilhar, Cassandra, uma membra frequente que muitas vezes exerce a

coordenação, foi sorteada e afirmou que em seus primeiros dias se sentia envergonhada em partilhar, mas que hoje, se deixarem, ela fala durante mais de quinze minutos, e que ao partilhar ela ajuda os outros. Também disse que apesar de ter parado de beber, ainda fumava, mas que não estava se cobrando tanto por isso, estava indo aos poucos. Percebi que ela estava falando diretamente para os recém-chegados, até porque ontem, quando essa membra idosa ingressou, ela comentou várias vezes que os recém-chegados ficavam envergonhados de voltar após terem bebido, mas que o grupo não exigia que já parassem de beber, que o importante era continuar voltando (Diário de Campo, 07 mai. 2018).

Diana, membra de mais ou menos 40 anos, com cabelo curto e trejeitos de "classe média", partilha que já pediu dinheiro na rua. Diz que tem outros problemas que quando bebe se agravam muito e que sem álcool ela vira uma bomba relógio, mas que ela sabe que a causa do seu alcoolismo está nela e não na garrafa. Afirma que os AA são um "manual para viver", que a ensinou a ser adulta: "aprendi a ouvir aqui, aprendi a respeitar horário" (Diário de Campo, 03 jul. 2016, 17h).

Letícia partilha que naquele dia cinco de maio fazia um ano e três meses que estava sóbria. Afirma que, antes, passava por aquele dia do mês e nem notava, o que mostrava o quanto ela estava desconectada do programa. Fala que está fazendo terapia e que a terapia a ajuda no programa. Mas diz que não vai falar para outras pessoas que é alcoólica, porque eles não irão entender. Só quem entende é "quem está aqui dentro" (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

Kauã é sorteado para partilhar. ele é um membro dos AA-Campos Eliseos que vejo frequentemente nos NA-Santa Cecília. Ele estava na reunião dos NA em que fiz campo há quatro dias. Aqui nos AA ele está mais "arrumadinho" e está usando uma camisa polo. Na sua partilha, que é bem confusa e difícil de se compreender, ele diz que parou de beber e "aí, na consequência, parei de usar droga [...] o alcoolismo me levou na Cracolândia". Após o término de sua partilha, o coordenador disse que a literatura do dia era sobre o terceiro passo. Kauã o corrigiu, dizendo que como era a segunda semana do mês, pelo calendário do grupo, o tema da literatura era a terceira tradição (Diário de Campo, 08 mar. 2018).

Bia se voluntaria para ler um trecho do livro *Alcoólicos Anônimos* sobre a terceira tradição ("o único requisito para ser membro de AA, é o desejo de parar de beber") e depois partilha sobre o trecho. Diz que quando começou a frequentar os AA tinha muito preconceito com os adictos e que os NA são na sala ao lado, mas que ninguém usa drogas sem passar pelo álcool. Ela afirma que na sala você vê estupradores e pedófilos e que não é fácil aceitá-los,

mas que é preciso aceitar. Ela emenda que hoje em dia há o transexualismo e a gente tem que deixar a porta aberta. Comenta sobre os gays serem escorraçados dali e conta de uma pessoa trans que foi ao grupo e não foi abraçada pela irmandade (Diário de Campo, 08 mar. 2018).

O coordenador anuncia que é hora da sétima tradição. Nesse momento, passa-se uma sacolinha para os membros doarem dinheiro para a sala. A maior parte dos membros presentes não doa e alguns doam moedas ou uma nota de dois ou cinco reais.

Nas primeiras reuniões em que estive presente algum membro frequente me avisou que ela não poderia doar, pois não era membra. Mas depois de algumas reuniões, ninguém mais me avisou. Minha impressão era de que o grupo era coeso o suficiente para todos os membros frequentes saberem que havia uma pessoa fazendo pesquisa na sala e quem ela era, mesmo que não tivessem entrado em contato direto com ela.

Após a sétima tradição, é hora do intervalo. Durante o intervalo, converso com o coordenador e outros membros na copa. Enquanto vários membros estão presentes, Moara conta que um ex-membro que vivia na rua veio para cá e lhe arranjaram emprego e moradia. Quando ele melhorou, achou que estava bem e deixou o grupo. Aí voltou a beber, a morar na rua e morreu (Diário de Campo, 08 mar. 2018).

Após isso, pergunto para Moara e Letícia sobre a sala dos NA ao lado. Letícia namora um membro dos NA-Santa Cecília e diz que eles frequentam salas diferentes porque têm drogas de preferência diferentes. Ela afirma que apesar de ter usado outras drogas, tem preferência pelo álcool e que quem consome drogas diferentes fica diferente. Moara diz que nunca usou outras drogas, nem cigarro, mas que ouvia falar que muitos membros saíam dos NA para os AA para fugir do “barulho”. Letícia afirma que as duas salas são muito diferentes e que valoriza a paz dos AA. Moara diz que "o pessoal de lá (do NA)" via os AA como sendo composto por “vários velhos” (Diário de Campo, 07 mai. 2018).

O coordenador volta à sua mesa e afirma que a reunião retornou. O secretário da reunião³⁴, que é *alcoólico cruzado* e inteiramente tatuado, fala de forma um pouco agressiva: "vamos lá gente, tem muita gente pra falar" (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

Assim que a reunião é retomada, é hora da leitura da literatura. Um membro que se voluntariou vai na frente da sala e lê trechos do livro *Alcoólicos Anônimos*. Enquanto ele lê, os membros que estavam fora da sala, durante o intervalo, vão retornando. A impressão é de que a leitura funciona como um momento de transição entre o intervalo e as partilhas, para

³⁴ Membro que no início da reunião se voluntaria para auxiliar o coordenador no que ele precisar.

que o primeiro membro que irá partilhar após o intervalo não se sinta prejudicado pelo fato de a sala estar mais vazia.

Um membro é sorteado e faz uma partilha cujo sentido tenho dificuldade de apreender. O secretário da reunião, que está sentado ao meu lado, se vira para mim e diz que "pepino depois que vira picles, nunca mais vira pepino de novo". Ele explica que enquanto os adictos depois de um tempo ficavam normais, a cabeça dos alcoólatras "cozinha" e não volta mais. Então, ele sugere que eu entenda esta partilha pelo crivo que os AA forneciam: fez um gesto em que sua mão passava pelo rosto, remetendo a um véu ou óculos, e disse que esse membro que estava partilhando não iria melhorar, porque ele não falava dele mesmo. Isso era o contrário do quarto passo, que trata da importância de se fazer um inventário moral de si (Diário de Campo, 05 mai. 2018 19h30).

Pedro, *alcoólico cruzado* que possui dreads no cabelo e também frequenta os NA-Santa Cecília, partilha que está indo em outra sala de Doze Passos³⁵ para tratar de obsessões românticas. Afirma que ele muda em qualquer sala que ofereça os Doze Passos e ele entre de cabeça. Ele, então, comenta sobre a literatura dos NA: "[s]e vocês ouvirem palavra aqui da minha boca é influência lá do outro lado (NA), que aqui não pode, mas lá é liberado". Diz que a doença o obriga a mudar para melhor, e que isso o faz ir atrás do programa, então que a doença não é uma maldição. No final da partilha, fala sobre ser borderline e ter tentado suicídio (Diário de Campo, 04 dez. 2019).

Um senhor bem idoso, que o secretário diz não ver há muito tempo, partilha sua história de vida. Conta, com a voz muito baixa, que bebeu muito tempo e achava que não era alcoólatra. Disse que nunca usou drogas, porque achava que se usasse tudo ia desandar, mas que as coisas desandaram só usando álcool mesmo. Disse que ficou internado quatro vezes e que tentou parar apenas com religião, mas precisou dos AA. Fala sobre recaídas, que "ninguém é de ferro", mas que não queria recair, então estudou "os passos, as tradições e as frases" (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

Valdir partilha que já tem quase dois meses de irmandade e agradece à sala e à "dona Isabela" (sua chefe). Diz que está lendo a literatura e que são muitas frases, que é difícil lembrá-las e que vai ter que tatuá-las. Ele vai ficando sem assunto na partilha e pega uma cestinha onde há frases da literatura dos AA e lê uma frase. No final da partilha, ele diz que quando veio para cá achava que os problemas dele eram muito grandes, mas hoje vê que

³⁵ Há outras irmandades que adaptaram os Doze Passos para diferentes finalidades. Que oferecerem tratamentos para questões românticas e sexuais, há Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Mulheres que Amam Demais Anônimas e Co-dependentes Anônimos.

existem problemas muito mais difíceis e que ele é só mais um na multidão (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

No final da reunião, é hora da terceira tradição, quando é aberto espaço para interessados ingressarem na irmandade. Uma mulher que estava assistindo à reunião quis ingressar. Letícia ficou responsável pelo ingresso e entregou à nova membra alguns folhetos do AA e a sua ficha de ingresso, a que chamou de “seu novo RG”. Todos os membros bateram palmas entusiasmadamente. Um homem visivelmente entorpecido interrompeu o ingresso da nova membra e foi acalmado por outros membros presentes. Assim que o ingresso terminou, ele disse que queria ingressar e um membro frequente disse que ele já havia ingressado uma vez, ao que o homem respondeu que já havia ingressado e que queria ingressar de novo. O membro antigo disse, então, para o coordenador colocá-lo como membro na ficha da reunião. Depois, alguns membros o levaram para fora da sala e conversaram com ele (Diário de Campo, 09 abr. 2018).

A última partilha foi de um membro que chegou quase no final da reunião. Ele disse que chegou naquele horário pois estava na faculdade, mas que chegou bem na hora da entrada da nova membra e que isso foi um presente para ele (Diário de Campo, 05 jun. 2018).

No encerramento da reunião os membros se levantam e recitam o chamado termo de responsabilidade: “eu sou responsável, quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de AA esteja ali e, por isto, eu sou responsável”. Em seguida, fazem a oração da serenidade novamente e, por fim, os membros se cumprimentam novamente e se despedem.

Após o final da reunião alguns membros ficam conversando do lado de fora da sala e, assim que os membros vão saindo, se despedem.

Um lugar com mais liberdade

Em geral, as reuniões dos NA-Santa Cecília seguem o seguinte *script*: as reuniões se iniciam com o coordenador comunicando sugestões para o bom andamento da reunião, como deixar o celular no modo silencioso e não fumar dentro da sala. O grupo não tem restrições contra palavrões em partilhas e como no início da reunião há poucos membros em sala (a maior parte chega no decorrer da reunião), não faz muito sentido fazer a oração no início. Os membros possuem seis minutos para partilhar, que são cronometrados pelo coordenador. Nos NA não há uma cadeira específica para os membros partilharem e é costume que a primeira coisa a que se refiram seja ao seu tempo “limpos”.

No meio da reunião é passada uma sacolinha para doações ao grupo e não há intervalo. Acredito que como muitos membros entram e saem constantemente da sala, não é viável ter um intervalo. Após as doações, abre-se espaço para que eventuais ingressantes partilhem sobre o motivo de procurarem o grupo. Depois, voltam-se as partilhas entre os membros e, quando a reunião é finalizada, os presentes vão para o centro da sala, abraçam-se em grupo e fazem a oração da serenidade.

A seguir faço um relato de uma típica reunião dos NA-Santa Cecília. Esse relato é uma construção feita a partir das regras de interação identificadas em dezoito reuniões em que fiz trabalho de campo. Os nomes dos membros foram alterados para manter seu anonimato.

Chego dez minutos antes da reunião começar, me apresento ao coordenador e pergunto se ele a autoriza a assistir à reunião. Ele responde que sim e não puxa nenhuma conversa. O coordenador da reunião ocorrida duas horas antes entrega ao coordenador da reunião que irá começar o que chamou de "cola" do andamento da reunião, afirmando que foi um membro que estava há sete anos nos NA que a entregou pra ele: "o cara tá aqui há 7 anos, você acha que ele não sabe das coisa?". Eles conversam sobre o trabalho do coordenador, que se dá em um *call center*. O coordenador afirma que precisa voltar a estudar e que quer fazer uma faculdade. Depois comenta que está calor, vai ligar o ventilador e começa a falar que sonha com o dia em que a sala terá um ar-condicionado (Diário de Campo, 14 mar. 2018).

A reunião se inicia com os membros presentes dizendo seu nome e seu "tempo limpo". Houve falas como "estou limpo hoje", que indicavam que o membro fizera uso de drogas no dia anterior, como também a de um membro que disse estar limpo há 18 anos, 3 meses e 2 dias (Diário de Campo, 14 jan. 2020 17h).

O coordenador pergunta se há alguém na sala que assiste a uma reunião dos NA pela primeira vez. Um homem levanta a mão e o coordenador diz que, como há um visitante, a literatura a ser lida no início da reunião será o folheto "Bem-vindo a Narcóticos Anônimos". O coordenador distribui o folheto para cada pessoa presente na sala e cada parágrafo é lido por um membro diferente em voz alta. A maior parte lê com certa dificuldade. Durante a leitura alguns membros estão no celular, um está cochilando e um está comendo milho. Ao final da leitura, todos os membros falam juntos e enfaticamente a última frase do folheto: "continue voltando, funciona!" (Diário de Campo, 05 abr. 2018, 20h; 09 abr. 2018).

Ricardo, membro frequente, que parece ser jovem, usa roupas com estilo de "skatista" e se apresenta como artista plástico, é sorteado e partilha que já foi para o hospital psiquiátrico seis vezes e que em todas elas foi levado para a internação pela polícia. Conta que entrou nos

NA aos quinze anos, que ainda é "aquele moleque de quinze anos" e que já teve mais de trinta recaídas. Começa a falar sobre o Van Gogh, que se matou e durante a vida inteira vendeu só um quadro, ao passo que ele já vendeu 200 quadros. Comparada à de outros dias, a partilha dele hoje está mais encadeada e consigo compreender melhor seu sentido. Outro membro, que aparenta estar interessado amorosa e/ou sexualmente nele, faz bastante contato visual em determinado momento, mas logo depois vai para o celular. Vários outros membros estão no celular e um segue cochilando. Ricardo diz que as pessoas se cansam dele depois de um tempo. Após essa afirmação, um membro que estava o tempo inteiro no celular parou de olhar o celular e começou acariciar a própria barba. Assim que acaba sua partilha, Ricardo vai para o celular (Diário de Campo, 14 mar. 2018).

Ivanildo, que está com uma blusa social e aparenta ter quarenta e poucos anos, é sorteado e partilha sobre vir ao grupo mesmo quando não está afim. Diz que o negócio dele é "ppp, puta, pinga e...[pó]". Um membro chega na sala, coloca o celular na tomada e fica no celular. Outros dois membros entram conversando alto, Ivanildo começa a partilhar mais alto sobre problemas financeiros e outros dois membros concordam, mexendo a cabeça (Diário de Campo, 15 mar. 2018).

Lúcio, membro *antigo* e frequente, partilha que estava no celular, mas que estava escutando. Disse que quando estava no joguinho no celular não escutava, que desinstalou o joguinho e decidiu não ser escravo do joguinho (Diário de Campo, 04 mai. 2018).

Mais membros vão chegando e o membro que estava cochilando acorda e está com a perna em cima da cadeira. A sala está bem cheia. Deco, um membro frequente que estava no celular ininterruptamente desde o início da reunião, coloca seu celular para carregar. Janete e outro membro que também estava no celular conversam. Deco começa a cochilar.

Tales, que aparenta ter vinte e poucos anos e é membro frequente, apesar de narrar estar nos NA há pouco mais de um ano, exerce a função de coordenador em algumas reuniões e partilha que se identifica com Lúcio, que também era escravo do celular. Lúcio agora está no celular e não reage à menção que Tales faz dele. Caio vem me oferecer um café, eu recuso e ele vem me entregar um copo d'água. Como os membros sempre aceitam café e tomam café diversas vezes durante a reunião, Caio ficou visivelmente surpreso com a recusa do café. O mesmo sucedeu nos AA-Campos Elíseos e parece que é aí que eles começam a acreditar que não possuem problemas com alcoolismo e/ou adicção.

Na continuação de sua partilha, Tales conta que teve um problema com a justiça e foi ao Fórum Criminal da Barra Funda, um lugar com uma energia muito pesada, onde poderia

ter tido grandes problemas. Afirma que chegou lá e conversou "numa boa" sobre o seu problema e foi liberado. Disse que sentiu o "poder superior" com ele naquela hora (Diário de Campo, 15 mar. 2018). Tales é um membro frequente, algumas vezes exerce a função de coordenador e sempre faz partilhas muito encadeadas.

Ricardo, que estava no celular, mostra-se bem indiferente, olhando para o chão e se coçando (Diário de Campo, 15 mar. 2018).

Agora é hora da sétima tradição. Ela consiste em circular uma sacolinha para os membros doarem dinheiro à sala. Assim que a sacolinha começa a passar, vários membros saem da sala. Uma membra frequente se voluntaria para falar sobre a importância da sétima tradição enquanto a sacola passa. Diz que muitas pessoas saem da sala nesta hora, que muita gente reclama de gastar dinheiro de modo compulsivo, mas que ninguém é compulsivo ao doar para NA. Afirma, ainda, que caso a pessoa não tenha dinheiro, tudo bem, que ela podia chegar mais cedo e servir, fazendo o café ou arrumando a sala (Diário de Campo, 11 jan. 2020).

Ao contrário dos AA-Campos Elíseos, a reunião dos NA-Santa Cecília não conta com intervalo. Assim, logo após a sétima tradição, Adenilson é sorteado e partilha que possui uma empresa de transporte de bebidas. Ele critica um membro que numa reunião anterior contou ter processado o patrão, exigindo quarenta mil reais. Adenilson afirma que o patrão trabalha mais e que se é empresário, fez alguma coisa para merecê-lo. Quando termina de falar, várias pessoas o cumprimentam e aparentam concordar com o que ele falou. (Diário de Campo, 06 fev. 2020)

Kauã, membro frequente dos NA-Santa Cecília e membro ocasional dos AA-Campos Elíseos, mexe as pernas e balança a cadeira à sua frente com as mãos enquanto partilha: "o programa não me oferece *status* de rico, nenhuma faculdade, mas me impede de cair". Depois diz que "os espíritos que me acompanharam na biqueira ainda me acompanham na sobriedade". Tenho dificuldade para compreender o sentido da sua partilha e os outros membros parecem não prestar muita atenção a ela. Uma membra antiga que está sentada ao lado do Kauã vai para o celular. O coordenador diz para Kauã que o tempo dele acabou, mas Kauã continua partilhando. Diz se sentir irritado quando outros membros reclamam e que eles precisam agradecer por estarem vivos. Assim que termina de falar, sai da sala (Diário de Campo, 05 mar. 2018).

O coordenador também sai da sala e deixa uma membra, que depois descobro ser namorada dele, na função da coordenação (Diário de Campo, 23 abr. 2018).

Pedro, que estava com um terno grande para o tamanho dele, contou de uma briga que teve com um membro. Pelo que entendi, ocorreu na frente do grupo, poucos dias antes, e deveu-se a algo que esse membro fez com uma membra. Disse que estava fantasiando sobre matar o cara e que estava aproveitando para falar isso no grupo, porque estava morando na zona norte. Resolveu ir ao grupo de lá, mas na última reunião em que foi no outro grupo não falou sobre o assunto. Explicou que o pessoal de lá era muito positivista (depois corrigiu para positivo) e na ocasião havia dois recém-chegados. Disse que foi à terapia e falou sobre a vontade de matar aquele membro. Também conversou sobre isso com outros companheiros, que acharam que ele fez bem em se controlar. Afirou que aquele membro o ameaçou de morte na frente de policiais e que estes não falaram nada, que a polícia não servia para nada (Diário de Campo, 14 jan. 2020).

A esposa do coordenador, que assumiu a coordenação, está no celular. Ela não vê quando o *timer* de seis minutos da partilha termina. Um membro sentado perto dela, a avisa (Diário de Campo, 23 abr. 2018).

A reunião se encerra com a reza da oração da serenidade em círculo no meio da sala. Todos os membros levaram as bolsas e mochilas que tinham na hora da oração, deixei a bolsa em cima da cadeira. Depois da oração, os membros e eu pegamos nas mãos uns dos outros e desejamos "bons momentos".

Após o encerramento da reunião, Janilson, um membro frequente, que aparenta ter por volta de cinquenta anos, usa uma camiseta de banda e tem cabelo comprido, comenta com outro membro que, no início, teve dificuldade em aceitar a presença de psicóloga dentro da sala. Depois, se vira para mim e diz em tom amigável para eu continuar voltando (Diário de Campo, 05 jan. 2018, 11 jan. 2020).

CAPÍTULO 4

A eficácia dos AA e dos NA nas salas de reunião dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília

Neste quarto capítulo relaciono como o que os membros antigos dessas duas salas difundem, durante as reuniões, como sendo comportamento adequado dos membros durante a ocasião das reuniões com o comportamento que os membros das duas salas adotam, de fato, durante essas mesmas reuniões. Ademais, apresento como os estoques de conhecimento veiculados pelas instituições acerca tanto de quais alegações elas se utilizam para, a meu ver, defender a eficácia desse tratamento e que são expressados através de seus livros e folhetos que circulam pelas salas dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília, se relacionam com as regras de interação vigentes nessas mesmas salas, quanto de no que consistiria a eficácia do tratamento oferecido por elas, cuja base associo com o que chamo de *individualismo de base religiosa*.

Com esses objetivos, este capítulo contará com três seções. A primeira —Regras de interação sinalizadoras de eficácia simbólica— na qual relaciono as regras de interação vigentes nas reuniões com o que seus membros antigos afirmam ser o comportamento ideal. Na segunda relaciono o estoque de conhecimento —Presença variável de argumentos legitimadores de livros e folhetos. Por fim, na terceira seção —Presença variável de *individualismo de base religiosa*—, tenho por objetivo explicar sobre como o que chamo de *individualismo de base religiosa*, que abarca uma posituação dos membros serem reflexivos, responsáveis, pensarem individualmente e mudarem de vida e que é como a sua internalização por parte de seus membros tendo uma eficácia terapêutica, se expressa, variavelmente, nas regras de interação dos membros dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília.

Regras de interação sinalizadoras de eficácia simbólica

Falar que o tratamento oferecido funciona e bem da própria sala e irmandade

Os membros antigos de ambas as salas professam que é necessário acreditar que o tratamento oferecido pelas irmandades funciona. Como vemos em afirmações como essa, de

um membro antigo dos AA-Campos Elíseos; “[o] programa funciona? Funciona, desde que eu me entregue a ele” (Diário de Campo, 18 mar. 2018). Partilhas como esta, por vezes com alguma variação, são recorrentes em todas as reuniões dos AA-Campos Elíseos nas quais fiz campo. Também nos NA-Santa Cecília, os membros antigos defendem ser importante acreditar no tratamento, como em uma partilha de uma membra antiga na qual disse que "precisamos acreditar em NA" para o programa funcionar (Diário de Campo, 13 mar. 2018).

Nos meus cadernos de campo não há nenhuma menção a alguma partilha dos AA-Campos Elíseos em que os membros afirmem não acreditar que o tratamento oferecido pelos AA-Campos Elíseos funcione. Há menções frequentes à possibilidade do seu funcionamento; "é importante as pessoas saberem que tem um lugar que funciona" (Diário de Campo, 27 nov. 2019). Por sua vez, nos NA-Santa Cecília, críticas ao programa, à irmandade e à sala de reunião foram frequentes. Um caso ilustrativo ocorreu quando um membro frequente, com visual punk, me disse em privado que a literatura dos AA era mais expandida que a dos NA (Diário de campo, 15 mar. 2018) ou quando um membro antigo e frequente partilhou que estava cansado do grupo porque lá era enganado, os membros falavam mal uns dos outros, em caso de recaída havia quem dissesse "eu sabia" e chegavam até a apostar quem iria recair (Diário de campo, 04 jun. 2018).

A única menção mais crítica ao programa dos AA nos AA-Campos Elíseos foi feita em privado a mim pelo coordenador da reunião, um membro antigo e frequente, que disse ser complicado o fato de os AA não acreditarem em redução de danos. Ele afirmou, ainda, que havia formas de se manter sóbrio que não envolvessem o grupo e que, inclusive, havia um psiquiatra que defendia que os AA funcionavam apenas para algumas pessoas. Contudo, durante sua partilha, esse coordenador não manifestou nenhuma discordância em relação à irmandade (Diário de campo, 05 mai. 2018).

Ademais, em situações de conflito dentro dos AA-Campos Elíseos, a fachada da sala e da irmandade foi preservada pelos membros através de afirmações como "os AA são um reflexo da sociedade" e da representação como não-membro de quem infringiu as regras.

Frequentemente, membros dos AA diziam que o grupo era um lugar de muito respeito, amor e aprendizado (Diário de Campo, 27 jun. 2016, 09 abr. 2018, 05 mai. 2018, 07 mai. 2018, 05 jun. 2018 19h30). Certa vez, um membro antigo e idoso descreveu a sala como um "treinamento" para o mundo de fora da sala e afirmou que no lado de dentro era fácil ter amor e respeito (Diário de Campo, 05 jun. 2018). Também se afirma que a sala é um lugar "com partilhas fortes", muitas pessoas e muitas histórias (Diário de Campo, 27 jun. 2016), o que

acredito que se dê por diversos membros terem trajetórias de situação de rua e haver um número maior de membros, quando a sala se compara com outros grupos dos AA pela cidade.

Durante as partilhas, os membros até afirmam que já tiveram dúvidas sobre os AA, mas que, no presente, sabem que o grupo e o programa funcionam, o que aparenta ter um caráter quase didático e de convencimento de membros que podem acreditar que o grupo não funciona.

Quando críticas eram feitas, eram direcionadas a membros específicos, de modo a preservar a sala ou a irmandade. Isso se verificou, por exemplo, após um membro ocasional ter partilhado que havia se afastado do grupo por problemas com outro companheiro. Um membro antigo e frequente partilhou que “negócio de se afastar da sala por causa de uns loucos aí não vale a pena [...] eu sei de quem você está falando”. Enquanto isso, um membro frequente dos NA-Santa Cecília entrou na sala, pegou várias bolachas e saiu; o membro antigo e frequente continuou sua partilha contando sobre um "menino dos NA" que ia aos AA só para pegar café. Relatou, ademais, que, por ser perto do metrô, daria “tudo que é tipo de gente” nos AA (Diário de Campo, 08 mar. 2018). Uma membra partilhou que um membro que estava há 20 anos nos AA disse a ela que nos AA haviam de tudo, gente boa, gente ruim e tinha até alcoólatra; e que ela iria se decepcionar com as pessoas, mas não com o programa (Diário de Campo, 16 out. 2019).

Além de associar problemas da sala ou da irmandade com membros específicos, os membros dos AA-Campos Elíseos também os associam a questões mais gerais da sociedade. Um exemplo disso se deu quando uma membra que se disse frequentadora adicionou que lá era "uma coisa esquisita", porque havia "muito lixo aqui, assim como [tinha] na sociedade; afinal, os anônimos fazem parte da sociedade" (27 jun. 2016).

Os membros dos AA-Campos Elíseos se comparam positivamente aos NA-Santa Cecília, afirmando que estes seriam "barulhados", menos regrados e um lugar onde seria aceitável falar palavrão (Diário de Campo, 07 mai. 2018, 18 mar. 2018, 27 nov. 2019). Em uma conversa privada com dois membros dos AA-Campos Elíseos que afirmaram ser alcoólicos cruzados e ter antes frequentado uma sala de NA, um disse que não gostava de fazer julgamentos de valor, mas que os NA eram mais "barulhado", enquanto os AA seriam mais espiritualizados, razão pela qual o frequentava; o outro afirmou que os NA eram "lugar de prostituta, traficante e ladrão" (05 de mai. 2018). Também foi marcante a fala de um membro ocasional que teria passado alguns dias sem frequentar os AA-Campos Elíseos e que, entrando nos NA-Santa Cecília, "deu lá o que recebeu aqui" (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

Em relação aos palavrões, é de se notar que nos AA-Campos Elíseos há uma placa com os dizeres: "palavrão não é recuperação". Uma membra falou um palavrão durante uma partilha e logo após se desculpou; apontando para os NA-Santa Cecília, disse que "no outro grupo o pessoal fala bastante" (Diário de Campo, 18 mar. 2018). Há outra menção de um membro que no início de sua partilha se desculpou previamente para o caso de falar algum palavrão: "se vocês ouvirem palavrão aqui da minha boca é influência lá do outro lado [NA-Santa Cecília], que aqui não pode, mas lá é liberado" (Diário de Campo, 04 dez. 2019).

Em uma conversa privada com dois membros, dois membros antigos, um que era cruzado e o outro coordenador, afirmaram que os NA-Santa Cecília eram mais livres e concordaram que isso tinha suas vantagens. Contudo, durante a reunião nenhum deles fez um comentário negativo em relação aos AA. Aliás, não tenho dados de que alguma vez os membros dos AA-Campos Elíseos tenham dito que as regras de interação dos NA-Santa Cecília fossem boas ou melhores que as dos AA-Campos Elíseos. Na referida conversa privada com esses membros, um disse que os NA-Santa Cecília eram mais bagunçados, mas que lá também se tinha mais liberdade, pois ninguém ligava muito para o que se falava nas partilhas. Já o coordenador afirmou que nos AA você não podia falar que acreditava em redução de danos ou que havia outras formas de se manter limpo (Diário de Campo, 07 mai. 2018).

Enquanto os membros do AA-Campos Elíseos representam o grupo como um "lugar de muito respeito" de forma homogênea e falam sobre a irmandade, em geral, de forma positiva, os membros dos NA-Santa Cecília expressam estoques de conhecimento de senso comum heterogêneos sobre o próprio grupo e sobre a irmandade.

Alguns exemplos de opiniões negativas sobre o grupo ou a irmandade que os membros dos NA-Santa Cecília expressam durante as reuniões são: os membros reclamarem do programa, do grupo e da irmandade programa durante as partilhas. Como ocorre nas reclamações de que a sala precisava de mais dinheiro e os membros não estariam doando suficientemente (Diário de Campo, 04 mai. 2018; 11 jan. 2020). No mais, um membro antigo e frequente contou que foi jogar sinuca com outros membros, que os demais membros estavam jogando muito mal, mas que assim que apostaram dinheiro para ver quem ganhava o jogo, começaram a jogar bem e que ele acreditava que foi enganado, ao que uma membra antiga e frequente respondeu rindo que ele "com certeza" havia sido enganado (Diário de Campo, 14 jan. 2020).

Os membros também criticam a imposição de normas na sala, principalmente quando

membros antigos tentam impor regras, um exemplo foi uma membra ocasional que estava partilhando baixo e com uma voz triste sobre uma internação em uma clínica e disse que havia ido na sala aquele dia por ter tido um sentimento ruim repentinamente começou a falar de forma um pouco agressiva que outros membros a cobravam para ir mais à sala e que ela tinha vontade de responder para a pessoa pagar as contas dela para ela poder ir mais (Diário de Campo, 14 mar. 2018). Nessa direção, a impressão que tenho é que os membros antigos encontram dificuldades em impor as regras da irmandade durante as reuniões e até em transmitir os valores da instituição, pois isso não é bem visto pelos demais membros, uma partilha que foi ao encontro dessa impressão foi de um membro que narrou que possuía o maior respeito pelos "mais velhos" porque aprendia muito com eles, mas que, infelizmente hoje em dia os "mais novos" não tinham esse respeito (Diário de Campo, 14 mar. 2018).

Ademais, os membros comparam a sala dos NA-Santa Cecília negativamente em relação a outras salas de NA e ocasionalmente colocam os NA-Santa Cecília como um grupo que as regras de interação são opostas aos Doze Passos. Como por exemplo quando um membro antigo e frequente partilhou “vou falar pros recém-chegados evitem conversas paralelas e usar o celular”, diz que em outros grupos não se faz isso. (Diário de Campo, 05 abr. 2018).

Os membros também partilham uma série de coisas positivas em relação à irmandade e ao grupo. Segundo um membro antigo e frequente que aparentava ter por volta de quarenta anos e usava roupas associadas a subculturas juvenis, “NA é bem organizado, é um bando de louco, mas é bem organizado” (Diário de Campo, 14 mar. 2018). No mais, os membros também respondem nas partilhas a críticas de outros membros em relação à sala e ao programa, por exemplo, um membro antigo e frequente criticou uma membra que havia acabado de partilhar, e logo após saído da sala, que nos NA-Santa Cecília teriam muitos "pau do cu", ao que ele disse que "aqui é um lugar de amor, não pra dizer que os outros membros são pau no cu" (Diário de Campo, 06 mai. 2018).

Ademais, algo que me chamou bastante atenção nas reuniões dos NA-Santa Cecília e que não encontrei nos AA-Campos Elíseos foram comparações positivas do grupo em relação ao "mundo aí fora". Como quando um membro antigo e frequente partilhou que "aí fora as pessoas são muito fechadas e que aqui dentro é um pouco melhor... eu só consigo imaginar a minha vida aqui dentro" (Diário de Campo, 04 jun. 2018), quando outro membro partilhou que "aqui dentro é tamo juntos de verdade, lá fora é só se tiver dinheiro no bolso" (Diário de Campo, 06 mai. 2018) ou quando antes do início de uma reunião um membro agradeceu que

guardaram o carregador do celular dele no armário depois de ele o esquecer na sala e outro membro comentou que "aqui se guarda, ao contrário de nos tramos" e contou sobre quando roubaram o óculos dele no trabalho (Diário de Campo, 14 mar. 2018).

No mais, os membros também mencionam que os NA-Santa Cecília é um lugar de aprendizado e amor, mas menos frequentemente que nos AA-Campos Elíseos. Como quando um membro antigo e frequente partilhou que ouviu coisas que não gostou, indiretas e pessoas se projetando umas nas outras, mas que não era para ser assim, pois os NA seriam um programa de amor (Diário de Campo, 06 mai. 2018).

Assim como em relação a si mesmos, os membros antigos dos NA-Santa Cecília também expressaram opiniões tanto negativas quanto positivas quanto negativas em relação aos AA-Campos Elíseos. Minha impressão é que os membros dos NA-Santa Cecília adotam uma posição ambivalente em relação aos AA-Campos Elíseos porque os AA-Campos Elíseos seguem mais as regras que os membros antigos de ambas das salas colocam como sendo ideais, mas que eles se apresentariam como sendo melhores que os NA-Santa Cecília. Por exemplo, um membro frequente dos NA-Santa Cecília que aparentava ter uns 30 anos era inteiramente tatuado e tinha um visual punk partilhou de forma séria que foi pegar café nos AA-Campos Elíseos e que "os caras mantêm a postura na reunião deles, não tem pé na cadeira", subitamente ele começou a parecer irritado, pôs seus pés em uma cadeira, disse que "os caras acham que são melhores porque têm problemas só com álcool" que desrespeitam os NA-Santa Cecília quando vão para lá e que ele "causou" nos AA-Campos Elíseos, porque não conseguia ficar quieto com desrespeito com a sala que ele frequenta (Diário de Campo, 05 mar. 2018). No mais, há um membro antigo e frequente dos NA-Santa Cecília que dizia estar limpo e nos NA há nove anos e aparentava ter diversos amigos e grande status dentro do grupo e que me narrou em três conversas privadas diferentes com aparente ressentimento que assim que começou a frequentar os NA-Santa Cecília havia sido maltratado por membros dos AA-Campos Elíseos, que eles haviam falado para ele frequentar os NA pois ele possuía problemas com drogas e que haviam "virado a cara" para ele (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

Ademais, algo que me chamou bastante atenção foi que os membros também já se referiram aos NA-Santa Cecília como grupo de "nóias", segundo um membro "aqui dentro você pode mostrar que é um nóia" (05 abr. 2018). Ou quando um membro partilhou sobre um amigo dele que ele trouxe para os NA na quinta passada e que ingressou na irmandade, aí disse que o amigo que recaiu e foi na Cracolândia "de onde ele saiu, de onde nós dois saímos"

(Diário de Campo, 09 abr. 2018).

Enfim, gostaria de chamar novamente a atenção que enquanto as regras de interação dos AA-Campos Elíseos se alinham de forma mais homogênea com a norma de conduta professada pelos membros antigos de falar bem da sala, da irmandade e do tratamento oferecido, as regras de interação dos NA-Santa Cecília são mais heterogêneas, ora se alinham a essa norma, ora vão na direção oposta.

Por fim, gostaria de levantar uma hipótese para as comparações que os membros dos AA-Campos Elíseos fazem de si com os NA-Santa Cecília, elas me parecem uma forma de valorizar e transmitir uma fachada positiva do próprio grupo. Esse tipo de estratégia de negatizar um outro para se estabelecer como "melhor" também no referencial empírico dos artigos de Reyburn e Wright (2010), Kornfield (2014) e Gueta, Gamliel e Ronel (2019), revisados nesta dissertação na página 46 e 47. Para Howard Becker ([1998] 2007, p. 197), “quando membros de uma categoria de *status* fazem distinções hostis com membros de outra categoria de *status* com quem interagem regularmente, a distinção refletirá os interesses dos membros da primeira categoria na relação”. É o que os dados de campo insinuam que ocorra nas interações examinadas. Como os AA-Campos Elíseos já se comparam negativamente a outras salas dos AA e seus membros passaram por trajetórias que percebem como negativas pelo uso de álcool e/ou drogas, mas também pela situação de rua ou por fazerem uso de álcool e drogas no espaço físico e social das ruas, desse modo, acredito que as menções negativas aos NA-Santa Cecília talvez sirvam para colocá-los em uma posição mais favorável, por contraste. Como esta positivação se dá pela negatização do outro, a dinâmica ajuda a manter certas regras já existentes dentro da sala, de modo a dar continuidade ao processo de diferenciação, ao passo que mantém a imagem positiva deles mesmos.

Eu como multiplicadora da mensagem

Tirando em uma reunião feminina nos AA-Campos Elíseos, em que a coordenadora me parecia ser de classe média e escolarizada, me disse em uma conversa privada que frequentava outros grupos dos AA e me disse ir aos AA-Campos Elíseos exclusivamente nas reuniões femininas e fez várias perguntas em relação à minha pesquisa de uma forma bem assertiva (Diário de Campo, 03 jul. 2016), em todas as outras 36 reuniões nas quais fiz trabalho de campo fui bem aceita pelos coordenadores e membros antigos e frequentes. Por exemplo, nos NA-Santa Cecília quando fui após o encerramento de uma reunião agradecer ao coordenador

por me deixarem assistir e reunião, ele me disse para eu ficar a vontade porque eu era "multiplicadora da mensagem" (Diário de Campo, 13 mar. 2018). Em relação aos AA-Campos Elíseos, não tenho dados de ter sido chamada de multiplicadora da mensagem, mas parecia haver um certo consenso de que deviam me tratar bem, como é sugerido por um dado em que um membro antigo e frequente me respondeu, após eu perguntar se eu poderia fazer anotações em meu caderno de campo, que eu poderia fazer minhas anotações sem problema e, caso aparecesse algum "maluco" achando que eu queria pegar o nome dele, eu não estaria sozinha (Diário de Campo, 27 nov. 2019).

Em todas as reuniões nas quais fiz trabalho de campo, menos duas, cheguei antes do início da reunião, me apresentei como estudante da USP, passei a reunião inteira sentada na cadeira fazendo anotações no caderno de campo e evitei entrar em conversas paralelas durante a reunião. Durante as partilhas dos membros, olhava em direção a eles e, ao final de todas as vezes, agradecia ao coordenador a permissão de assistir à reunião. Por sua vez, os membros dos AA-Campos Elíseos me diziam que eu iria aprender no grupo e se esforçavam para manter uma fachada do grupo para mim. Eles constantemente me ofereceram café e foram muito simpáticos. Os membros dos AA-Campos Elíseos eram corteses, mas, tirando na reunião feminina, onde membras me chamaram para partilhar, em geral eram mais ou menos distantes.

Ademais, em duas reuniões dos AA-Campos Elíseos presenciei brigas entre os membros, em uma delas um membro se sentou no chão durante a reunião e se recusou a se levantar e os demais membros chamaram a polícia (Diário de Campo, 05 mai. 2018) e na outra dois membros brigaram fisicamente na sala e interromperam a reunião (Diário de Campo, 04 dez. 2019) e em ambas as vezes membros antigos me abordaram depois e me falaram para não tirar essa impressão do grupo porque normalmente não era assim.

Comparado com os AA-Campos Elíseos, as regras de interação entre os membros dos NA-Santa Cecília e mim foram mais heterogêneas. Encontrei problemas e resistências por parte de alguns membros, mas fui facilmente incorporada ao grupo por outros.

Quando comparada com a dos membros dos AA-Campos Elíseos, minha interação com os membros dos NA-Santa Cecília foi de uma relativamente fácil incorporação ao grupo, sobretudo a partir de ações dos membros antigos e frequentes. Apesar disso, alguns membros não notavam a minha presença enquanto pesquisadora na sala e alguns membros não sabiam que eu era visitante, mesmo após vários campos (o que não percebi nos AA, acredito que porque seja mais comum que os membros estejam presentes no início da reunião, período em que sou apresentada ao grupo como visitante).

Alguns membros antigos, em especial os coordenadores, se esforçaram para passar uma fachada positiva do grupo dizendo pra eu não guardar aquela primeira impressão (o que também ocorreu nos AA). Ademais, alguns membros antigos também se esforçaram para passar uma fachada individual para mim. Alguns membros se esforçaram para transmitir uma fachada pessoal intelectualizada, dizendo que gostavam de ler ou citando nomes de intelectuais (Diário de Campo, 05 mar. 2016, 13 mar. 2018) (o que não percebi nos AA). Também houve situações em que membros tiveram atritos comigo: membros isolados implicaram comigo, um inclusive bem agressivamente (o que não ocorreu nos AA).

Nessa situação em que um membro dos NA-Santa Cecília implicou comigo de uma forma agressiva, ele que havia partilhado ser psicólogo, ao final de uma reunião, gritou com a coordenadora da reunião que a minha presença tinha ferido os princípios do grupo, que eu havia instaurando um estado de vigilância e que eu ter feito anotações havia feito os membros se comportarem de uma forma diferente. A coordenadora respondeu que ele deveria ter falado isso com ela privadamente, não na minha frente e que isso passava uma imagem ruim do grupo. Após esse membro ir embora, a coordenadora disse que eu era sempre bem-vinda, pois era multiplicadora da mensagem (Diário de Campo, 05 mar. 2018). Essa coordenadora sempre foi muito simpática comigo e acredito que posso dizer que ela fez um esforço para me incorporar ao grupo, e nesse mesmo dia em que esse membro foi agressivo comigo ela me disse que apesar de ter ido usar drogas, seus pais sempre falaram para ela sempre "andar com gente igual, ou melhor" (Ibid.).

Esse tipo de incorporação também se insinuou em uma reunião na qual um coordenador, após eu perguntar se poderia assistir a reunião, me chamou de "semi-adicta" e disse que eu já era "prata da casa" (Diário de Campo, 04 mai. 2018). Após o término dessa reunião, tive uma conversa privada com esse coordenador e outra membra antiga, na qual eles narraram episódios nos quais se sentiram inferiorizados na escola (Ibid.). Ademais, algumas vezes, quando membros mencionaram escolas ou educação em geral durante as partilhas, fizeram contato visual comigo. Durante as partilhas, membros afirmaram que eu era psicóloga ou, quando partilhavam sobre tratamentos psicológicos, olhavam para mim (nos AA os membros raramente se referem a outros tratamentos para adicção durante as partilhas).

Enquanto os membros dos AA-Campos Elíseos se esforçaram para passar uma imagem positiva para mim, e o fazem de uma maneira mais homogênea, os membros dos NA-Santa Cecília possuem regras de interação comigo mais variadas. Alguns membros, normalmente com mais *status* dentro do grupo, esforçam-se para passar uma fachada do grupo para mim,

enquanto outros ora não se esforçaram, outrora tiveram interações mais ou menos hostis.

A relação estabelecida entre mim e os membros antigos me sugere que minha presença física nas reuniões funcionava aos olhos dos membros antigos como uma legitimação do programa. Além disso, acredito que minha linha de comportamento e meu idioma corporal, legitimavam as reuniões e obtinham o apoio dos membros antigos por se enquadrar no comportamento pregado por eles como ideal.

Por fim, enquanto nos AA-Campos Elíseos os membros antigos sabiam quem eu era, nos NA-Santa Cecília, mesmo após várias idas a campo (inclusive nas quais fui mencionada em partilhas), alguns membros frequentes não sabiam quem eu era e pareciam não se interessar. Tem-se a impressão de que como os membros dos NA-Santa Cecília frequentemente saíam da sala e faziam várias atividades paralelas (com um uso massivo e generalizado do celular), a reunião não era um momento com uma clara definição da situação e vários membros não entravam em contato com o que estava sendo veiculado nas partilhas dentro das salas.

O que os membros dos AA-Campos Elíseos fazem durante as reuniões

Nesta subseção, gostaria de destacar as regras de interação social não verbais vigentes durante as reuniões dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília. Para organizá-las, agrupei-as em três categorias: permanência física na reunião (ou não); fachada de prestar atenção à reunião (ou não); e, atividades com momentos específicos.

Essas regras se relacionam com os comportamentos que os membros antigos de ambas as salas professam durante suas partilhas serem indícios de uma "boa reunião" e/ou de eficácia do tratamento. Essa opinião dos membros antigos foi expressa em situações como quando membro que estava nos NA há cinco anos disse que estava sóbrio há um ano e oito meses e que a programação era simples, mas que tem que "sentar a bunda na cadeira aqui na sala e escutar [as partilhas]" (Diário de Campo, 23 abr. 2018), e outro membro antigo dos NA-Santa Cecília afirmou "vou falar pros recém-chegados evitem conversas paralelas e usar o celular, em outros grupos não se faz isso" (Diário de Campo, 05. abr. 2018). Por sua vez, um membro dos AA-Campos Elíseos que dizia estar há mais de vinte anos sóbrio, no final de sua partilha afirmou "Não vou agradecer pelo silêncio porque vocês tem que fazer silêncio mesmo, o grupo funciona na base da reciprocidade e quando vocês estão aqui, eu fico calado" (Diário de Campo, 07 mai. 2018). A importância de se prestar atenção às partilhas

também foi reforçada por outro membro antigo dos AA-Campos Elíseos, segundo o qual "se vocês não me escutam aqui, vocês tão me jogando no bar (Diário de Campo, 27 jun. 2016).

Permanência física durante a reunião (ou não)

O que chamo de permanência física na sala se refere ao fato de os membros estarem corporalmente presentes na sala durante a maior parte da reunião. Em geral, quando as reuniões dos AA-Campos Elíseos começavam, a maior parte dos membros que iriam participar já estavam presentes na sala, apesar de muitos chegarem aos poucos e no início da reunião, principalmente nos encontros durante a semana. Observou-se que a maior parte dos membros sempre ficava na reunião até o encerramento.

Era bem infrequente que membros entrassem e saíssem da sala durante as reuniões, mas era usual que, logo após partilharem, fossem para a copa pegar um café ou ao banheiro. Entretanto, não tenho nenhuma menção no meu caderno de campo de algum membro que tenha ido embora logo após partilhar.

Por sua vez, em relação aos NA-Santa Cecília, a regra seria o que chamo de não permanência física na sala. Em todas as reuniões, os membros entram e saem diversas vezes durante as reuniões (o que acontece bem menos frequentemente nos AA), os membros trocam de lugar diversas vezes durante a reunião e é usual saírem da sala imediatamente depois de partilharem. Além disso, muitas vezes conversam na porta da sala, dando para escutar o barulho que fazem durante a reunião.

Ademais, gostaria de chamar atenção para os coordenadores. Em todas as reuniões em que fiz trabalho de campo, o/a coordenador/a saiu da sala em algum momento da reunião e deixou outro membro coordenando. Em algumas ocasiões, o membro que permaneceu na coordenação era marido ou esposa do coordenador(a). Já nos AA-Campos Elíseos testemunhei a saída de um coordenador de uma reunião apenas uma vez (no grupo feminino).

Aparentarem estar prestando atenção (ou não)

Além da presença física durante a reunião, gostaria de frisar outra regra de interação não verbal dos membros: a de manterem fachada sobre estarem prestando atenção na reunião. Enquanto qualquer membro partilhava, praticamente todos os outros olhavam em direção a ele e pareciam estar atentos. Raramente se viu o uso concomitante de celular e, quando existiu, ele foi disfarçado, como quando uma membra que dizia ser cruzada ficou usando o celular dentro da bolsa e só percebi porque ela estava sentada ao meu lado (Diário de Campo, 09 abr. 2018).

Obviamente é difícil aferir o quanto os membros realmente estão (ou não) prestando atenção na reunião. Mas o que essa regra mostra é que eles não apenas aparentam prestar atenção, mas se esforçam para manter esta fachada.

Além da não permanência física durante a reunião, em geral, os membros dos NA-Santa Cecília não parecem prestar atenção à maior parte da reunião. Durante as partilhas, em todas as reuniões, a maioria dos demais membros não aparentam se atentar a quem fala, e estar virado para o membro que está partilhando é ocasional.

Há um uso indiscriminado de celulares em todas as reuniões nas quais fiz campo. Há dados sobre membros que não apenas usam o celular na sala com frequência, mas também durante muito tempo, membros que colocam o celular para carregar durante a reunião e coordenadores que, pelo menos, checam o celular durante a reunião (o que não aconteceu nos AA). Ademais, há menções de membros que olhavam o celular durante as partilhas (o que aconteceu apenas uma vez nos AA, quando um membro checkou o celular durante uma partilha) e de membros que tiraram selfies durante a reunião (o que não aconteceu nos AA).

Por fim, em todas as reuniões houve conversas paralelas dentro da sala, membros se cumprimentaram durante a reunião (inclusive durante as partilhas de terceiros). Ademais, há menções de membros que cochilaram na sala e de diversas outras atividades serem realizadas durante a reunião, como comer, ler revistas, fazer as unhas e passar hidratante.

Ao se comparar as duas salas, observa-se que as regras de interação não verbais dos membros dos NA-Santa Cecília destoam muito do que seria o comportamento considerado adequado pelos membros antigos das duas salas. De acordo com o critério dos membros antigos, as reuniões dos AA-Campos Elíseos se mostram mais regradas e disciplinadas.

Os membros das reuniões dos AA-Campos Elíseos passam uma fachada de prestarem mais atenção na reunião por fazerem atividades paralelas com uma frequência muito menor e por se manterem fisicamente nas salas durante períodos maiores da reunião. Para mim, estes comportamentos estão relacionados com o que os membros dos AA-Campos Elíseos chamam de "respeito" e clima "espiritualizado" na sala.

Além disso, a permanência na sala dos membros do AA durante as reuniões permite que a reunião tenha "definições de situação" mais claras. Há momentos específicos para a realização das atividades, momentos que são mais respeitados e em que os membros aparentam ter noção do que está acontecendo, bem como dos conteúdos das partilhas. Por fim, notou-se diferença nas regras de interação não verbais entre os coordenadores das reuniões dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília. Embora em ambas as salas os coordenadores

tenham o papel de impor as regras, nos NA-Santa Cecília são eles mesmos quem, muitas vezes, as violam.

Atividades com momentos específicos (ou não)

Associo a permanência física dos membros dos AA-Campos Elíseos durante as reuniões nas salas com o que chamo de atividades com tempos e lugares específicos. Quando os membros partilham, eles vão para a frente da sala e sentam-se numa cadeira específica voltada para os outros membros. Ademais, as reuniões contam com um intervalo, nos quais são realizadas atividades que não fazem parte usual da reunião, como conversar e mexer no celular, que são realizadas também dentro das salas, mas também comer, tomar café e fumar cigarros que são realizadas na copa ou fora da sala.

Por sua vez, nos NA-Santa Cecília não há intervalo e os membros não vão para uma cadeira específica para partilhar e os membros empreendem atividades como mexer no celular, sair para fumar, sair para conversar, conversar durante a própria reunião (essas quatro atividades ocorreram em todas as reuniões nas quais fiz trabalho de campo). Ademais, os membros também comeram durante as reuniões, folhearam revistas e tiraram *selfies*.

Retomar partilhas anteriores

Os membros antigos de ambas as salas retomavam mais as partilhas anteriores que os demais membros, o que como defende Arminen (1998, p. 491-492) ajudam a criar uma identidade mútua de alcoólico em recuperação entre os membros dos AA.

Quando comparado com os NA-Santa Cecília, nas reuniões dos AA-Campos Elíseos os membros retomavam mais as partilhas anteriores e, a meu ver, a reunião parecia ter um eixo mais claro, ademais, quando havia presença de recém-chegados, as partilhas dos demais membros eram mais voltadas para eles.

A meu ver, isso estava relacionado com as próprias regras de interação não verbais vigentes nos NA-Santa Cecília relacionadas à não permanência dos membros durante a reunião e a não aparentarem estarem prestando atenção, acabam por dificultar em retomar as partilhas anteriores durante as reuniões. Ademais, quando há recém-chegados nas salas, as partilhas são menos voltadas para eles do que nos AA-Campos Elíseos, como fica sugerido na partilha de uma membra antiga e que estava exercendo a função de coordenação: “bem vindo

aos que nos visitam pela primeira vez, mas preciso falar de mim” (Diário de Campo, 09 abr. 2018).

Presença variável de argumentos legitimadores de livros e folhetos

Contar histórias de membros individuais para os quais o tratamento funcionou

Para mim, uma das principais diferenças entre o conteúdo das partilhas dos AA-Campos Elíseos e dos NA-Santa Cecília se deu na diferença de frequência das menções às recaídas.

Durante as partilhas, os membros dos AA-Campos Elíseos se referem a recaídas como algo que aconteceu no passado e foi superado. Uma vez, um membro partilhou que estava há um ano e meio no grupo sóbrio, achou que já estava bem e voltou a beber (Diário de Campo, 08 mar. 2018); outro dia, um membro antigo e frequente partilhou que teve uma recaída com um ano e meio dentro dos AA, mas que já estava há sete anos limpo (05 jun. 2018). Uma exceção a esta forma de expressão ocorreu com uma coordenadora da reunião feminina, que também era membra dos NA, e me contou em uma conversa privada com tranquilidade que no mês anterior havia tido com analgésicos que haviam sido recomendados por um médico para um problema de saúde (Diário de Campo, 18 mar. 2018).

As menções às recaídas, quando apareceram, foram narradas como algo de culpa do membro individualmente, mantendo a fachada da sala e da irmandade. Isso se deu quando um membro frequente e de camiseta de surfista disse que entrou no grupo em 2003, passou três anos limpo, depois teve uma recaída e passou dez anos bebendo como se não tivesse aprendido nada nos AA (Diário de Campo, 12 jan. 2020); ou quando um membro partilhou que estava há oito anos nos AA, mas apenas há 30 dias limpo e relacionou isso com o fato de nunca ter seguido a sugestão da irmandade de fazer “90 dias, 90 reuniões” (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

Já nos NA-Santa Cecília, menções a recaídas são frequentes e vários membros, mesmo antigos e frequentes, partilham terem recaídas frequentes e não conseguirem passar muito tempo limpos. Foi o que ocorreu quando um membro partilhou estar há quinze anos nos NA e já ter tido quinze recaídas (Diário de campo, 14 mar. 2018); ou quando, durante uma troca de ficha³⁶, a membra responsável perguntou, em tom de bronca e reprovação: “[a]té quando vou

³⁶ Momento ritual durante a reunião em que um membro recebe uma ficha correspondente ao seu tempo limpo dentro da irmandade.

ficar trocando a sua ficha de 30 dias?", emendando que não iria passar mais a mão na cabeça da companheira. Nos NA-Santa Cecília, menções ao medo de recair foram muito mais frequentes que as percebidas nos AA-Campos Elíseos.

No início da reunião, ou assim que chegam à sala, os membros dos NA-Santa Cecília dizem a quanto tempo estão limpos. Logo, os membros sabem a quanto tempo os outros membros dizem estarem limpos. Em uma conversa privada, uma membra antiga e frequente me contou que isso levava a competições, muitos membros ficavam "fissurados" em terem mais tempo limpo que os outros e que isso atrapalhava o tratamento e levava a recaídas (Diário de Campo, 04 jun. 2018).

Minha impressão é que diversos membros aparentam estarem frequentemente com muito medo de recair, como quando um membro frequente com visual de skatista começou sua partilha falando sobre possibilidades no "trampo", ao que diversos outros membros da sala responderam "que legal", para terminar dizendo que uma recaída hoje iria ser mais destrutiva que nunca pois ele "tem mais recurso para fazer merda" (Diário de Campo, 13 mar. 2018).

No mais, há alguns membros antigos e frequentes que afirmam que, apesar de estarem nos NA há anos, têm diversas recaídas. Nesse sentido, um membro frequente afirmou estar nos NA há quinze anos e já ter tido mais de trinta recaídas, passando inclusive por diversas internações (Diário de Campo, 14 mar. 2018); uma membra que aparentava ter por volta de sessenta anos e possuía uma série de amigos no grupo afirmou estar nos NA há décadas e que havia ido drogada na sala no dia anterior assistir à troca de ficha de vinte e dois anos de um amigo (Diário de Campo, 23 abr. 2018) —quase dois anos depois, ela partilhou que continuava usando drogas (Diário de Campo, 06 fev. 2020).

Uma das razões que podem ajudar a explicar isso é que nos AA-Campos Elíseos os membros tenham mais vergonha em admitir recaídas e/ou evitem o assunto nas partilhas e/ou evitem a própria sala. Em uma reunião com dois recém-chegados, uma membra antiga e frequente disse que muitas vezes os recém-chegados ficavam com vergonha de retornar ao grupo depois de terem bebido, mas que eles deveriam retornar (Diário de campo, 07 mai. 2018).

Como já foi explicitado anteriormente, vários membros dos AA-Campos Elíseos, inclusive membros que possuem um grande *status* na sala, são alcoólicos cruzados. Logo, a alocação dos membros no AA-Campos Elíseos ou NA-Santa Cecília não é exclusivamente devido à(s) substância(s) que o membro consumiu ou consome. Nesse cenário, uma hipótese que levanto é de que uma das principais variáveis em relação à alocação dos membros nessas

duas salas diz respeito ao tempo de sobriedade dos membros. Há pelo menos uma menção, no meu diário de campo, de um membro das duas salas que frequentava ambas assiduamente, mas teve uma recaída e, depois, passou a frequentar exclusivamente os NA-Santa Cecília (Diário de campo, 05 mai. 2018). Após ele voltar a frequentar os AA-Campos Elíseos, ele compartilhou na sala sobre sua recaída que logo antes dela achou que estava bem, que não precisava evitar lugares, que havia começado a dar "rolês insanos", recaiu com cocaína, acabou passando dez meses "afastado da sociedade" e que depois desse afastamento fez uma transição [dos AA-Campos Elíseos] para "o grupo dos nória [NA-Santa Cecília] porque eu sou nória" (Diário de Campo, 16 out. 2019).

Afirmar que o tratamento funciona para muitas pessoas

Comparado com os NA-Santa Cecília, os membros dos AA SC, em geral, narram mais casos de sucesso, o que, a meu ver, passa a impressão de que o tratamento oferecido funciona para as pessoas presentes naquela reunião, pelo menos. Ademais, acredito que a própria quantidade de pessoas nas reuniões acaba por, de certa forma, legitimar um pouco o tratamento, como quando um membro afirmou que frequentava outra sala dos AA na cidade e começou a frequentar os AA-Campos Elíseos, pois lá teria "mais gente e mais histórias" (Diário de Campo, 27 jun. 2016). Isso também se verifica com menções nos AA acerca da importância da "sala cheia" (Diário de Campo, 07 mar. 2018), categoria nativa que significa que há vários membros na sala.

Menções ao que chamo de abrangência geográfica e temporal dos AA e NA

Assim como os livros e folhetos das irmandades, os membros dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília também se referem à longevidade das instituições como formas de legitimar o tratamento oferecido por elas. Por exemplo, quando um membro antigo compartilhou que "[a] coisa foi tão bem feita que funciona há 81 anos salvando milhares de vidas" (Diário de campo, 27 jun. 2016) ou quando membros comentaram no intervalo, entre si, que os AA haviam começado em 1935 e já havia salvado "milhares de vidas" (Diário de campo, 07 mai. 2018).

Os membros também mencionam a literatura e a história dos AA (a história da fundação da irmandade nos Estados Unidos, a dos AA em São Paulo e a dos AA-Campos Elíseos, especificamente). Certa feita, um membro compartilhou, a respeito dos AA, que "[a] coisa foi tão bem feita que funciona há 81 anos salvando milhares de vidas" (27 jun. de 2016); em

outra oportunidade, um membro idoso que aparentemente estava há várias décadas nos AA partilhou para recém-chegados que, se entrassem nos AA, os problemas que não desaparecessem pelo menos se amenizariam. Após apontar para algumas cadeiras da sala que estavam vazias durante a reunião, ainda afirmou que elas não estavam vazias, mas que lá estavam companheiros que ajudaram a construir a sala e que já tinham morrido (Diário de Campo, 08 mar. 2018).

Nas reuniões dos AA-Campos Elíseos difunde-se que a irmandade dos AA possui várias décadas e contaram-se algumas vezes a história de seus fundadores e da própria sala. Diferentemente, nos encontros dos NA-Santa Cecília a história da irmandade não foi comentada em nenhuma partilha e tampouco houve menções à história da sala. Diante disso, minha impressão é de que os AA-Campos Elíseos são mais bem sucedidos em se apresentar como uma instituição longeva.

Os membros de ambas as salas também se referem a outras salas das irmandades e muitas vezes isso é atravessado por comentários sobre diferenças de classe social. Isso ocorreu quando um membro dos AA-Campos Elíseos partilhou que "se estranhou" com outro membro da sala e passou duas semanas indo a outro grupo. Lá havia sido bem recebido e que o pessoal de lá era "bonito, receptivo, falam bem" (Diário de Campo, 08 mar. 2018). Em uma conversa privada comigo, uma membra antiga e frequente dos NA-Santa Cecília comentou que todos os NA possuíam a mesma programação, mas que havia diversos grupos dentro da irmandade. Ela começou a falar do grupo Jardins, cujos membros seriam "diferentes" e que, por isso, lá eu não encontraria ninguém sujo ou que morasse na rua (Diário de Campo, 04 jun. 2018). Nesse sentido, acredito que essa abrangência geográfica e social da irmandade, principalmente o fato de a irmandade possuir membros que são narrados como "mais ricos", são elementos que fornecem uma estrutura de plausibilidade para seus membros acreditarem no tratamento.

Mencionar que alguma figura de autoridade apoia que o tratamento oferecido pelas irmandades é eficaz

Em primeiro lugar, gostaria de ressaltar que os AA-Campos Elíseos e os NA-Santa Cecília se localizam nas dependências de uma paróquia católica e isso é algo que coloca esses grupos geograficamente dentro de um lugar que possivelmente seja associado pelos membros com alguma forma de autoridade.

Ademais, alguns membros antigos dos AA-Campos Elíseos alegam que instituições de autoridade apoiam o tratamento. Por exemplo, logo após um membro dos AA-Campos Elíseos, que era alcoólico cruzado, partilhar que começou a frequentar a irmandade a partir de um encaminhamento da Justiça, e que as drogas o levaram para "caminhos desconhecidos", um membro idoso, que dizia estar sóbrio há mais de vinte anos, partilhou que "a relação de AA com Judiciário e com a Igreja é que nós ajudamos a Igreja e o Judiciário". Isso porque, agora os juízes mandavam pessoas para a sala, assim como também faziam os padres e pastores (Diário de campo, 05 jun. 18). Além disso, em uma situação, um membro dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília que usava chaveiros dos NA e tinha a sigla dos NA tatuada no braço sentou no chão da sala durante uma reunião dos AA-Campos Elíseos, recusou-se a se levantar e uma membra chamou a polícia. Dois policiais chegaram e um policial pediu para o membro se retirar, porque ele estava "atrapalhando a aula do pessoal" (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

Por sua vez, nos NA-Santa Cecília os membros narram uma oposição entre a polícia e a sala. Isso se deu quando uma membra contou que foi enquadrada pela polícia na volta de uma reunião. Perguntaram de onde ela estava vindo e como ela "não queria dizer que estava na reunião dos nórias", mentiu e disse que estava voltando do trabalho (Diário de Campo, 04 jun. 2018). Em outra situação, um membro dos NA-Santa Cecília chamou a polícia na sala porque havia uma mulher entorpecida caminhando ali, arrastando as cadeiras e falando sozinha durante a reunião. Após a polícia passar pela sala um membro antigo e frequente, que dizia ter mais de vinte anos limpo e nos NA, partilhou que não gostou de ver polícia na sala, ao que vários membros responderam que se identificavam (Diário de Campo, 05 jun. 2018).

Além de menções a figuras de autoridade, gostaria de chamar atenção a uma hipótese que tenho; de que os membros associam interpretam a materialidade dos livros e folhetos como um item legitimador do tratamento dos grupos. Isso permite investigar como talvez para os membros a própria eficácia do tratamento oferecido por essas salas resida mais na materialidade da sala, com seus livros, folhetos, cartazes, quadros negros e cadeiras enfileiradas do que no conteúdo difundido pelas instituições.

Para tanto, vou analisar brevemente menções que os membros fazem aos livros e folhetos das instituições. Para operacionalizar isso, farei uma divisão entre as citações de uma *literatura específica*, que é quando o nome, uma parte de um livro ou folheto são mencionados especificamente, e da *literatura em geral*, que é quando os membros se referem

ao conjunto ou à noção de literatura das irmandades, e não a um trecho, livro ou folheto determinado.

Essa menção pode ser verbal, mas também não verbal. Em momentos que envolvem uma relação dos membros com a materialidade dos livros e folhetos, considero que haja uma sobreposição entre a *literatura específica* e a *literatura em geral*. Isso porque o que importa para os membros não é necessariamente a relação com o conteúdo da literatura, mas talvez com sua materialidade. Das 37 menções à literatura, 27 envolviam a materialidade da literatura: a) pegar a fonte em mãos; b) apontar; c) membros com frases do programa dos AA e NA tatuadas ou estampadas em camisetas;

Das oito menções verbais feitas à literatura em geral, cinco são aos fundadores nos AA³⁷ e três às "frases" aprendidas nos AA³⁸.

A referência aos fundadores no AA, feita de uma maneira extremamente personalizada pelos membros, mostra uma tensão aos valores difundidos pela instituição, que desencoraja a presença de fotos dos fundadores nas salas para não incentivar o culto à personalidade deles.

Por fim, é de se notar que apesar de a literatura ser lida em voz alta nos momentos prescritos, ela é pouco citada em geral, especialmente nos NA. Em uma ocasião, um membro dos NA pergunta o título da literatura imediatamente após ela ser lida e nenhum dos membros, inclusive o que havia acabado de fazer a leitura, aparentemente sabia identificá-la. O episódio evidencia que, talvez, os membros não prestem muita atenção às leituras, o que faz pensar sobre a forma como se dá a internalização (ou não) dos valores da instituição. Nesse cenário, investigar o papel das regras de interação vigentes nas salas durante as reuniões e sua relação com o que é defendido na literatura dessas instituições como sendo a

³⁷ 1) Um membro antigo e idoso fez uma partilha bem emocionante, disse que no AA eles vão “pinçando a cabeça do recém-chegado até ele entender que aqui é amor” e que isso se deveria à literatura do Bill (Diário de Campo, 07 mai. 2019); 2) membro antigo agradeceu em sua partilha ao programa e a Bill e Bob por terem legado o programa (Diário de Campo, 05 jun. 2018); 3) durante o intervalo um grupo de membros se referiu ao Bill e disse que o AA começou em 1935, já tendo salvo milhares de vidas (Diário de Campo, 07 mai. 2018); 4) uma membra, que diz ter questões psiquiátricas e também é frequentadora do MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas), disse que, por terem sido fundados por um médico, os Doze Passos seriam muito "finos" (Diário de Campo, 03 jul. 2016); 5) um membro frequente discorreu sobre a história dos fundadores e afirmou "a coisa foi tão bem feita que funciona há 81 anos salvando milhares de vidas" (Diário de Campo, 27 jun. 2016).

³⁸ 1) No início da reunião de AA um membro diz que está lendo a literatura e que são muitas frases, que é difícil lembrar delas, que vai ter que tatuá-las (Diário de Campo, 27 nov. 2019); 2) logo após a partilha do membro descrita no item 1 desta nota, outro membro partilha sobre recaídas e diz que, como não queria recair, estudou os passos, as tradições e as frases (Diário de Campo, 27 nov. 2019); 3) logo no início da reunião de AA, membro diz no AA aprendeu várias frases (Diário de Campo, 27 jun. 2016).

eficácia do seu tratamento, principalmente em duas salas com regras de interação muito diferentes e com a mesma base do tratamento, me parece ser bem relevante. Este é o objetivo da próxima seção.

Breve balanço

A meu ver, quando comparado com os NA-Santa Cecília, nas reuniões dos AA-Campos Elíseos os membros acabam por oferecer uma estrutura de plausibilidade maior para os estoques de conhecimento difundidos pela irmandade acerca do que o membro deve internalizar para se recuperar (o *individualismo de base religiosa*), por meio da repetição de que o tratamento oferecido pelos AA funciona, de que a sala dos AA-Campos Elíseos é um "lugar de muito amor", da partilha de suas histórias pessoais de recuperação, da menção a outras salas dos AA e a alusão que figuras de autoridade apoiam os AA. Por sua vez, quando comparado com os AA-Campos Elíseos, nos NA-Santa Cecília essa estrutura de plausibilidade é parcialmente sustentada pelos membros antigos e frequentes, mas é ameaçada pelas críticas à sala, pela narração sobre constantes recaídas e por uma relação de oposição com figuras de autoridade.

Presença variável de individualismo de base religiosa

Diversos membros dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília partilham frequentemente terem passado por situação de rua e/ou terem tido na rua o espaço físico e social onde fizeram (ou fazem) uso de álcool e drogas, o que, tirando em uma situação no qual um membro dos NA-Santa Cecília disse sentir saudades das aventuras da rua (Diário de Campo, 05 mai. 2018), foi sempre narrado por eles como algo humilhante. Ademais, alguns membros narram terem passado por situações que possivelmente ameaçarem para eles uma "sacralidade do eu", como terem sofrido abuso sexual na infância³⁹, terem sofrido abuso sexual na vida adulta⁴⁰, terem passado por situações humilhantes quando entorpecidos, não

³⁹ Em uma partilha um membro dos NA-Santa Cecília disse que antes de entrar na irmandade tinha ódio de homossexuais, pois havia sido abusado na infância, ao que diversos membros presentes na sala responderam "identifico", mas que assim que ingressou nos NA seu primeiro padrinho, que o ajudou muito, era homossexual e que ele passou a respeitar as diferentes orientações das pessoas (Diário de Campo, 06 jun. 2018).

⁴⁰ Uma membra dos NA-Santa Cecília partilhou sobre problemas financeiros e desemprego e afirmou que tinha muito medo de voltar a morar na rua, pois já havia sido abusada sexualmente na rua (Diário de Campo, 23 abr. 2018). Ademais, em uma reunião exclusivamente voltada para mulheres nos

serem levados a sério pela família devido à trajetória marcada pelo alcoolismo e/ou adicção, desemprego, moradia precária⁴¹ e falta de higiene⁴². Ademais, na maior parte das vezes o próprio alcoolismo e adicção é partilhado como algo humilhante⁴³.

No mais, também gostaria de chamar atenção ao fato de que os membros, talvez pela minha presença nas reuniões, em um esforço de manter a fachada da sala e uma fachada pessoal, tenham evitado partilhar sobre situações em que eles tenham passado por situações ruins e em que eles tenham feito ações ruins contra terceiros. Acredito que situações nas quais os membros tenham feito coisas horríveis sejam especialmente evitadas, pois durante uma partilha temática, na qual uma membra antiga dos AA deveria falar sobre a importância da aceitação dentro do grupo, ela partilhou que "na sala você vê estupradores e pedófilos e que não é fácil aceitar, mas que você vê isso e tem que aceitar" (Diário de Campo, 08 de mar. de 2018). Esta partilha me marcou porque em nenhuma das 36 reuniões nas quais fiz trabalho de campo escutei nenhuma menção a infrações de natureza sexual cometidas por membros.

Destaco este aspecto, porque quando sustento que as instituições defendem que o *individualismo de base religiosa* tenha eficácia no tratamento para alcoolismo e adicção e que o "único requisito para ser membro de AA é o desejo de parar de beber", afirmando que "[q]uem quer que você seja, por mais baixo que tenha chegado, por mais graves que sejam suas complicações emocionais —até mesmo os seus crimes— não poderemos negar-lhe AA" (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1952] 2015, s.n.), acredito que haja aí uma valorização embutida do membro enquanto indivíduo, independentemente do que tenha passado ou feito. Em qualquer caso, ele pode se recuperar e melhorar de vida.

Menções à importância de o membro mudar a sua vida e se recuperar são constantes nas reuniões. Muitas vezes os membros partilham acerca de mudanças em suas trajetórias de vida que eles percebem como drásticas. Isso ocorreu quando um membro narrou estar nos NA e limpo há dez anos e que nesse período havia se tornado analista de sistemas. "NA veio para

AA-Campos Elíseos duas membras diferentes narraram a mesma história; que após um porre não lembravam se haviam sido abusadas sexualmente (Diário de Campo, 18 mar. 2018).

⁴¹ Um membro antigo e frequente dos AA-Campos Elíseos partilhou "eu vim de albergue, hoje eu tenho a minha casa, abro a geladeira na hora que eu quero" (Diário de Campo, Diário de Campo, 07 mar. 2018).

⁴² Em uma partilha muito sensível, um membro dos AA-Campos Elíseos narrou que havia saído da situação de rua há muitos anos, mas que nos dias anteriores estava escovando os dentes e subitamente se sentiu muito feliz por perceber que, naquele tempo presente, tinha um lugar para se higienizar (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

⁴³ É relativamente comum os membros de ambas as salas partilharem em um tom de voz meio triste coisas como um membro dos AA-Campos Elíseos; "eu usei muito tempo droga, eu bebi muito tempo" (Diário de Campo, 07 mar. 2018).

quebrar os ditos populares 'pau que nasce torto, sempre torto'" (Diário de Campo, 04 jun. 2018). Nesse sentido, acredito que o tratamento oferecido por essas salas envolve "chancelar" a mudanças na vida do membro e dar uma coerência a um antes e depois que muitas vezes é narrado pelos membros como discrepantes.

Um exemplo disso é quando um membro dos AA-Campos Elíseos de meia idade, cabelo grisalho e que usa camisa social, partilha que é "ex-morador de rua" e que ninguém acredita quando ele conta. Diz: "quando eu fico sem beber, eu não fico na rua, sou chamado pelo meu primeiro nome, às vezes chamado de senhor e às vezes até de doutor, mesmo sem ser doutor". Conta que já comeu lixo no bairro da Santa Cecília e que há uns dias estava com um amigo almoçando num restaurante lá perto, que se pegou escovando os dentes e ficou muito feliz por ter um lugar para se higienizar" (Diário de campo, 05 mai. 2018).

O que chamo aqui de *chancela da mudança* é dado tanto por regras de interação verbais, como quando os membros comemoraram quando um membro partilha sobre mudanças que ele narra como positivas em sua vida. Por exemplo, um membro dos NA-Santa Cecília partilhou que estava há três anos dirigindo sem carteira e que agora iria tirar sua carteira. Três dos quatro membros presentes na sala responderam "isso aí" (o outro estava no celular) (Diário de Campo, 15 mar. 2018).

Assim como nos AA-Campos Elíseos, os membros dos NA-Santa Cecília também partilham sobre a ascensão social dentro do grupo. Um membro fez o ingresso de um recém-chegado e falou que era muito importante que ele continuasse indo aos NA, porque havia "gente que chegou aqui morador de rua e saiu doutor" (Diário de Campo, 05 abr. 2018). Em outras vezes, apareceram partilhas que associavam a ascensão social com indícios de o membro ter saído da situação de rua. Isso se deu, por exemplo, quando um membro antigo e frequente partilhou sorrindo que estava barrigudo, mas que quando chegou aos NA pesava 42 kg (Diário de Campo, 05 jun. 2018).

Ademais, acredito que essa *chancela da mudança* também seja dada por regras de interação não verbais que envolvem uma deferência ao membro e que é narrada através das categorias nativas de educação ou espiritualidade, tal como a partilha de um membro idoso que aparentava ser praticamente cego, narrou em um sotaque caipira que antes o chamavam de vagabundo e bêbado, e que de bêbado podiam lhe chamar, mas vagabundo, não, pois ele partia para a briga. Contudo, depois disso, ingressou na irmandade e "aqui em AA era uma educação tremenda, me diziam 'fica seu Zé' e aí eu fiquei e só posso agradecer" (Diário de Campo, 18 mar. 2018).

Oferecer café também é o que chamo, com a ajuda de Goffman, de ritual de deferência e sua importância é narrada pelos membros. Certa feita, um membro disse que aprendeu a ter estabilidade emocional depois que ingressou nos AA: "eu encontrei AA, falaram que eu era a pessoa mais importante, que tinha um cafezinho" (Diário de Campo, 04 dez. 2019). De fato, há certo hábito dos membros antigos de oferecerem café aos membros novos ou recém-chegados (Diário de Campo, 04 dez. 2019).

Nas partilhas, há menções à ascensão social. Por exemplo, um membro dos NA-Santa Cecília partilha que teve "conquistas acadêmicas dentro do grupo", prestou ENEM, conseguiu o Prouni e bolsa de estudos (Diário de campo, 05 mar. 2018). Uma membra dos NA-Santa Cecília diz que é policial militar graças à irmandade, que lhe permitiu "ficar limpa para prestar um concurso público" (Diário de campo, 14 mar. 2018). Essas narrativas normalmente são associadas ao período em que o membro está na sala. Desse modo, diversas formas de ascensão social são atreladas ao tratamento. Há também há partilhas em que os membros também atribuem conquistas da vida pessoal ao "poder superior" (Diário de Campo, 05 mar. 2018).

Além de menções à ascensão fora das salas, há menções à ascensão dentro das salas também, como quando um membro dos NA-Santa Cecília que narrava estar desempregado, sem moradia e deprimido, e que frequentemente servia café aos demais, partilhou que não era um membro produtivo da sociedade, mas era um membro produtivo dos NA (Diário de campo, 05 mar. 2018).

Ademais, o período anterior à irmandade é constantemente associado com o descenso social, como a situação de rua. Nesse caso, os AA são os responsáveis pela saída do membro daquela situação. Em uma partilha que atraiu a atenção de muitos membros uma membra antiga e frequente narrou que a mãe era alcoólatra, passou fome na infância e em "18 de abril de 1987" morava na rua, quando descobriu os AA.

No NA-Santa Cecília isso também é frequente. Segundo um membro, "[e]ra impossível pra mim conquistar qualquer coisa na ativa" (Diário de campo, 14 mar. 2018). Além disso, a ideia de ascensão social é uma marcação de elementos da vida adulta, como casar e ter filhos, como quando um membro afirmou que, enfim, virou um homem. Disse que passou a vida sendo moleque e que colheu os frutos disso. Hoje conseguiu pagar as contas, deixá-las em dia e está estudando (faz um curso técnico). Antes, achava que era pequeno demais pra estudar. Falou que tem sorte, é casado, fizeram uma cerimônia de casamento com bolo de dois andares, salgadinho, refrigerante e a esposa estava até vestida de noiva. Afirmou

que não quer fazer nada fora do casamento. Falou bem da esposa, disse que a primeira coisa que ele iria perder se usasse drogas era a aliança (Diário de Campo, NA, 05 mar. 2018).

Entretanto, nem sempre o que estou chamando aqui de "ascensão" e saída da situação de rua é narrada pelo membro como completamente positiva. Foi o que a partilha de um membro que usava óculos de grau em sua troca de ficha de 60 dias⁴⁴ de ingresso na irmandade me sugeriu. Ele partilhou que aquele era um dia especial, pois antes dos NA estava há um ano sem óculos e que uma das coisas que a rua tira são os óculos. Depois, partilhou que apesar de estar limpo ainda sentia falta, não das drogas, mas das aventuras que vivia na rua, da possibilidade de uma hora estar em um lugar e de em outra ir fazer uma viagem (Diário de Campo, 05 jun. 2018).

A participação no grupo também foi associada aos bons resultados tidos com o sistema de justiça. Nesse sentido, a partilha de Tales merece destaque. Ele narrou que teve um problema com a justiça e foi ao Fórum Criminal da Barra Funda, um lugar com uma energia muito pesada, onde ele poderia ter tido grandes problemas. Afirmou que, no entanto, chegou lá, conversou "numa boa" sobre o seu problema e foi liberado. Disse que sentiu o "poder superior" com ele naquela hora (Diário de Campo, 15 mar. 2018). O Tales é um membro frequente, algumas vezes exerce a função de coordenador e sempre faz partilhas muito encadeadas. Minha impressão é que ele conseguiu apresentar uma narrativa do "problema" que teve com a justiça no fórum criminal também "bem encadeada" e "reflexiva", provavelmente utilizando estratégias de autonarrativa que ele aprendeu nos NA e que ele acredita que isso influenciou ele ser liberado. Quando ele diz que sentiu o "poder superior" com ele, acredito que estava se referindo aos estoques de conhecimento de senso comum que ele aprendeu no NA e veiculou no fórum.

Também aconteceu de membros dos AA-Campos Elíseos mencionarem terem sido presos (Diário de Campo, 27 jun. 2016, 12 jan. 2020). Além disso, houve membros que mencionaram sentir impulsos agressivos, como quando Roberto partilhou que passou uns dias sem ir ao grupo, pois estranhou um companheiro; para evitar agredi-lo, por duas semanas foi a outros grupos dos AA (Diário de Campo, 08 mar. 2018). Houve, ainda, um membro que foi internado porque surtou e quis matar a mãe, a esposa e "todo mundo". Conversou com o psicólogo e pediu para ser internado, a fim de não ser preso, mas disse que a internação era

⁴⁴ Troca de ficha é um momento durante as reuniões que os membros pegam uma ficha que simboliza há quanto tempo estão sóbrios.

uma prisão (Diário de Campo, 07 mar. 2018). Entretanto, essas menções a impulsos agressivos ou passagem pelo sistema prisional ou mundo do crime não foram narradas de forma positiva.

Ao contrário de nos NA-Santa Cecília, onde apareceram partilhas que valorizavam o mundo do crime e suas regras de conduta. Durante meu trabalho de campo, não houve nenhuma menção dos membros dos AA-Campos Elíseos à participação em atividades criminosas. Por outro lado, nos NA-Santa Cecília foram mencionados a participação e o desejo de envolvimento em atividades criminosas, em algumas oportunidades. O primeiro exemplo que gostaria de dar em relação a isso foi uma situação em que a polícia foi chamada por um membro dos NA-Santa Cecília para acalmar uma membra entorpecida que estava inviabilizando a reunião. Um membro antigo e frequente, partilhou que não gostou de ver a polícia dentro da sala, ao que vários outros membros disseram "identifico". Ele comentou que talvez fosse um trauma porque já chamaram muito a polícia contra ele. Afirmou que “na última cana” apanhou “dois dias e duas noites e não caguetou pois não era X9” (Diário de campo, 05 jun. 2018). O segundo foi o coordenador de uma reunião que falou sobre seu tempo na cadeia. Disse que ficou de 1995 a 2001 no Carandiru, um local muito violento, e que entrou em uma facção (depois disse se tratar do PCC). Segundo ele, “consegui se dar bem” na cadeia e teve uma vida boa lá, mais fácil que a do lado de fora. Disse que entrou e saiu da prisão muitas vezes e que quando saía e ia para casa tomar banho, olhava o shampoo e se perguntava se o pote ia terminar antes de ele voltar para cadeia. Afirmou ter passado cinco anos preso enquanto estava sóbrio e nos NA, que ia fazer serviço dos NA na Febem, saía de lá e ia para uma favela planejar um assalto. Sempre se perguntava por que ia preso, até o padrinho dizer que tinha que parar de roubar e que, apesar de ser bem simples, ele ainda não tinha pensado nisso. Era muito respeitado no mundo do crime e logo “subiu” lá dentro, mas era tão indisciplinado que foi expulso. Também contou sobre sua ascensão na hierarquia dos prestadores de serviço dos NA. Por fim, falou que o mais difícil não foi parar de usar droga, mas sair do mundo do crime (Diário de campo, 11 jan. 2020).

Ambos membros possuíam grande *status* nos NA-Santa Cecília e exerciam funções de serviço na sala. Além disso, a partilha deles foi bem recebida pelos outros membros, que pareceram ficar admirados com o primeiro não ser "X-9" e o segundo ter passado pelo PCC e ter "subido na hierarquia".

Gostaria também de chamar atenção às menções que os membros fazem sobre ascensão dentro de outras instituições que antes eram vistas como distantes ou pouco compreensíveis, como o mundo do trabalho formal, instituições escolares e o judiciário. Um

membro frequente dos NA que aparentava ter uns 30 anos e usava roupas de skatista leu em voz alta um folheto sobre a irmandade dos NA. Afirmou que “NA é bem organizado, é um bando de louco, mas é bem organizado” e criticou quem fala publicamente que é de NA, porque depois a pessoa recai e passa uma imagem ruim da irmandade. Falou sobre como o programa é bom, disse que quem aplica o programa “voa no trampo” e, então, faz um levantamento das coisas boas que aconteceram na vida dele. Enquanto ele fala, ninguém está no celular, e o coordenador mantém contato visual com ele o tempo todo, incentivando-o a falar (Diário de campo, 14 mar. 2018).

Também é usual o relato dos membros de que aprenderam a lidar com o trabalho e a ter responsabilidade no grupo (Diário de campo, 09 abr. 2018, 09 abr. 2018). Alguns membros relatam a perda do emprego, mas isso é muito mais frequente nos NA-Santa Cecília. Quando se menciona a manutenção da situação de desemprego, mesmo com a sobriedade e a frequência ao grupo, o desemprego é a "consequência do alcoolismo" (Diário de campo, 27 jun. 2016).

Acerca da escola, algo que me chama muita atenção é que em uma conversa privada comigo antes de uma reunião, dois membros dos NA-Santa Cecília comigo sobre se sentirem inferiorizados em ambientes escolares (NA, Diário de Campo, 04 de mai. 2018) e outros partilharam tanto que antes do grupo "achava que era pequeno demais pra estudar (NA, Diário de Campo, 05 de mar. 2018), quanto outro membro dos NA-Santa Cecília partilhou que havia voltado a estudar por insistência do padrinho (Diário de Campo, 05 de mai. 2018).

Nesse sentido, inclusive, minha impressão é que a internalização do estoque de conhecimentos do que chamo de *individualismo de base religiosa* é associada pelos membros em suas partilhas como algo que os ajuda a transitar em instituições, como a escola, o judiciário e o mundo do trabalho. Esse trânsito foi associado pelos membros tanto com questões psicológicas, tipo se sentir apto para estar nesse lugar (como no caso de estudar), quanto de aprender normas que os ajudariam a transitar nesses lugares, como a importância de se chegar no horário no trabalho, que eu associo com os estoques de conhecimento difundidos pelas instituições acerca do que chamo de *responsabilidade de base religiosa*.

Outro aspecto do que chamo de *individualismo de base religiosa* difundidos pelos AA e NA é a valorização da reflexividade do membro. As partilhas, centrais nas reuniões dos grupos estudados, são momentos de reflexão sobre si, nas quais os membros são encorajados a construir uma autonarrativa da sua trajetória, associar o consumo de álcool e/ou drogas com

suas características psicológicas e a sempre encarar qualquer acontecimento através de uma ótica individual.

Uma partilha marcante nos NA-Santa Cecília foi a de um membro que narrou que sua psicanalista olhava para ele "com cara de paisagem", esperando que ele "realizasse" alguma coisa que ele não iria conseguir. Logo depois, ele disse ter perdido a magia com a literatura (Diário de campo, 05 jun. 2018). Esse relato merece destaque porque as irmandades defendem que a análise do próprio comportamento é central para o membro atingir e manter sua sobriedade.

Como lemos nos passos 4, 10 e 11 dos AA e NA:

4 – Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.

10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11 – Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2001 [1939], p. 10).

4 – Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11 – Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós o compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1994, n.p).

A meu ver, algo central do programa de tratamento dessas irmandades, e que é parcialmente explicado pela sua matriz protestante, encontra-se na pregação de uma série de valores e atitudes de valorização do indivíduo e do membro pensar sobre si. Nesse sentido, nota-se que, é frequente nos NA-Santa Cecília os membros antigos afirmarem que a recuperação envolve fazer os passos e ler a literatura das instituições. Por exemplo, um membro dos NA-Santa Cecília que narra que "ficar sem usar é fácil, mas a verdadeira recuperação é difícil" e que a verdadeira recuperação envolve fazer os passos (Diário de Campo, 05 mar. 2018) e um membro dos AA-Campos Elíseos que afirmou que "para entrar em recuperação não é apenas parar de beber, mas ler literatura" (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

Abaixo estão figuras originalmente presentes no livro *Os Doze Passos e as Doze Tradições* publicado pelos AA:

Figura 4 - Mulher se auto-analisando



*Preciso dar uma olhada na
minha vida.*

Fonte: *Os doze passos* (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1952] 2018 s.n.).

Figura 5 - Homem refletindo sobre seu comportamento



*Analiso a mim mesmo.
Sou honesto.*

Fonte: *Os doze passos* (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, [1952] 2018 s.d.).

A figura da esquerda ilustra o quarto passo e a da direita ilustra o décimo. Observam-se as posturas "reflexivas" do homem e da mulher que são retratados; ambos refletem sobre aspectos cotidianos das suas vidas. O homem pensa em uma situação vivida de perda de controle, com uma expressão que denota vergonha; a mulher, muito provavelmente, escreve. Isso se alinha claramente com as concepções individualistas de que a consciência é individual e de que o indivíduo possui escolhas.

A questão que se pode colocar é como essa *reflexividade de base religiosa* veiculada pelas instituições, cuja internalização pelos membros é associada com a manutenção da sobriedade, é interpretada pelos próprios membros. Nas partilhas, em geral, os membros parecem aceitar e reconhecer as posições das irmandades. Um exemplo disso se deu quando um membro antigo e frequente, em privado, disse à pesquisadora que outro membro não iria melhorar, porque ele não falava dele mesmo na partilha, e isso era o contrário do quarto passo, que indicava a importância de se fazer um inventário moral de si (Diário de Campo, 05 mai. 2018).

É interessante notar que, durante as reuniões, os membros que falam de si nas partilhas costumam ter mais *status* dentro dos grupos, mesmo quando estão no grupo há não tanto tempo. As partilhas nas quais os membros apresentam uma narrativa de sua história de vida "encadeada", com o estabelecimento de relações de causalidade (principalmente, pela indicação de causas psicológicas para seu alcoolismo/adicção, muitas vezes relacionadas à sua vida familiar na infância), são mais valorizadas e recebem maior atenção dos demais membros. Um exemplo disso é Cassandra, uma membra antiga do AA-Campos Elíseos que afirmava estar há menos de dois anos na irmandade, mas que assumia função na coordenação e em duas reuniões com recém-chegados fez uma partilha muito encadeada acerca do seu tempo da ativa, seu subsequente ingresso na irmandade e como no tempo presente estava melhor (Diário de Campo, 06 mai. 2018, 07 mai. 2018).

Os membros antigos também incentivam os recém-chegados a falarem de si. Conforme vimos, uma membra antiga partilhou que quando começou a frequentar a irmandade dos AA tinha vergonha de partilhar, mas que agora, se deixassem, ela falaria por quinze minutos; comentou, ainda, que quando ela partilhava, ajudava os outros (Diário de campo, 07 mai. 2018).

Além da valorização do que chamo de *reflexividade de base religiosa*, as instituições dos AA e dos NA atribuem valor terapêutico à internalização do que chamo de *responsabilidade de base religiosa*, que envolve uma certa disciplina. Quando comparamos os AA-Campos Elíseos com os NA-Santa Cecília, as regras de interação social vigentes no primeiro são mais "disciplinadas" que no segundo. Os horários das reuniões dos AA-Campos Elíseos são mais respeitados, os membros se mantêm fisicamente mais presentes nas salas e, através do seu idioma corporal, transmitem prestar mais atenção às reuniões. Ademais, apesar de menções à importância e à centralidade da disciplina aparecerem nas reuniões de ambos os grupos, nos NA-Santa Cecília aparecem, com alguma frequência, críticas a ela. Como uma

membra que reclama que insistem que ela venha mais as reuniões (Diário de Campo, 14 mar. 2018) e um membro de ambas as salas, mas que frequentava mais os NA-Campos Elíseos e em que numa reunião dos AA-Campo Elíseos reclamou do que chamou das "regrinhas" deste grupo, como não poder fumar embaixo do toldo da entrada (Diário de Campo, 07 mai. 2018).

Além de defenderem que seus membros precisam frequentar as reuniões das irmandades para se recuperarem, os AA e NA também argumentam que o membro devem evitar lugares antigos, relacionados à vida na ativa para se recuperar. Toda instituição que objetive ressocializar seus membros precisa combater estoques de conhecimento de senso comum de membros que se oponham aos seus valores. Há, além disso, necessidade de controlar o contato de seus membros com pessoas que desafiem tais valores, principalmente quando se trata de pessoas que sejam importantes na biografia do membro. Como explicitam Berger e Luckmann (2014 [1966], pp. 189-208), seitas religiosas afastam seus fiéis do mundo exterior e colocam quem não pertence a essas seitas sob categorias negativas, como "pouco iluminados" e "infieis". Seitas políticas de esquerda anulam o mundo exterior a partir de categorias como "burguês", "a favor do capitalismo" e até a psicanálise ajudaria o indivíduo a ler definições anteriores da realidade com a categoria de "neurose".

Nesse aspecto, acredito que os AA e os NA não sejam diferentes. Ambos combatem estoques de conhecimento de senso comum que percebem como opostos aos valores das instituições e que possam comprometer o envolvimento dos membros. De fato, um dos lemas das duas irmandades é de "evitar pessoas, lugares e hábitos" que prejudiquem a conquista e a manutenção da sobriedade dos membros. Meu objetivo não é fazer um julgamento sobre a eficácia desse lema e avaliar sua real ou fictícia contribuição para a sobriedade dos membros. O que nos interessa é perceber o quanto isso se expressa nas regras de interação das reuniões.

Alguns exemplos desse afastamento do membro em relação a definições contrárias às irmandades são mais "óbvias". As irmandades pregam que o membro se afaste de pessoas que ainda estão na ativa, para assim não recaírem. Outras são mais sutis, principalmente em relação a pessoas e lugares de que o membro não possa ou não deva se afastar fisicamente, como a família. Nesse caso, parece haver um processo de deslegitimação da opinião de familiares. Então, se o marido de uma membra acha que ela está bem e não precisa mais frequentar a sala dos AA-Campos Elíseos, ele é uma pessoa que não está ajudando em sua recuperação e deveria frequentar o Al-Anon, um grupo de Doze Passos para familiares de alcoólatras (Diário de campo, 03 jul. 2016). Se os amigos de uma membra dizem que é

absurdo ela ser alcoólatra, quando segundo ela "todos bebem ou usam alguma coisa", trata-se de pessoas com as quais ela precisa romper (Diário de campo, 03 jul. 2016).

Por sua vez, antigos companheiros de uso de álcool e drogas ou membros dos AA ou NA que não estejam mais frequentando o grupo são, à luz das do estoque de conhecimento da instituição expresso por um de seus membros antigos, pessoas que não querem melhorar e que ainda estão "nos horrores da adicção" (Diário de campo, 06 fev. 2020). Inclusive, há momentos em que os membros antigos e/ou membros frequentes contam histórias de membros que "se desgarraram" das irmandades ou de pessoas que ainda fazem uso de álcool e/ou drogas com a finalidade de transformá-las em "histórias de advertência" e, assim, legitimar a irmandade e defender a importância da frequência às salas. Exemplos disso são tanto a partilha de André, membro frequente e antigo dos NA-Santa Cecília, sempre usa roupa social, trabalha em escritório, é engenheiro de formação e narra logo após outro membro criticar a sala que naquele dia estava se perguntando o motivo de ir para aquela reunião. No caminho, encontrou uma mulher que não via há seis anos e contou para ela "dos milagres da vida dele [...] filho na faculdade, ter feito faculdade, esposa, carro...", ao passo que aquela mulher continuava nos "horrores da adicção". Segundo ele, o encontro com aquela mulher foi o sinal do "poder superior" lhe respondendo sobre o motivo da sua ida (Diário de campo, 06 fev. 2020), quanto o comentário de um coordenador, durante o intervalo da reunião dos AA-Campos Elíseos, em um tom triste e com a voz baixa, no meio de um grupo grande de pessoas, sobre um membro que vivia na rua, entrou nos AA e arranjaram um emprego para ele. Afirmou que quando ele melhorou, achou que estava bem e deixou o grupo. Depois, voltou a beber, voltou a morar na rua e acabou morrendo (Diário de campo, 08 mar. 2018).

Os membros que contam essas histórias normalmente possuem *status* dentro do grupo e frequentam o grupo assiduamente. Eles parecem realmente acreditar que para que os membros mantenham sua sobriedade, devem continuar frequentando o grupo. Quero assinalar o quanto essas histórias se alinham com o interesse das irmandades tanto de angariar membros quanto de manterem membros antigos e frequentes que estejam abastêmios e que, portanto, poderiam deixar de frequentá-las. Frise-se que os membros antigos e frequentes são especialmente importantes para as instituições, porque são os que melhor conhecem e veiculam os estoques de conhecimento de senso comum das irmandades, garantindo seu funcionamento.

Por fim, minha impressão é de que a associação que os membros fazem durante as reuniões sobre evitar pessoas que foram importantes em seu passado para manterem sua

recuperação é atravessada pelo *individualismo de base religiosa* difundido pelas instituições. Com essa argumentação, os membros defendem que há algo (eles mesmos e a manutenção da sua sobriedade) que justifica seu afastamento de outras pessoas. Nesse sentido, os outros elementos significativos que ameaçariam a visão que o membro tem de si mesmo como alguém que merece ser valorizado e o lembram de que sentimentos de vergonha e culpa deveriam ser evitados. Uma membra idosa, que partilhou estar nos AA há décadas, falou que evitava a filha pois ela a lembrava de problemas do passado (Diário de Campo, 03 jul. 2016). Outra membra partilhou evitar postos de gasolina, pois já havia tomado "vários porres em postos" (Diário de Campo, 03 jun. 2016). Acredito que estes relatos sejam especialmente interessantes, pois sugerem que os membros associam a possíveis recaídas tanto a falta de deferência dos outros em relação a eles, como também as lembranças de situações do passado percebidas como degradantes. De outro modo, relacionam situações de deferência com a recuperação.

CONCLUSÃO

Meu objetivo, nesta dissertação, foi investigar como os estoques de conhecimento difundidos pelas irmandades, e que se expressam através tanto dos livros e folhetos que circulam nas salas quanto pelos seus membros antigos se relacionam com as regras de interação dos AA-Campos Elíseos e NA-Santa Cecília, regras as quais os membros antigos de ambas as salas atribuíam uma eficácia terapêutica. A tese apresentada aqui é de que esses membros antigos relacionavam a eficácia variável das reuniões com a vigência de regras de interação social pautadas naquilo que chamei de individualismo religioso, estoque de conhecimento difundido pelas irmandades através de seus livros e folhetos, e cuja internalização pelos membros as instituições assumem como tendo efeito terapêutico.

Nesse sentido, a aposta desta dissertação foi principalmente de natureza metodológica. O objetivo foi investigar como a eficácia do tratamento oferecido por essas irmandades é compreendida por seus membros durante as reuniões por meio da comparação entre dois grupos, um dos quais é tido como mais eficaz que o outro. Em geral, tanto as pesquisas quantitativas que visam mensurar a eficácia físico-orgânica dos AA e NA, quanto as pesquisas das ciências sociais que descrevem o funcionamento das reuniões investigam características gerais às salas que constituem seus referenciais empíricos. De fato, apesar de as pesquisas nas ciências sociais situarem espacial e temporalmente seus dados empíricos e apontarem para as especificidades culturais, econômicas e geográficas das salas pesquisadas, seu foco não reside na comparação de diferentes salas entre si.

Como já destaquei na introdução, devido ao desenho da minha pesquisa, que selecionou um referencial empírico comparativo, e a comparação envolver a percepção dos membros antigos de duas salas, uma das quais os membros teriam um comportamento mais apropriado durante as reuniões e a outra menos, me deixa receosa de os NA-Santa Cecília muitas vezes parecem ao leitor como apenas um exemplo negativo. Embora os membros antigos de ambas as salas difundam que as reuniões dos AA-Campos Elíseos são mais "espiritualizadas", termo que associo com a eficácia simbólica das reuniões, isso apenas quer dizer que esses membros específicos acham isso, e não que algum membro qualquer tenha mais chances de se tornar abstêmio por frequentar os AA-Campos Elíseos do que os NA-Santa Cecília. Até porque, conquanto durante as reuniões dos AA-Campos Elíseos seus membros narrem estar há mais tempo sóbrios, ao passo que nos NA-Santa Cecília haja narrativas de diversas recaídas, e meus dados de campo realmente sugeriram que dentro desta

amostra há uma correlação positiva entre frequentar os AA-Campos Elíseos e professar durante as reuniões acerca da manutenção da sobriedade, essa correlação não significa causalidade. Isso porque diversos membros que ingressaram nos NA migram para os AA-Campos Elíseos (os alcoólicos cruzados) e talvez os AA-Campos Elíseos selecionem os aparentes “casos de sucesso”.

O ponto em que quero chegar aqui é que mesmo que, na prática, a investigação dessas salas sugira que, sim, quando comparadas com os AA-Campos Elíseos, as regras de interação das reuniões dos NA-Santa Cecília são menos baseadas no que as irmandades difundem como sendo uma reunião eficaz, o que isso quer dizer é que as reuniões dos NA-Santa Cecília possuem outras regras de interação. Elas são baseadas em estoques de conhecimento que, quando comparados às regras vigentes nos AA-Campos Elíseos, mostram-se mais externos ao que é difundido pelas instituições.

Apesar das regras de interação vigentes nessas duas salas divergirem, tanto os membros dos AA-Campos Elíseos, quanto dos NA-Santa Cecília afirmam verbalmente a importância das relações de sociabilidade, a que costumam se referir como "amizades". Entretanto, se nos AA-Campos Elíseos os membros conversam entre si antes, após e durante o intervalo da reunião, os membros dos NA-Santa Cecília conversam entre si antes, após e durante a reunião (verbalmente dentro das salas, pelo WhatsApp e do lado de fora da sala). Alguns exemplos da valorização do que chamo aqui de sociabilidade foram momentos como quando um membro antigo e frequente dos AA-Campos Elíseos que se dizia abstinente há 36 anos, indagado em uma conversa privada por mim do motivo de continuar frequentando o grupo, respondeu: "O que eu vou fazer? Ficar em casa... ver televisão, ir pro bar? Eu moro sozinho." (Diário de Campo, 04 dez. 2019) e uma membra antiga e frequente dos NA-Santa Cecília, que exerce frequentemente a função de coordenadora, me disse em uma conversa privada que vivia ao redor dos NA e a demonstração disso, segundo ela, era que aquela era uma segunda-feira às 17h e ela estava lá coordenando uma reunião. Depois, afirmou: "Venho para ver meus amigos" e repetiu algumas vezes que os NA eram como uma família. Afirmou, ainda, que gostava de ir em reuniões nos horários da noite, porque muitas vezes depois saía com outros membros para jantarem juntos.

Apesar de a sociabilidade ser valorizada em ambos os grupos, a percebida nos AA-Campos Elíseos se relaciona mais diretamente com o estoque de conhecimento de senso comum veiculado pelas irmandades do que a dos NA-Santa Cecília, o que é sugerido pelas opiniões veiculadas pelos membros antigos de ambas as salas. Não há menções no meu

caderno de campo de membros antigos dos AA-Campos Elíseos que relacionem a sociabilidade a algo negativo ou prejudicial ao tratamento (exceto em casos em que ela envolve conflitos). Contudo, nos NA-Santa Cecília os membros antigos criticam as conversas paralelas durante as reuniões, as saídas de membros da sala para conversar e a presença de relações afetivas e/ou sexuais entre os membros (Diário de Campo, 05 abr. 2018, 04 mai. 2018).

Algo que seria interessante ser futuramente investigado é de que a sociabilidade dos NA-Santa Cecília se relaciona mais com estoques de conhecimento de outras instituições, como o "mundo da rua" e o "mundo do crime". Isso se verificou, ilustrativamente, no caso mencionado no último capítulo, quando um membro foi criticado por ter chamado a polícia durante um incidente dentro da sala, o que representava o descumprimento de uma regra aprendida no "mundo do crime", a de não ser "X-9" (Diário de Campo, 05 jun. 2018).

Ademais, nos AA-Campos Elíseos há a especificidade das reuniões voltadas exclusivamente voltadas para mulheres e essas reuniões também possuem regras de sociabilidade específicas que muitas vezes se opõem ao que é pregado pela irmandade dos AA. Nas reuniões femininas as membras dão retorno, o tempo das partilhas muitas vezes não é cronometrado, ocorrem muitas interrupções das partilhas pelas membras e o tempo que seria dedicado para as partilhas, de acordo com o *script* da reunião, transforma-se em bate-papo (Diário de Campo, 18 mar. 2018, 05 mai. 2018, 12 jan. 2020). Esse tipo de comportamento, que ocorreu em todas as reuniões femininas em que fiz campo, não vi em nenhum encontro misto (nos AA-Campos Elíseos, NA-Santa Cecília ou nos grupos do trabalho de campo exploratório). Algo que seria interessante ser investigado posteriormente é a quais razões essas membras, que frequentam as reuniões mistas e nelas seguem mais as normas de comportamento veiculadas pelas instituições, associam essa diferença em seu comportamento nessas diferentes reuniões.

Mas, de maneira geral, quando comparo os AA-Campos Elíseos com os NA-Santa Cecília, a sociabilidade do primeiro grupo é mais baseada nos estoques de conhecimento das irmandades do que a sociabilidade do segundo. Isso produz um cenário em que a própria sociabilidade dos AA-Campos Elíseos reforça a transmissão dos estoques de conhecimento veiculados pelas irmandades aos membros. O que a análise desses dados me sugere, é que a sociabilidade nos AA é vista pelos *membros antigos* como algo positivo porque seu conteúdo de sentido tem mais conexão de sentido com os estoques de conhecimentos veiculados pelas

irmandades, principalmente acerca do conteúdo de *individualismo de base religiosa*, tal como defendido pela irmandade.

Por fim, acredito que seria interessante averiguar posteriormente o quanto os membros antigos, e também os demais, associam a eficácia do tratamento oferecido por essas salas com o estoque de conhecimento difundido pelas instituições e o quanto associam com as relações de sociabilidade que constroem nas salas. Afinal, segundo partilhou um membro antigo dos AA-Campos Elíseos, era difícil parar de frequentar bares, mas que, felizmente, ele teria os AA "um lugar que fiz ótimos amigos" (Diário de Campo, 25 nov. 2019).

FONTES PRIMÁRIAS

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos anônimos*. São Paulo: JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, 2001 [1939].

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Reflexões diárias*. São Paulo: JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, 2017 [1990].

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Vivendo sóbrio*. São Paulo: JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, 2018 [1975].

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Manual de serviço de A.A.*. São Paulo: JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, 2018 [1983].

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Juventude e recuperação*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1991a.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *O triângulo da auto-obsessão*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1991b.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Bem-vindo a Narcóticos Anônimos*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1993a.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Para o recém-chegado*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1993b.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Quem, o que, como e por que*. Reimpresso do livreto branco Narcotics Anonymous. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1993c.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Guias para trabalhar os passos de Narcóticos Anônimos*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1996.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Guia Introdutório para Narcóticos Anônimos*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1998.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Informação ao público e ao membro de NA*. Los Angeles: Narcotics Anonymous World Service, 1999.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Narcóticos Anônimos*. Tradução da quinta edição do livro Narcotics Anonymous. Los Angeles: World Service Office, 2015 [1982].

FONTES SECUNDÁRIAS

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. Pesquisa. In: Alcoólicos Anônimos, <www.alcoolicosanonimos.org.br/pesquisa>, 2018. Acesso em 12 abr. 2018.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Os doze passos*. JUNAAB - JUNAAB - Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. In: Alcoólicos Anônimos, <<https://www.aa.org.br/informacao-publica/principios-de-a-a/os-passos>>, 2018. Acesso em 12 jun. 2018.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *As doze tradições*. JUNAAB - JUNAAB - Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. In: <https://www.aa.org.br/informacao-publica/principios-de-a-a/as-doze-tradicoes>. Acesso em: 27 ago. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM - 5. Washington: American Psychiatric Publishing, 2013.

ARMINEM, Ilkka. The Construction of Topic in the Turns of Talk at the Meetings of Alcoholics Anonymous. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 1996, p. 88-130.

ARMINEM, Ilkka. Sharing Experiences: Doing Therapy with the Help of Mutual References in the Meetings of Alcoholics Anonymous. *Sociological Quarterly*, v. 39, 1998.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Ed.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: LTC, 1999 [1977].

BECKER, Howard. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1998] 2007.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2014 [1966].

BØG, Martin et al.. 12-Step Programs for Reducing Illicit Drug Use, *Campbell Systematic Reviews*, v. 13, n. 1, 2017, p. 1-149.

BOECKEL, Cristina. Ex-dependentes relatam histórias em evento de Narcóticos Anônimos no RJ. G1, Rio de Janeiro, 13/06/2015. In: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/ex-dependentes-relatam-historias-em-evento-de-narcoticos-anonimos-no-rj.html#:~:text=Pa%C3%ADs%20%C3%A9%20o%20terceiro%20maior,h%C3%A1%20mais%20de%2030%20anos>>. Acesso em 10 ago. 2020.

BRANDES, Stanley. *Buenas noches compañeros*: historias de vida de Alcohólicos Anônimos. *Revista de Antropología Social*, v. 13, 2004.

BRUNELLO, Eduardo Tadeu. *Ajuda mútua, doença e estigma entre um grupo de Alcoólicos Anônimos*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 2004, p. 1379-1387.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Contágio, Doença e Evitação Em Uma Associação de Ex-Bebedores: O Caso Dos Alcoólicos Anônimos. *Revista de Antropologia*, v. 48, n.1, 2005, p. 315–61.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Porque os alcoólicos são anônimos? Anonimato e identidade no tratamento do alcoolismo. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 13, n. 28, 2009a, p. 19-30.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Por que os Alcoólicos são Anônimos? Anonimato e Identidade No Tratamento Do Alcoolismo. *Interface: Comunicação Saúde Educação*, v. 13, n.

28, 2009c, p. 19–30.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. Lógica Cultural y Lógica Terapéutica En Alcohólicos Anónimos. *Desacatos*, v. 29, 2009b, p. 69–88.

CARDOSO, Ricardo Muniz Mattos. *Só por hoje: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

CHRISTENSEN, Paul. The Program Is Perfect for Managing the American Addict. *Medicine Anthropology Theory*, v. 4, n.5, 2017, p. 23–45.

COCHRANE – COCHRANE DATABASE OF SYSTEMATIC REVIEWS. *Alcoholics Anonymous and other 12-step programmes for alcohol dependence*. Cochrane Database of Systematic Reviews, 2006.

COCHRANE – COCHRANE DATABASE OF SYSTEMATIC REVIEWS. *Alcoholics Anonymous and other 12-step programs for alcohol use disorder*. Cochrane Database of Systematic Reviews, 2020.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da *et al.* Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura. *Ciência saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2015, p. 395-406.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, [1990] 1997.

DONOVAN, Marjorie. A Sociological Analysis of Commitment Generation in Alcoholics Anonymous. *British Journal of Addiction*, 79.4, 1984, p. 411-418.

EHRENREICH, Barbara. *Bright-Sided: How Positive Thinking Is Undermining America*. London: Picador, 2010.

FAINZANG, Sylvie. Lo Innato y Lo Adquirido. *Desacatos*, Cidade do México, v. 29, 2009.

FERNANDES, Florestan. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Nacional, 1959.

FIOCRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ; SENAD – SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. *III Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Pela População Brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017, p.519.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 68, 2008, p. 155-166.

FREHSE, Fraya. *Ô da rua!*. São Paulo: Edusp, 2011.

FREHSE, Fraya. A rua no Brasil em questão (etnográfica). *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 38, n. 2, 2012, p. 99-129.

FREHSE, Fraya. *Da cidade ao corpo e vice-versa: Tempos e espaços (Um percurso)*. 2017. Tese (Livre Docência em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

FROMM, Deborah. *O "fim da Cracolândia": etnografia de uma aporia urbana*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

FRÚGOLI, Heitor; SPAGGIARI, Enrico. Da cracolândia aos nórias: percursos etnográficos no bairro da Luz. *Ponto Urbe*, v.6, 2010.

GENERAL SERVICE OFFICE. Estimated Worldwide AA individual and group membership: Alcoholics Anonymous. In: <https://www.aa.org/sites/default/files/literature/smf-132_Estimated_Membership_EN_1221.pdf>, 2021. Acesso em 10 abr. 2022.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, [1992] 1993.

GIDDENS, Anthony. Durkheim e a questão do individualismo moral. *In: Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo: Editora Unesp, [1995] 1997, p. 147-169.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, [1959] 2013.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, [1961] 1974 .

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Editora Vozes, [1963] 2010.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Editora Vozes, [1967] 2011.

GREIL, Arthur; RUDY, David. Conversion to the World View of Alcoholics Anonymous: A Refinement of Conversion Theory. *Qualitative Sociology*, v. 6, 1983, p. 5-28.

GUETA, Keren; GAMLIEL, Sharon; RONEL, Natti Ronel. “Weak Is the New Strong”: Gendered Meanings of Recovery from Substance Abuse among Male Prisoners Participating in Narcotic Anonymous Meetings. *Men and Masculinities*, v. 24, n.1, 2021, p. 104–26.

HARTMANN, Anna. *Regras de interação social em dois grupos de ajuda mútua em São Paulo: Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos*. 2018. Relatório Final (Iniciação Científica em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

HUMPHREYS, Keith; BLODGETT, Janet; WAGNER, Todd. Estimating the Efficacy of Alcoholics Anonymous without Self-Selection Bias: An Instrumental Variables Re-Analysis of Randomized Clinical Trials. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, v.38, n.11, 2014, p. 2688–94.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Perfil Das Comunidades Terapêuticas Brasileiras*. Brasília: Ipea, 2017.

JAMES, William. *Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. London: Routledge, [1902] 2002.

KASKUTAS, Lee Ann. Alcoholics Anonymous Effectiveness: Faith Meets Science. *Journal of Addictive Diseases*, v. 28, n.2, 2009, p. 145–57.

KELLY, John; GREENE, Claire; BERGMAN, Bradon. Do Drug-Dependent Patients Attending Alcoholics Anonymous Rather than Narcotics Anonymous Do As Well? A Prospective, Lagged, Matching Analysis. *Alcohol and Alcoholism*, v. 49, n.6, 2014, p. 645–53.

KELLY, John et al.. OUP Accepted Manuscript, *Alcohol And Alcoholism*, 2020.

KORNFELD, Rachel. (Re)Working the Program: Gender and Openness in Alcoholics Anonymous. *Ethos*, v. 42, n. 4, 2014, p. 415–39.

LACERDA, Fernanda. Novos negócios hipster valorizam imóveis do centro de São Paulo, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 set 2019. In: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/novos-negocios-hipster-valorizam-imoveis-do-centro-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em 23 set. 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "O feiticeiro e sua magia". In: LÉVI-STRAUSS, Claude *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008 [1949a].

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A eficácia simbólica". In: LÉVI-STRAUSS, Claude *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008 [1949b].

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.

MALLART, Fábio. O arquipélago. *Tempo social*, São Paulo, v. 31, n. 3, dec. 2019, p. 59-79.

In:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702019000300059&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 jul. 2020.

MENÉNDEZ, Eduardo. De Rituales y Subjetividades. *Desacatos*, Cidade do México, v. 29, 2009, p. 107-120.

MENGUE, Priscila. Perfil de morador da Vila Madalena se transformou nos últimos 40 anos. Estadão Conteúdo, São Paulo, 28 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/perfil-de-morador-da-vila-madalena-se-transformou-nos-ultimos-40-anos/>.

MÓDENA, María. Diferencias, Desigualdades y Conflicto en un Grupo de Alcohólicos Anónimos. *Desacatos*, Cidade do México, v. 29, 2015, p. 31-46.

NARCOTICS ANONYMOUS. Orlando – 2018. The Magic is Still Real. In: Narcotic Anonymous, <https://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/wcna/WCNA37_ProgramFinal_WEB.pdf>. Acesso em 02 ago. 2020.

NARCOTICS ANONYMOUS. *Wikipedia*, 22 out. 2021. In: https://en.wikipedia.org/wiki/Narcotics_Anonymous. Acesso em 04 mar. 2022.

NATIONAL ASSOCIATION OF COGNITIVE-BEHAVIORAL THERAPISTS. History of Cognitive-Behavioral Therapy. National Association of Cognitive-Behavioral Therapists Headquarters, 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160506094208/http://www.nacbt.org/historyofcibt.htm>.

NIZET, Jean; RIGAUX, Natalie. A sociologia de Erving Goffman. Petrópolis: Editora Vozes, 2014 [2005].

PARTRIDGE, Eric. Origins A short ethimological dictionary of modern english. Londres: Routledge, 2006 [1966].

PMSP – PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO . Censo da População em Situação de Rua da Cidade de São Paulo, 2019. In: PMSP, https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Produtos/Produto%209_SMADS_SP.pdf. Acesso em 11 abr. 2022.

POLLNER, Melvin; STEIN, Jill. Narrative Mapping of Social Worlds: The Voice of Experience in Alcoholics Anonymous. *Symbolic Interaction*, v. 19, n.3, 1996, p. 203–23.

HISTORY OF Cognitive-Behavioral Therapy. *National Association of Cognitive-Behavioral Therapists*, 2018. In: <https://web.archive.org/web/20160506094208/http://www.nacbt.org/historyofcbt.htm>. Acesso em: 04 mar. 2022.

RAFALOVICH, Adam. Keep Coming Back! Narcotics Anonymous Narrative and Recovering-Addict Identity. *Contemporary Drug Problems*, v. 26, n.1, 1999, p. 131–57.

RAMÍREZ, José Palacios. Redefinir lo Religioso. Un Ensayo de Reflexión a Partir del Estudio de la Espiritualidad en Alcohólicos Anónimos. *Teorías y Prácticas Emergentes en Antropología de la Religión*, 2008b, p. 189-206.

RAMÍREZ, José Palacios. La Construcción del Alcohólico en Recuperación. *Desacatos*, Cidade do México, v. 29, 2009a, p. 47-68.

RAMÍREZ, José Palacios. El Proceso Ritual en las Comunidades de Alcohólicos Anónimos en el Norte de México. *Nueva Antropología*, v. 70, 2009b, p. 143-169.

RAYBURN, Rachel; WRIGHT, James. Sobering up on the Streets: Homeless Men in Alcoholics Anonymous. *Society*, v. 47.4, 2010, p. 333-336.

ROOM, Robin. Alcoholics Anonymous as a Social Movement. Rutgers Center of Alcohol Studies, 1995, p. 167–87.

ROSOVSKY, Haydeé. Alcohólicos Anónimos en México: Fragmentación y Fortalezas. *Desacatos*, Cidade do México, v. 29, 2009, p. 13-30.

RUDY, David; GREIL, Arthur. Is Alcoholics Anonymous a Religious Organization?: Meditations on Marginality. *Sociology of Religion: A Quarterly Review*, v. 50, n.1, 1989, p. 41–51.

SCHÜTZ, Alfred.. The stranger: an essay in social psychology. *American Journal of Sociology*, 1944.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

STAFF, Editorial. 12 Step Programs: 12 Steps to Recovery for Addiction. *American Addiction Centers*, 03 mar. 2022. In: <https://americanaddictioncenters.org/rehab-guide/12-step>. Acesso em 04 mar. 2022.

STEFFEN, Vibeke. Life Stories and Shared Experience. *Social Science & Medicine*, v. 45, n.1, 1997, p. 99–111.

STENIUS, Kerstin. Fat Words and Thin Concepts. *NAD–Nordic Studies on Alcohol and Drugs*, v. 26, n.4, 2009, p. 337–38.

STENIUS, Kerstin. EDMAN, Johan. Why Do We Care? Notes from the Periphery. *Addiction*, v. 106, n. 2, 2011, p. 868–97.

STENIUS, Kerstin; BARBOR, Thomas; MORISANO, Dominique. Publishing Addiction Science: A Guide for the Perplexed, *Publishing Addiction Science: A Guide for the Perplexed*. Ubiquity Press, Londres, 2017.

SWORA, Maria Gabrielle. Personhood and Disease in Alcoholics Anonymous: A Perspective from the Anthropology of Religious Healing. *Mental Health, Religion and Culture*, v.4.1, 2001.

SWORA, Maria Gabrielle. The Rhetoric of Transformation in the Healing of Alcoholism: The Twelve Steps of Alcoholics Anonymous. *Mental Health, Religion and Culture*, v. 7.3, 2004, p. 187-209.

TADVALDA, Marcelo. *Serenos, Corajosos e Sábios: a plataforma terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e seus participantes através de um olhar antropológico*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TERRA, Mauro et al.. Do Alcoholics Anonymous Groups Really Work? Factors of Adherence in a Brazilian Sample of Hospitalized Alcohol Dependents. *American Journal on Addictions*, v. 17, n. 1, 2008, p. 48–53.

TIEGHI, Ana Luiza. Construtora enxuga custos para lançar imóveis populares no Centro, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 jun 2021. In: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/construtora-enxuga-custos-para-lancar-imoveis-populares-no-centro.shtml>. Acesso em 23 set. 2021.

VALVERDE, Mariana; WHITE-MAIR, Kimberley. “One Day at a Time” and Other Slogans for Everyday Life: The Ethical Practices of Alcoholics Anonymous. *Sociology*, v. 33, n.2, 1999, p.393–410.

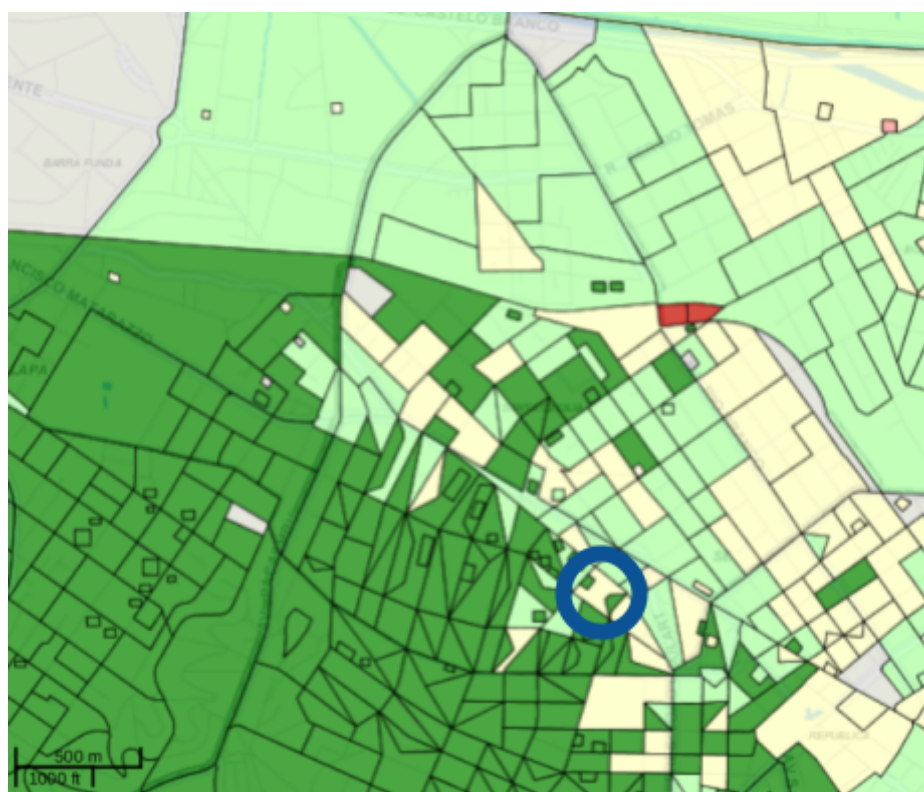
VERSOLATO, Mariana. Grupo dos Alcoólicos Anônimos tem sua eficácia contestada. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27/03/2011. In: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2703201101.htm#:~:text=Aqui%2C%20o%20grupo%20tem%20grande,seita%20que%20contraria%20valores%20laicos>>. Acesso em 10 ago. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro”. In VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. E outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 475-492.

ANEXOS

Anexo I: Vulnerabilidade social em Santa Cecília⁴⁵

Mapa contendo o índice de vulnerabilidade social nas imediações dos AA e NA-Santa Cecília em 2010⁴⁶. Dentro do círculo azul está referenciada a Paróquia de Santa Cecília:



- Sem classificação
- Baixíssima vulnerabilidade
- Vulnerabilidade muito baixa
- Vulnerabilidade baixa
- Vulnerabilidade média
- Vulnerabilidade alta
- Vulnerabilidade muito alta

⁴⁵ Mapa digital da cidade de São Paulo. Prefeitura de São Paulo. GeoSampa Mapa. In: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx?id=77975>. Acesso em: 13 set. 2018.

⁴⁶ Os mapeamento mais recentes divulgados pelo GeoSampa acerca dos índices de vulnerabilidade da cidade de São Paulo são dessa data, 2010.

Anexo III: Tradições de Alcoólicos Anônimos⁴⁹

- 1 – Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de AA.
- 2 – Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum —um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.
- 3 – Para ser membro de AA, o único requisito é o desejo de parar de beber.
- 4 – Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a AA em seu conjunto.
- 5 – Cada Grupo é animado de um único propósito primordial —o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
- 6 – Nenhum Grupo de AA deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de AA a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial.
- 7 – Todos os Grupos de AA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
- 8 – Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
- 9 – AA jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
- 10 – Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, AA jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
- 11 – Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
- 12 – O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

⁴⁹ Cf: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br/index.php/as-doze-tradicoes> acesso em 27 ago. 2018.

Anexo IV: Tradições de Narcóticos Anônimos⁵⁰

- 1 – O nosso bem estar comum deve vir em primeiro lugar, à recuperação individual depende da unidade de NA.
- 2 – Para nosso propósito comum existe uma única autoridade: um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.
- 3 – O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.
- 4 – Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.
- 5 – Cada grupo tem apenas um propósito primordial que é levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.
- 6 – Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio nos desviem de nosso propósito primordial.
- 7 – Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora.
- 8 – Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.
- 9 – NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros de serviço ou comitês diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.
- 10 – Narcóticos Anônimos não tem opiniões sobre questões alheias; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.
- 11 – Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádios e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.
- 12 – O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidade.

⁵⁰ Cf: <http://www.na-pt.org/12-tradicoes.php> acesso em 27 ago. 2018.